

Universidade Federal De Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Tese

Educação como estratégia de subversão de presenças (in)visibilizadas:
uma etnografia do *entrelugar* como (re)existência da negritude

Tereza Cristina Barbosa Duarte dos Santos

Pelotas, 2023

Tereza Cristina Barbosa Duarte dos Santos

Educação como estratégia de subversão de presenças (in)visibilizadas:

uma etnografia do *entrelugar* como (re)existência da negritude

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor(a) em Antropologia, área de concentração: Antropologia Social e Cultural.

Orientadora: Prof^a Dra. Louise Prado Alfonso

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237e Santos, Tereza Cristina Barbosa Duarte dos

Educação como estratégia de subversão de presenças
(in)visibilizadas : uma etnografia do entrelugar como
(re)existência da negritude / Tereza Cristina Barbosa
Duarte dos Santos ; Louise Prado Alfonso, orientadora. —
Pelotas, 2023.

201 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade
Federal de Pelotas, 2023.

1. Racismo(s). 2. Violência. 3. Presença invisibilizada. 4.
Educação. 5. Feminismo negro. I. Alfonso, Louise Prado,
orient. II. Título.

CDD : 301.2

Tereza Cristina Barbosa Duarte dos Santos

Educação como estratégia de subversão de presenças invisibilizadas: uma
etnografia do *entrelugar* como (re)existência da negritude

Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor(a) em Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 17/08/2023

Banca examinadora:

Prof^a Dra. Louise Prado Alfonso (Orientadora)

Pós-doutorado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Prof^a Dra. Cláudia Turra Magni

Pós-doutorado no Institut d'Ethnologie Méditerranéenne, Européenne et Comparative (IDEMEC) vinculado à Université Aix-Marseille/AMU e ao Centre National de Recherche Scientifique/CNRS. Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)

Prof^a Dra. Lori Altmann

Doutorado em Teologia pelo - PPG Faculdades EST

Prof. Dra. Elida Regina Nobre Rodrigues

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof^a Dra. Rosemar Gomes Lemos

PhD na área de Ciências da Arte e do Património pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/PT. PhD na área de novos materiais pela Universidade de Aveiro – Portugal. Doutora em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Agradecimentos

Primeiramente aos meus pais Oyá e Xangô pela concentração, firmeza e assertividade na escrita, a todos os Orixás e a ancestralidade que conduzem minha vida, consequentemente representada em meus familiares que já partiram, mas que com certeza se fazem presentes em cada trecho dessa tese.

As mulheres incríveis da minha família, em especial minha mãe Maria da Graça, que à sua maneira, sempre nos apontou que o único caminho para nossa ascensão e crescimento, enquanto uma família negra, era através dos estudos, e não mediu esforços para isso.

Minhas irmãs Ana Lúcia e Roseane mulheres fortes e determinadas que tanto me orgulham, e que acompanharam e contribuíram para esse trabalho que também faz parte delas.

Os homens da minha família, aqui representados pela minha base, meu esposo Luís Augusto que foi mais do que um parceiro, mas uma rede de apoio emocional muito importante, sabendo compreender todas as minhas ausências e dores durante esse processo, oferecendo seu ombro e seu amor em todos os momentos. Meu filho Gabriel, que acompanha a minha caminhada, sempre me amparando e acolhendo com amor e incentivo em todas as minhas iniciativas, vibrando a cada conquista.

As queridas amigas-irmãs Cecília Boanova, Carla Amaral, Helen Diogo, preciosidades que a vida e o trabalho colocaram no meu caminho; a querida Juliana Nunes, e que assim como essa tríade, é meu suporte em diversas questões, sempre com muito carinho, apoio, torcida e incontáveis horas de leitura conjunta, ponderações e textos compartilhados.

A minha orientadora Louise Prado Alfonso pela nossa relação de parceria, marcada pelo afeto e o respeito, por toda a ajuda para trabalhar essa temática sensível e importante para mim, por me proporcionar vários desafios que contribuíram muito para essa tese e que vou levar para a vida.

Ao Programa de Pós- Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, por todo aprendizado no campo do saber Antropológico e pelas professoras que certamente marcaram positivamente a minha trajetória acadêmica e profissional, aqui representadas na escolha de minha banca avaliadora.

As docentes presentes na banca, mulheres as quais tenho grande admiração por suas trajetórias, pessoais, acadêmicas e seu legado construído em prol de uma educação de qualidade para todos e todas.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense, pelo incentivo a essa pesquisa e a implementação de iniciativas gestadas através desse trabalho, cumprindo a sua missão de trabalhar por uma educação mais inclusiva e plural.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, por falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (p. 03).

Lélia Gonzalez, Racismo e sexismo na cultura brasileira.

Resumo

SANTOS, Tereza Cristina Barbosa Duarte dos. **Educação como estratégia de subversão de presenças (in)visibilizadas:** uma etnografia do *entrelugar* como (re)existência da negritude. Orientadora: Louise Prado Alfonso. 2023. 201f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

A tese traz uma reflexão, a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da Antropologia, sobre as agressões decorrentes do racismo estrutural, sofridas por mulheres negras na sociedade, e o espelhamento dessas dinâmicas em espaços acadêmicos, considerando principalmente o contexto da cidade de Pelotas-RS e região. A negação da intelectualidade, da cultura, religião e do corpo da mulher negra, ainda reverberam, associando a uma identidade ligada à objetificação, hipersexualização, servidão. Nesse sentido o entrelugar (Bhaba, 2010) refere-se à resistência a naturalização da invisibilidade dessa mulher negra na academia, ressignificando essa presença e produzindo a construção de outras subjetividades. A herança do período escravocrata, e de um pós-abolição sem um projeto de inclusão que proporcionasse condições mínimas de uma vida digna para a população negra, tornou a caminhada deste grupo árdua e por vezes análogas as condições vividas no período do cativeiro. Deste modo, partir da trama entre o campo e o vivido, problematizo ausências e violências presentes no contexto acadêmico, como um reflexo da nossa sociedade. Para tanto, considero na escrita não apenas o contexto atual, mas memórias, conexões com outros atores sociais ao longo de minha vida e trajetória acadêmica. O cerne deste texto está amparado em relatos de interlocutores e interlocutoras e em dados de pesquisas realizadas em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, considerando o cenário pandêmico (COVID-19). Dessa maneira, pensando sobre a continuidade de nossas histórias, e da necessidade de materializar as discussões oriundas da pesquisa, produzi um vídeo etnográfico sobre a percepção de mulheres negras de diferentes faixas etárias, e suas vivências em Instituições de ensino superior, considerando a construção de seu(s) entrelugar(es) no espaço acadêmico, associando a poesia, música e o legado espiritual da população negra através das rezas da Nação Cabinda. Essa etnografia, construída coletivamente, foi sendo entrelaçada através dessas narrativas, tendo em comum a resistência, estratégias de permanência e a importância das suas redes de apoio, como determinantes para que seguissem em suas trajetórias acadêmicas e profissionais. O documentário cujo título é: “Airi: do tumbeiro a academia”, tem a intenção de exaltar a caminhada ancestral de resiliência do povo negro, e que é através dela, e de mudanças no campo de possibilidades (Velho, 2003) que a educação proporciona, que estamos lutando pelo nosso lugar enquanto intelectuais. As discussões presentes no texto da tese, corroboram com pensamentos de autores e autoras negros/as, como Almeida (2019), Kilomba (2019), Moreira (2019), Munanga (2005), Ribeiro (2019) entre outros.

Palavras-chave: Racismo(s); Violência Presença Invisibilizada. Educação. Feminismo Negro.

Abstract

SANTOS, Tereza Cristina Barbosa Duarte dos. **Education as a strategy for subverting (in)visible presences:** an ethnography of in-between places as the (re)existence of blackness. Advisor: Louise Prado Alfonso. 2023. 201p. Tese (Doctorate in Anthropology) - Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The thesis brings a reflection, based on the theoretical and methodological references of Anthropology, on the aggressions resulting from structural racism, suffered by black women in society, and the mirroring of these dynamics in academic spaces, considering mainly the context of the city of Pelotas-RS and region. The denial of black women's intellectuality, culture, religion and body still reverberates, associating it with an identity linked to objectification, hypersexualization, servitude. In this sense, the in-between (Bhaba, 2010) refers to resistance to the naturalization of the invisibility of this black woman in academia, giving new meaning to this presence and producing the construction of other subjectivities. The legacy of the slavery period, and of a post-abolition period without an inclusion project that would provide minimum conditions for a dignified life for the black population, made the journey of this group arduous and at times similar to the conditions experienced during the period of captivity. In this way, starting from the plot between the field and the lived experience, I problematize absences and violence present in the academic context, as a reflection of our society. To this end, I consider in writing not only the current context, but memories, connections with other social actors throughout my life and academic trajectory. The core of this text is supported by reports from male and female interlocutors and data from research carried out on social networks such as Facebook, Instagram and Twitter, considering the pandemic scenario (COVID-19). In this way, thinking about the continuity of our stories, and the need to materialize the discussions arising from the research, I produced an ethnographic video about the perception of black women of different age groups, and their experiences in higher education institutions, considering the construction of their place(s) in the academic space, associating poetry, music and the spiritual legacy of the black population through the prayers of the Cabinda Nation. This ethnography, constructed collectively, was intertwined through these narratives, having in common resistance, permanence strategies and the importance of their support networks, as determinants for them to continue on their academic and professional trajectories. The documentary whose title is: "Airi: from tumbeiro to academia", is intended to exalt the ancestral journey of resilience of black people, and that it is through it, and through changes in the field of possibilities (Velho, 2003) that education provides, that we are fighting for our place as intellectuals. The discussions present in the text of the thesis corroborate the thoughts of black authors, such as Almeida (2019), Kilomba (2019), Moreira (2019), Munanga (2005), Ribeiro (2019) among others.

Keywords: Racism(s). Violence. Invisible Presence. Education. Black Feminism.

Resumen

SANTOS, Tereza Cristina Barbosa Duarte dos. **La educación como estrategia para subvertir las presencias (in)visibles**: una etnografía de los lugares intermedios como la (re)existencia de la negritud. Asesora: Luisa Prado Alfonso. 2023. 201p. Tesis (Doctorado en Antropología) - Instituto de Ciencias Humanas de la Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

La tesis trae una reflexión, basada en los referentes teóricos y metodológicos de la Antropología, sobre las agresiones derivadas del racismo estructural que sufren las mujeres negras en la sociedad, y el reflejo de estas dinámicas en los espacios académicos, considerando principalmente el contexto de la ciudad de Pelotas. -RS y región. Aún resuena la negación de la intelectualidad, la cultura, la religión y el cuerpo de las mujeres negras, asociándolas a una identidad ligada a la cosificación, la hipersexualización y la servidumbre. En este sentido, lo intermedio (Bhaba, 2010) refiere a la resistencia a la naturalización de la invisibilidad de esta mujer negra en la academia, resignificando esta presencia y produciendo la construcción de otras subjetividades. El legado del período esclavista, y de un período post-abolición sin un proyecto de inclusión que proporcionara condiciones mínimas para una vida digna a la población negra, hizo que el camino de este grupo fuera arduo y en momentos similar a las condiciones vividas durante el período. de cautiverio. De esta manera, a partir de la trama entre el campo y la experiencia vivida, problematizo las ausencias y las violencias presentes en el contexto académico, como reflejo de nuestra sociedad. Para ello, considero al escribir no sólo el contexto actual, sino recuerdos, conexiones con otros actores sociales a lo largo de mi vida y trayectoria académica. El núcleo de este texto está sustentado en relatos de interlocutores masculinos y femeninos y en datos de investigaciones realizadas en redes sociales como Facebook, Instagram y Twitter, considerando el escenario de pandemia (COVID-19). De esta manera, pensando en la continuidad de nuestras historias y en la necesidad de materializar las discusiones surgidas de la investigación, produje un video etnográfico sobre la percepción de las mujeres negras de diferentes grupos de edad y sus experiencias en las instituciones de educación superior, considerando la construcción de su(s) lugar(es) en el espacio académico, asociando la poesía, la música y el legado espiritual de la población negra a través de las oraciones de la Nación Cabinda. Esta etnografía, construida colectivamente, se entrelazó a través de estas narrativas, teniendo en común la resistencia, las estrategias de permanencia y la importancia de sus redes de apoyo, como determinantes para continuar en sus trayectorias académicas y profesionales. El documental cuyo título es: "Airi: de tumbeiro a la academia", pretende exaltar el camino ancestral de resiliencia de los negros, y que es a través de él, y a través de cambios en el campo de posibilidades (Velho, 2003), que la educación establece, que estamos luchando por nuestro lugar como intelectuales. Las discusiones presentes en el texto de la tesis corroboran el pensamiento de autores negros, como Almeida (2019), Kilomba (2019), Moreira (2019), Munanga (2005), Ribeiro (2019), entre otros.

Palabras llave: Racismo(s). Violencia. Presencia Invisible. Educación. Feminismo Negro.

Lista de Figuras

Figura 1 - Dados violência contra pessoas negras no Brasil.....	24
Figura 2 - Dados da desigualdade de gênero e raça.	25
Figura 3 - Divisão das redes sociais por gênero.	38
Figura 4 - Facebook usuários.....	38
Figura 5 - Instagram usuários.....	39
Figura 6 - Twitter usuários.....	39
Figura 7 - Caso Bombril: Krespinha.	42
Figura 8 - Violência nas redes sociais.....	43
Figura 9 - Violência nas redes sociais.....	44
Figura 10 - Enquete do Instagram sobre racismo.	49
Figura 11 - Violência- Caso Carrefour.....	51
Figura 12 - Cena da série “Greys Anatomy”.....	54
Figura 13 - Cena da série “Greys Anatomy”.....	54
Figura 14 - Post da Uber no Instagram- Campanha antirracismo.	56
Figura 15 - Post da Uber no Instagram - Campanha antirracismo.	57
Figura 16 - Post da Uber no Instagram - Campanha antirracismo.	58
Figura 17 - Memes racistas compartilhados em um grupo de estudantes do ensino médio em Pelotas-RS.	61
Figura 18 - Globeleza recusada pelo público e a escolhida após polêmica.	62
Figura 19 - Propaganda descontinuada com teor racista.....	66
Figura 20 - Comentário do Twitter - Winnie Bueno.	68
Figura 21 - Caso de Racismo por motorista de aplicativo.	68
Figura 22 - Foto da Rainha Ana Bolena e a da atriz escolhida para a nova versão. .	70
Figura 23 - Casos de racismo com mulheres Negras.	72
Figura 24 - Propagandas e produtos com teor racista.	73
Figura 25 - Propaganda da empresa Bombril, acusada de racismo.....	73
Figura 26 - Charge racista e comentários no Facebook.....	75
Figura 27 - Charge racista e comentários no Facebook.....	76
Figura 28 - Racismo na escola.....	77
Figura 29 - Crime de racismo durante a vacinação contra a COVID-19.	82
Figura 30 - Ataques a candidata a reitoria da UFPel.....	83
Figura 31 - Comentários sobre o uso de Black face no carnaval de Pelotas.	85

Figura 32 - Processo criativo e poesia Princesa Pelotas.	88
Figura 33 - A princesa Pelotas.	88
Figura 34 - Poesia "Uma Princesa..."	89
Figura 35 - Ferrovia e trecho do Samba em homenagem ao bairro Simões Lopes. .	90
Figura 36 - Prancha 1 - Bairro Simões Lopes - Arquitetura.....	92
Figura 37 - Educação como um projeto de vida.	93
Figura 38 - O Carnaval faz parte da história do “bairro dos artistas”	94
Figura 39 – Nosso futuro é ancestral-família.....	95
Figura 41 - Bonecas à venda em uma loja popular do centro de Pelotas-RS.	96
Figura 42 - Boneca “Princesa” à venda em uma loja popular do centro de Pelotas-RS.	97
Figura 43 - Cartazes FENADOCE: 1ª, 14ª, 29ª, 25ª e 29ª edições.	99
Figura 44 - Corte da 14ª Fenadoce – 2006: Rainha: Francine Soares Dias (centro), Princesas: Amanda Krolow e Gabriele Chiatoni.....	100
Figura 45 - Baronesas da 29ª Fenadoce, Martaneli Gonçalves de Bittencourt, Larissa Dias Lima, Kayane Medina Teixeira.....	100
Figura 46 - Baronesa FENADOCE 2023 - Kaiane Medina.....	101
Figura 47 - Vó Amália Tereza e Eu.	107
Figura 48 - Vó Rosa Hermínia e Eu.	108
Figura 49 - Cena da série “ <i>For Life</i> ”.	117
Figura 50 - Letra da música "Dona de Mim" (Iza, 2018).....	117
Figura 51 - Manto do Pai Oxalá e chuveiro de pipoca: paz, abundância e prosperidade.	120
Figura 52 - Tatuagens símbolo dos nossos Pais de cabeça: Xangô e Oyá.	121
Figura 53 - Bambuzal simboliza a força da mãe Oyá, o bambu enverga com o vento, mas resiste e não se quebra.	122
Figura 54 - Ancestralidade: Matriarcas, Família e padrinhos.	122
Figura 55 - Relatos dos participantes do curso Negritudes.....	138
Figura 56 - Hipersexualização da mulher da negra.....	147
Figura 57 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista.....	158
Figura 58 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista.....	159

Figura 59 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista.....	159
--	-----

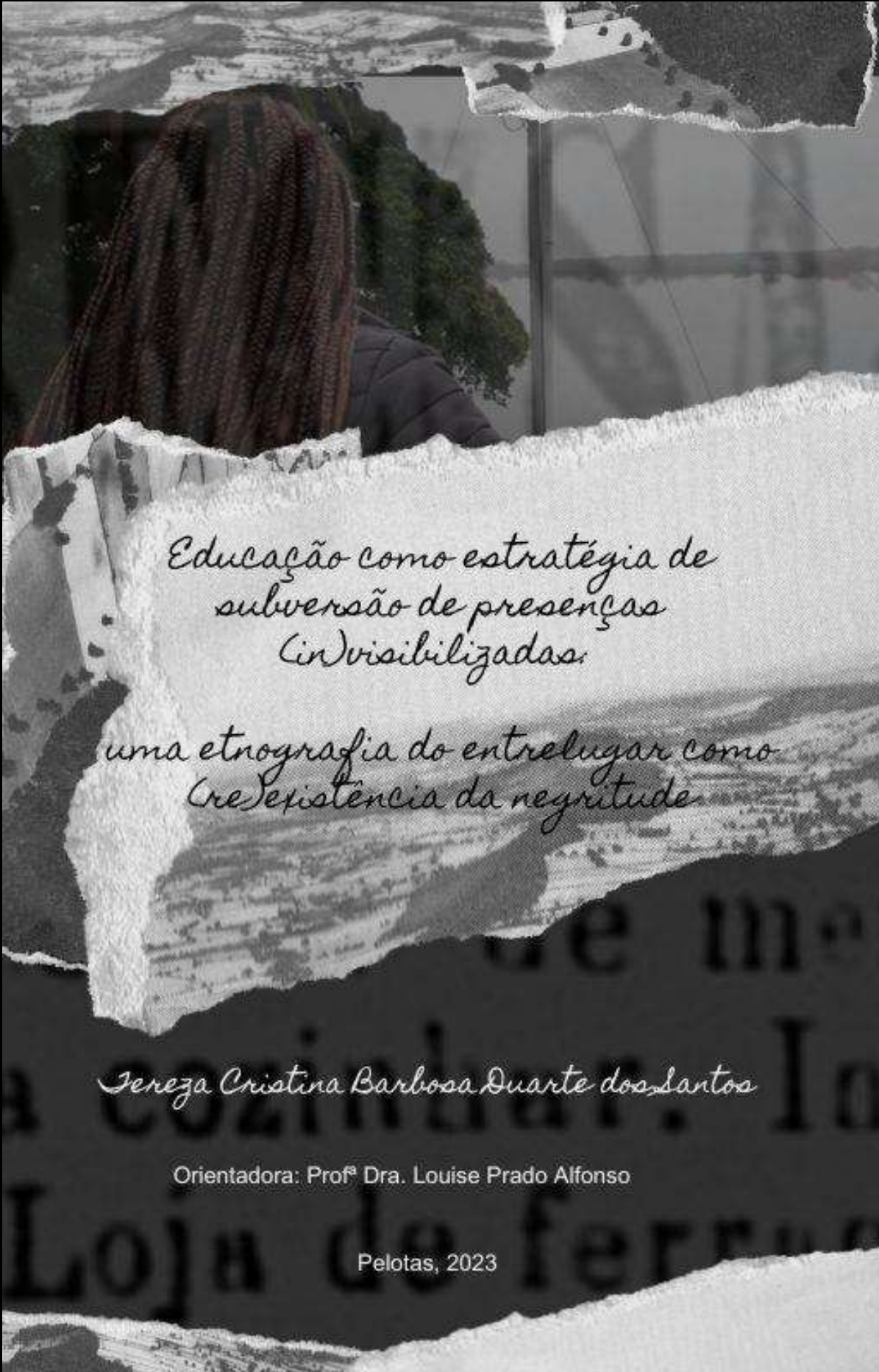
Figuras na entrada de cada capítulo descritas e referenciadas no Apêndice A.

Introdução	20
Justificativa e relevância do tema.....	31
Objetivo geral	31
Objetivos específicos	32
Capítulo 1- Racismo Cotidiano: a violência das ruas, para as redes.	36
1.1 - Ser Negro é viver em estado de alerta: Racismo cotidiano, no mercado de trabalho, nas relações e o discurso de ódio nas redes sociais.....	47
1.2 Pacto Narcísico da Branquitude e o Discurso de ódio nas redes sociais	55
Capítulo 2 – Musa do carnaval, mãe Preta, objetificação e a negação da intelectualidade da mulher negra.	65
Capítulo 3- A negação da negritude: O paradoxo de se viver na Princesa do sul, uma cidade negra que se pensa branca.	80
Capítulo 4- O descobrimento de si: primeiras pistas sobre o racismo	104
4.1 Renascimento	114
4.2 E então...cheguei ao PPGAnt.....	117
Capítulo 5- A escola é para quem? Quando o ponto de partida é diferente: uma reflexão sobre meritocracia;	126
5.1 A escravização acabou..., mas ainda nos colocam a máscara... Qual é o padrão da intelectualidade? Qual é o padrão do currículo?	133
5.2 As instituições de ensino estão de fato preparadas para receber em suas estruturas outros saberes, realidades e pessoas?	135
Capítulo 6- A Invisibilidade da mulher negra no contexto acadêmico- Uma construção social	145
6.1 “Somos os sonhos mais ousados dos nossos ancestrais”- Proposições...	153
Considerações Finais	166
Referências	169
Apêndices	178

Apêndice A – Descrição e referência das imagens da entrada de cada capítulo	179
Apêndice B – Álbum Sonoro	181

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, por falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (p. 03).

Lélia Gonzalez,
Racismo e sexismo na cultura brasileira



*Educação como estratégia de
subversão de presenças
(in)visibilizadas.*

*uma etnografia do entrelugar como
reexistência da negritude*

Tereza Cristina Barbosa Duarte dos Santos

Orientadora: Prof^a Dra. Louise Prado Alfonso

Pelotas, 2023

Sumário

Capítulo 1

Racismo Cotidiano: a violência das ruas para as redes.

Capítulo 2

Musa do carnaval, mãe Preta, objetificação e a negação da intelectualidade da mulher negra.

Capítulo 3

A negação da negritude: O paradoxo de se viver na Princesa do sul, uma cidade negra que se pensa branca.

Capítulo 4 (auto etnográfico)

O descobrimento de si: primeiras pistas sobre o racismo.

Capítulo 5

A escola é para quem? Quando o ponto de partida é diferente: uma reflexão sobre meritocracia.

Capítulo 6

A Invisibilidade da mulher negra no contexto acadêmico: Uma construção social.

Considerações finais
Referências Bibliográficas



Introdução

Pesquisa como vida e vida como pesquisa

Escrever é subverter o silenciamento, um ato de pura resistência, e no meu caso, uma catarse. Digo isso, aliás, porque não tinha tido ainda a oportunidade de falar sobre tudo (ou quase) que me afeta e abarca meu cotidiano. Nem tudo que relato aqui neste texto¹ se refere diretamente ao racismo, mas é importante considerar que este discurso vem de uma mulher negra, periférica, pobre, em que todas as violências sofridas acabam sendo atravessadas em algum momento pela questão racial, as quais ao longo da escrita, serão reveladas.

Permeando toda a discussão, trago a marcação de alguns elementos da linguagem visual ao longo da escrita, além da música, da poesia e do desenho, corroborando com a minha primeira área de formação, Artes Visuais. A cor preta nas páginas, com as letras brancas, faz parte de uma pequena subversão que quebra o paradigma de uma academia, que ainda nos coloca em um sistema completamente etnocêntrico. Rompo com esse ideal, através da escrita, e através da imagem, dando voz ao virtual, falando da vila, do bairro e me conectando às falas destes autores e autoras, que tanto me acalentaram e me desacomodaram ao longo do curso. Penso que somente a Antropologia, conseguiu finalmente dar conta do que eu precisava dizer, que minhas dores e cicatrizes fazem parte de algo maior e cruel, que destrói vidas e sonhos: o racismo.

Inicialmente, a ideia desta tese era pensar a invisibilidade de pessoas negras no contexto acadêmico e, em um primeiro momento, me vem a ideia de não-lugar a partir de Marc Augé (1992), buscando conceituar a sensação de não pertencimento, não reconhecimento e integração de pessoas negras na sociedade. Amadurecendo esta reflexão me dou conta de que na verdade, não somos invisíveis e sim invisibilizados, silenciados. O racismo reafirma constantemente esta ideia, quando cria no imaginário coletivo deslocamentos e estranhamentos sobre estes sujeitos quando ocupam posições de poder e espaços de tomada de decisão. Nesse sentido é necessário considerar que a ausência e a violência direcionada às pessoas negras no cotidiano, em diferentes contextos, é reflexo de um pensamento hegemônico, que se

¹ O texto da tese contém além da pesquisa de campo e referenciais, trechos de trabalhos acadêmicos desenvolvidos ao longo das disciplinas cursadas no doutorado e memorial da autora, visto que as temáticas se alinham e complementam.

reflete nos espaços acadêmicos. Sobre isso, trago várias situações e começo a escrita, com uma das várias vividas por mim, mulher negra, professora de uma instituição federal de ensino tecnológico, que ainda é confundida com uma aluna, colaboradora ou visitante mesmo estando a frente de uma turma. Quando em 2015, em uma instituição particular de ensino superior atuava como coordenadora de curso, e mesmo sendo a única pessoa na sala dos coordenadores, as pessoas ainda tinham dúvidas de que eu pudesse ocupar aquela posição. O não-lugar segundo Marc Augé (1992) refere-se a um espaço transitório de circulação onde diferentes significados e possibilidades são construídos, como um shopping center, uma sala de embarque, um ônibus por exemplo e, portanto, este conceito não contemplaria a nossa discussão. Já o conceito de entrelugares de Homi Bhaba (2010, p. 20) mostra que esses "entrelugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - Singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. Ao transitar livremente em espaços de poder, onde o corpo de uma mulher negra não é esperado, provooco o rompimento de uma ideia, de um senso comum, que ainda não associa o meu pertencimento a esses lugares. Percebo que este movimento não começa comigo, mas sim com a minha linhagem ancestral, a partir de minha bisavó Dorica, que era colaboradora da limpeza na instituição onde hoje sou docente e, também, no movimento criado pelas escritoras e escritores negros citados neste trabalho, que me aquietaram e inquietaram o coração, e me fizeram acreditar que a partir da educação eu podia chegar aonde quisesse.

Criar esta tese em meio a uma pandemia, me trouxe uma série de adaptações a uma nova rotina, me colocou em conexão comigo mesma, revisei memórias; me obriguei a desacelerar e repensar meu campo, a observar, me trouxe também um maior autoconhecimento. Não há como negar a existência do racismo: ele está entranhado em nossa sociedade, mata e opera como um mecanismo de manutenção de privilégios, exclusão e silenciamento em todas as esferas, nossas relações são em maior ou menor grau racializadas, e sim, as pessoas escondem o seu racismo.

A dificuldade desta missão? Fazer meus interlocutores e interlocutoras manifestarem-se sobre o racismo de forma honesta, sem a preocupação do que é "politicamente correto e socialmente aceito", vez ou outra alguma situação até apareceria em momentos de interação, mas com o distanciamento social devido a pandemia (COVID-19), no ano de 2020, essa dinâmica acabou por ficar inviabilizada

por um tempo. Ao reconfigurar a minha busca, me reporto a Mariza Peirano (1992, p.8) que afirma que o lugar da pesquisa de campo no fazer antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas sim um procedimento com implicações teóricas específicas. A pesquisa se compõe de uma artesanaria de relatos, situações, cenas e teoria, não necessariamente nesta ordem, e tampouco seguindo uma lógica de tempo linear e, eu, artista-docente de formação, pretensa antropóloga me vejo construindo essa trama, tendo também o espaço virtual como colaborador. Nesse sentido Cláudia Ferreira Ferraz (2019, p.48) argumenta sobre a importância deste novo modo de fazer campo como parte de um fazer antropológico alinhado com a sociedade contemporânea:

Na Antropologia clássica, os livros, informantes e percursos terrestres eram tidos como a condição para os contatos preliminares no início pesquisa, no entanto, na esfera atual das relações sociais em rede, são comumente substituídos por ícones em telas conectadas via on-line. Portanto, é a partir da entrada nos sites de busca e nas redes sociais onde se encontram as referências preliminares das diferentes temáticas do estudo, correspondendo ao lugar onde se inicia o emprego da etnografia. Não obstante a isso, ao considerar a Internet como portal de dados, podemos convergir sobre o caminho da proposta etnográfica tradicional de Mauss (1993, p. 5-7), que se denota na ação do etnógrafo em “observar e classificar os fenômenos sociais”, pois as “diversas formas de olhar”, agora em rede digital, de antemão proporcionam “o contato com um universo de possibilidades de estudos” em constante movimento. (p.48)

O campo acabou por fazer parte do meu cotidiano como usuária das redes sociais (que antes serviam para comunicação, distração e interação), onde a informação e o debate fluem de forma rápida, orgânica e rizomática. Nesse sentido me reporto a José Guilherme Magnani (2002, p.17), quando inserida no meio digital, no bairro, na cidade de Pelotas, nos espaços acadêmicos, revisitando histórias e minhas memórias, me proponho a fazer uma etnografia como ele mesmo diz, de perto e de dentro:

Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um insight que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. (p.17)

Meu papel, nas redes neste caso, será conter (pelo menos por hora) a efemeridade desses encontros virtuais, através da observação participante. Citando Gilberto Velho (1987, p.42), que afirma que a “realidade” seja ela familiar ou exótica,

sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, sendo percebida de maneira diferenciada. As páginas pesquisadas e seus seguidores passaram a ser também meus interlocutores e interlocutoras, uma rede rica e de potencial enorme a ser explorada, onde acompanhava cada debate, cada posicionamento. Aos poucos, este grande mural de informações se compunha, materializando um pensamento e criando a certeza de que ainda temos muito a evoluir como seres humanos. Minha vivência no doutorado e o contato com a teoria me fez e me faz, observar o familiar agora considerando perspectivas que anos atrás eu não teria, o que é algo libertador, mas também doloroso em alguns momentos. Sobre isso o Velho (1987) ainda assegura que:

De qualquer forma, o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma Antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. (p.46)

Sendo assim, foquei meu olhar nas redes sociais, onde blindadas e protegidas em suas casas, as pessoas geralmente se manifestam com uma absurda sinceridade e total falta de preocupação e empatia com o outro. O “politicamente correto”, por vezes, escapa, vaza, se ausenta, e um simples card, ou cena printada podem gerar discussões e reflexões que mostram, todo o preconceito guardado nas profundezas de cada ser; o quanto o racismo, o machismo, sexismo e homofobia são servidos em um banquete sórdido ao qual diariamente, somos convidados a participar.

A ausência de pessoas negras em vários segmentos da sociedade brasileira é uma realidade incontestável, e quando consideramos o recorte de gênero o cenário é ainda pior. Mulheres negras não são presença frequente em lideranças, postos de relevância e tomada de decisão e, inclusive nos espaços acadêmicos. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública² nos últimos anos, as estatísticas de cor ou raça mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial, se é que algum dia isso será possível.

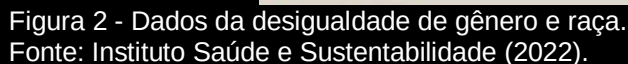
² https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2022/



Figura 1 - Dados violência contra pessoas negras no Brasil.

Fonte: Observatório Metrôpoles(2021)³

³ <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/> (acesso em 13/10/2021)



Na figura 2, acima, o infográfico⁴ ilustra alguns dos dados citados a seguir, onde em média, as pessoas brancas têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre as que frequentam o ensino superior, por exemplo. Além de todo o processo histórico, o legado do período da escravização que ainda reverbera no cotidiano das pessoas negras é que vivemos em uma sociedade em que produtos, serviços e entretenimento, desconsideram a contribuição do povo negro, e em sua maioria, reforçam estereótipos negativos como a irresponsabilidade, a malandragem, a hipersexualização e a criminalidade.

Para o professor Otair Fernandes⁵ a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravização⁶ e destaca as causas no trecho a seguir:

O professor ressalta que, mesmo após 130 anos de abolição, ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil. “A questão da escravização é uma marca histórica. Durante esse período, os negros não tinham nem a condição de humanidade. E, pós-abolição, não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade brasileira. Mesmo depois de libertos, os negros ficaram à própria sorte. Então, o Brasil vai se estruturar sobre aquilo que chamamos de racismo institucional”, lembra. Fernandes afirma que atitudes individuais não são suficientes para romper essa questão socialmente e historicamente, e ressalta a importância de políticas públicas de ações afirmativas. “É preciso pensar em políticas de afirmação do negro. Políticas de valorização daqueles que foram marginalizados e excluídos”, diz.”
(Fonte: <https://www.observatoriodasmegropoles.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/>) acesso em 13/10/2021.

Com relação os impactos desta dívida histórica no cotidiano das pessoas negras até os dias atuais Rosemar Lemos (2019, p.22-24) problematiza a permanência de uma visão benevolente e heroica do senso comum sobre a libertação das pessoas negras no Brasil:

A naturalização da “liberdade” sem qualquer medida reparatória pelos danos causados a um grupo social e o racismo cobraram do estado- por exigência do movimento negro- a instituição de uma política que corrigisse as injustiças sociais e desnivelamento econômico entre as etnias presentes. Enquanto portugueses, alemães e italianos receberam terras para se instalarem no Brasil, os negros e indígenas ficaram restritos às periferias e espaços sem a mínima infraestrutura e em péssimas condições de saneamento básico. (...) a realidade do Brasil em muito se difere dos Estados Unidos, cuja população negra teve acesso a educação de nível superior desde o século XIX e na década de 60, mediante lideranças como Martin Luther King e Malcon X, negros e negras conquistaram direitos civis e a redução da segregação racial entre outras políticas de ações afirmativas. (p. 22-24)

Micro agressões e macro agressões são presenciadas cotidianamente, naturalizadas e minimizadas pelo racismo estrutural presente no discurso do senso

⁵ Fonte: <https://www.observatoriodasmegropoles.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/>), doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Leafro/UFRRJ).

⁶ Não há, nunca houve, nem haverá escravos. O ser humano, sob violência física ou simbólica, tem sido escravizado, mas não escravo. O escravo é um ser inerte convencido de sua inferioridade face ao opressor, subordinado em todas as esferas da vida. Isso, nenhum ser humano o é.(...) A liberdade é condição da espécie humana, integra a nacionalidade dos humanos. Liberdade é oposição da escravização, posto que escravidão seja apenas a dominação de formas de escravização como vigentes na antiguidade. (Jornal da USP, 2020). Disponível em : <https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/> (Acesso julho 2023).

comum, reforçadas pelo pacto narcísico⁷ da branquitude⁸. Este acordo, conforme a pesquisadora Maria Aparecida Bento (2002) é um pacto entre iguais que é não verbalizado, onde pessoas brancas sempre asseguram para outras pessoas brancas lugares mais qualificados, ou seja: “*confio mais nos meus iguais*”, e opera na manutenção de privilégios que pela branquitude, não são reconhecidos como tal, mas sim como “mérito”. Branquitude que permanece significando poder e que Lourenço Cardoso (2017, p.81) ressalta que “a identidade racial branca é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e o do racismo”, reflexos de uma história de desumanização e subalternização dos corpos negros. A questão a ser levantada neste estudo pretende problematizar a manutenção de **ausências**, e de **presenças invisibilizadas** de mulheres negras nos espaços acadêmicos. Fato que não se refere apenas ao sentido físico, visto que há um número expressivo de pessoas negras em postos subalternos e braçais, mas no sentido epistemológico e intelectual. **A suspeita (ou afirmativa?)** aqui é de que há um engendramento composto pelo etnocentrismo, o racismo e suas variantes (estrutural, institucional, recreativo, religioso), e o sexismo associados a violência simbólica presente no cotidiano. Estes, são fatores relevantes para a manutenção de um ciclo de negação desta presença e intelectualidade negra, perpetuada e refletida na academia e no mercado de trabalho.

Neste estudo será feita primeiramente, uma autoetnografia, considerando minha trajetória pessoal e acadêmica, enquanto mulher negra e periférica, que fala de um lugar de quem frequentemente se viu e se sentiu como a única nos espaços onde transita, acadêmica e profissionalmente e mesmo assim seguiu resistindo. Neste sentido, enquanto pesquisa qualitativa é pertinente o uso da autoetnografia pois segundo Ellis, C.; Adams, T. E.; Bochner, AP (2015, p.252):

Como método, la autoetnografía combina características de la autobiografía y de la etnografía. En una autobiografía, el autor escribe de manera selectiva acerca de sus experiencias pasadas. Por lo general, el autor no atraviesa estas experiencias solamente para hacerlas parte de una publicación sino

⁷Entrevista no programa Pretitudes: **O que é pacto narcísico da branquitude?** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9081632/>> exibição em 07/12/2020. Acesso em 29/07/2021.

⁸ O termo branquitude foi utilizado a partir das discussões de Lourenço Cardoso (2017). O autor define como **Branquitude Crítica**: aquela que pertence ao indivíduo ou grupo de brancos que desaprovam publicamente o racismo. **Branquitude acrítica**: aquela em que indivíduos ou coletivos argumentam a favor da superioridade racial. CARDOSO, Lourenço. **A Branquitude Acrítica Revisitada e as Críticas**. In: Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil/Tânia Mara Pedrosa Müller, Lourenço Cardoso. -1ªed- Curitiba, Appris, 2017.335p.

que, más bien, las reconfigura a través de una mirada retrospectiva (Bruner, 1993; Denzin, 1989, Freeman, 2004). Durante el proceso, el autor también puede entrevistar a otros, así como consultar textos tales como fotografías, revistas y grabaciones que contribuyan a recuperar sus recuerdos (Delany, 2004; Didion, 2005; Goodall, 2006; Herrmann, 2005). (p. 252)

Los autoetnógrafos no sólo deben hacer uso de herramientas metodológicas y de la literatura científica para analizar la experiencia, sino que también deben tomar en cuenta las formas en que otros podrían experimentar similares epifanías, utilizando la experiencia personal para ilustrar las facetas de la experiencia cultural, y, de este modo, hacer que las características de una cultura sean familiares para propios (insiders) y extraños (outsiders). (p.254)

Joselina Maria da Silva e Maria Simone Euclides (2022, p.80) também abordam o potencial da autoetnografia, como estratégia para tratar a pauta racial e romper com as epistemologias vigentes, que privilegiam um determinado tipo de saber e de fazer ciência. Neste sentido, destaca a importância desses dados coletados, também para o/a pesquisador/a visto que propõem-se uma teoria vivida, uma análise profunda dentro da perspectiva de quem vivencia a exclusão, e não apenas como objeto de pesquisa, conforme o argumento a seguir:

Imperioso reiterar que a autoetnografia, enquanto proposta teórica e metodológica de pesquisa, faz-nos trilhar caminhos de compreensão de nossas práxis, ao lado de diferentes agências à luz de um contexto social macro. Frequentemente utilizada pelos grupos tidos como marginalizados - movimentos feministas, mulheres negras, população LGBTQi+ - trata-se de um dispositivo e uma perspectiva de pesquisa que vem sendo ampliada no campo dos estudos sobre as questões sociais de raça, gênero e sexualidades. (p. 80)

Mesclando-se à observação participante, vai sendo construída essa escrita etnográfica, constituída por vários atores que se somam à minha caminhada por vezes solitária, contribuindo com suas narrativas, tanto em minhas experiências enquanto docente, acadêmica, antropóloga em construção, que ativam memórias e ressignificam cenas. Contemplam as ações realizadas durante a pesquisa de campo, as atividades desenvolvidas no curso sobre relações raciais na educação, **“Negritudes: Reflexões Sobre Histórias e Cultura Afro-brasileira em Pelotas”**,⁹ realizado de julho a outubro de 2020, uma ação do projeto de extensão “Narrativas do Passo dos Negros: um exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação”, que está vinculado ao projeto de pesquisa “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”. Ambos os projetos foram

⁹ Ver em anais do ENPOS/UFPel 2020.

desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A proposta surge de uma demanda da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) de Pelotas-RS como forma de aprofundar o debate sobre relações raciais na educação e sobre temáticas apresentadas em livros didáticos. A minha participação na equipe que elaborou esse curso, tinha como objetivo de aproximar ensino, pesquisa e extensão, considerando justamente a escola como um reflexo do que acontece na sociedade. Primeiramente a ideia foi de ofertar um curso para docentes da rede municipal de Pelotas-RS e região, de forma presencial, mas devido ao contexto da pandemia (COVID-19), foi adaptado para a forma remota. Com essa modificação, percebemos um grande interesse e procura pelo curso, e decidimos abrir as inscrições contemplando também a sociedade civil e estudantes, atingindo um público de em média duzentas pessoas, de diversas regiões do país. A partir de atividades síncronas e assíncronas se construiu um planejamento e um cronograma onde os participantes pudessem refletir e problematizar a educação em contexto racializado, e reconhecessem as particularidades do racismo presentes na estrutura da sociedade brasileira. Oferecendo subsídios para que estes/as trabalhadores/as, abordassem as questões raciais de forma qualificada e contextualizada, considerando as características históricas locais.

Para complementar a pesquisa, foi feita uma etnografia virtual onde utilizo como fonte principal as informações de três redes sociais: *Facebook*¹⁰, *Instagram*¹¹ e *Twitter*¹², assim como os comentários presentes nos tópicos. Sobre isso, Ferraz (2019, p.53) reitera o potencial das redes sociais para a pesquisa antropológica:

¹⁰ O início do Facebook se deu em 2003, quando Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes na Universidade de Harvard, desenvolveram uma rede social exclusiva para o campus. Em 2004, Zuckerberg criou o thefacebook.com, que se tornou o Facebook no ano seguinte. Disponível em < <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/>> (acesso em 13/09/2021).

(Fonte: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/>)

¹¹ A rede social permite o compartilhamento de fotos e vídeos, bem como a integração com outros aplicativos. Entre as suas funcionalidades estão a aplicação de filtros, o Boomerang, os Stories, além das gravações e transmissões de vídeos ao vivo. Atualmente, o Instagram também é um dos principais veículos para a publicidade de empresas de todo o mundo. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>> (acesso em 13/09/2021).

¹² Como companhia isolada desde 2007, a plataforma oferece aos usuários um espaço para conversação e compartilhamento de conteúdo escrito, fotografias e vídeos. Além disso, uma das principais ferramentas do Twitter, os Trending Topics, disponibiliza aos usuários os assuntos mais falados do mundo no momento. Disponível em: < <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>> (acesso em 13/09/2021).

Mais que um campo de interação social, as mídias em rede on-line produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas. Em virtude dos deslocamentos possíveis da hibridização entre tecnologia on-line e corpo, a saber, da utopia da cibercultura aos desdobramentos do ciberespaço para uma forma de sociabilidade superior à mundana, atinge-se agora, uma visão mais distópica, dadas as qualidades presenciais estarem transpostas às telas pelas redes sociais. Tal fato, faz por exigir da metodologia a adaptação à distintas subjetividades sócio-digitais, para releituras histórico-epistemológicas, a fim de tornar hábil o estudo sobre outras plataformas e aparatos, com seus efeitos e poderes sendo exercidos além do campo digital, associando, assim, outros significados e representações. (p.53)

Deste modo, a tese é toda construída de forma etnográfica a partir relatos que demonstram diferentes narrativas, onde algumas nitidamente são atravessadas pelo impacto dos discursos hegemônicos da branquitude, que permeiam o nosso cotidiano, invadindo nossa vida, nossa casa, nossas relações sociais, perpetuando um ideal que rejeita, marginaliza, adoece e invisibiliza pessoas negras nos mais diversos espaços, inclusive o espaço acadêmico. Somado ao aporte teórico, teremos a base para o corpus da tese, que indica o racismo estrutural como um dos fatores preponderantes na construção da exclusão da população negra em todos os aspectos. A negação destas pessoas se esconde atrás de uma *pseudo democracia racial*, um acordo silencioso que paradoxalmente permite uma presença, mas que ao mesmo tempo, é limitada e invisibilizada através de padrões eurocêntricos, silenciamentos, julgamentos, estranhamentos e deslocamentos. Ao longo do texto, será possível perceber que esse “embate velado” usa estratégias sutis, que visam a manutenção dos privilégios da branquitude nas estruturas de poder. O entrelugar nesse sentido, surge através das pessoas negras que trilham, trilharam ou proporcionaram aos seus, através da educação, um caminho para a busca de reconhecimento, dignidade, cidadania e ascensão social. E é a partir dele que podemos começar a pensar a desconstrução de diversas presenças invisibilizadas, definindo o seguinte problema de pesquisa: ***Como construir uma intelectualidade negra em uma sociedade racializada, etnocêntrica, heteronormativa e machista?***¹³

¹³ O texto da tese contém além da pesquisa de campo e referenciais, trechos de trabalhos acadêmicos desenvolvidos ao longo das disciplinas cursadas no doutorado e memorial da autora, visto que as temáticas se alinham e complementam.

Justificativa e relevância do tema

Através do cruzamento, fundamentação teórica e análise do conteúdo, cogita-se que nós, pessoas negras, não somos **invisíveis**, mas uma **presença invisibilizada** arbitrariamente, quando rompemos padrões impostos a negritude, e acessamos um novo projeto de vida, através desse campo de possibilidades (Velho, 2003)¹⁴ que a educação proporciona. E mesmo chegando a ocupar postos de tomada de decisão, poder e relevância, essa **presença** quando **invisibilizada** e silenciada nada mais é, do que a resultante de um **conflito racial**, pois revela nosso deslocamento de um lugar de subalternização, para um outro status: de protagonismo e possibilidade de ascensão, o **entrelugar** (Bhaba, 2010). Como **reação**, existe uma negação deste sujeito negro e de suas epistemologias, uma construção social da branquitude que visa a manutenção de privilégios, uma pretensa superioridade derivada da perpetuação do racismo e suas interfaces, que se manifestam para além e nos espaços acadêmicos. Tal reação, reflete o preconceito que está presente nas relações e interações cotidianas, somada as manifestações de um imaginário coletivo que acaba por se revelar com maior potencial, também nos ambientes virtuais.

A expressão **presença invisibilizada** surge quando há a percepção de que, a ocupação destes espaços racializados, é o que o subverte, tensiona e ameaça ruir com toda uma estrutura que vêm se organizando, de forma hegemônica ao longo do tempo. Nesse sentido os objetivos desta pesquisa estão descritos a seguir:

Objetivo geral

Demonstrar a partir do aporte teórico e da pesquisa, que a **presença invisibilizada**, de mulheres negras no contexto acadêmico é uma construção social, retroalimentada cotidianamente, no que tange ao seu potencial intelectual e sua humanidade. Nesse sentido, a academia é o reflexo de uma pseudodemocracia racial, presente em nossa sociedade, que se utiliza de estratégias como apagamentos e silenciamentos para a manutenção de ideais hegemônicos. Deste modo, o elemento primordial para a mudança nesse cenário, é a educação.

¹⁴ Segundo Gilberto Velho (2003), projeto trata da conduta organizada para atingir finalidades específicas (p.40); O campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (...) o espaço para formação e implementação do projeto. (p.28, p.40).

Objetivos específicos

- Destacar a presença do racismo, principalmente contra mulheres negras em diversos âmbitos da sociedade e interações cotidianas, sendo demonstrado de maneira crescente com a popularização do uso das redes sociais, no período pandêmico e pós-pandêmico (COVID-19);
- Denunciar a vulnerabilidade da população negra no que tange a violência física, psicológica e verbal, como um legado da escravização e da propagação de padrões e valores que privilegiam um discurso hegemônico da branquitude;
- Problematicar ausências e **presenças invisibilizadas** de mulheres negras dentro do contexto acadêmico, como o reflexo de uma construção social;
- Demonstrar através de ações realizadas durante a pesquisa, a importância da educação, como instrumento de transformação social, de construção de outras subjetividades, com potencial para romper com esse cenário de desigualdade e o etnocentrismo.

Cabe ressaltar que as instituições no nosso país não estão preparadas para assumir a sua parcela de responsabilidade na teia do racismo estrutural e institucional, nem mesmo pela força da lei. Diante deste cenário, um dos caminhos apontados por Munanga (2010) é importância de uma educação que trabalhe em uma perspectiva antirracista em todos os níveis, para que mudanças reais ocorram, e segundo ele:

A educação é um instrumento muito importante de mudança de mentalidade e o brasileiro foi educado para não assumir seus preconceitos. O Florestan Fernandes dizia que um dos problemas dos brasileiros é o "preconceito de ter preconceito de ter preconceito". O brasileiro nunca vai aceitar que é preconceituoso. Foi educado para não aceitar isso. Como se diz, na casa de enforcado não se fala de corda. (...) Quando você pega um brasileiro em flagrante de prática racista, ele não aceita, porque não foi educado para isso. Se fosse um americano, ele vai dizer: "Não vou alugar minha casa para um negro". No Brasil, vai dizer: "Olha, amigo, você chegou tarde, acabei de alugar". Porque a educação que o americano recebeu é pra assumir suas práticas racistas, pra ser uma coisa explícita. (<https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/> acesso: em 22/07/2021.)

A discussão ao longo do texto amarra diversas cenas reais construídas dentro de estruturas sociais, e algumas delas em instituições de ensino de diversos níveis. A partir daí provoca uma reflexão, uma análise para situar: normas, valores, conflitos que poderão nos ajudar a compreender nossa sociedade.

Esta tese estará amparada pelo arcabouço teórico de alguns autores, optando priorizar negros/as/es, justamente pelo caráter da pesquisa e dos quais pretende-se pautar principalmente Almeida (2018), Bento (2002), Bhaba (2010), Cardoso (2010), (Carneiro,2019), Gomes (2005), Gonzalez (1984), Kilomba (2019), Munanga (2005), Lemos (2019), Moreira (2019), Ribeiro (2019), Entre outros no campo teórico da Antropologia como Grosfoguel (2012), Hall (2010), Peirano (1992), Velho (1987), e está dividida em seis capítulos descritos a seguir:

CAPÍTULO 1- Racismo Cotidiano: a violência das ruas para as redes. O capítulo aborda o aumento da ocorrência e da divulgação de episódios de racismo cotidiano. Destaca o potencial de alcance das redes sociais, e a popularização do seu uso durante o cenário pandêmico e pós-pandêmico (COVID-19), e o adaptar-se a novos modos de fazer campo durante a pandemia.

1.2 - Ser Negro é viver em estado de alerta: Racismo cotidiano no mercado de trabalho, nas relações e o discurso de ódio nas redes sociais. A etnografia virtual durante a pandemia (COVID-19), o discurso de ódio disfarçado de opinião e apontamentos sobre privilégio branco e o pacto narcísico da branquitude. A naturalização da violência contra a população negra.

CAPÍTULO 2– Musa do carnaval, mãe Preta, objetificação e a negação da intelectualidade da mulher negra. Discussão sobre os estereótipos associados a mulher negra, e que a desqualificam enquanto potência intelectual; Cenas que abordam a discussão sobre o Feminismo negro; racismo, sexismo, desumanização, subalternização, hipersexualização, mito da democracia racial, racismo reverso e a necessidade de novas epistemologias.

CAPÍTULO 3- A negação da negritude: O paradoxo de se viver na Princesa do sul, uma cidade negra que se pensa branca. A sensação de enquanto mulher negra, viver e conviver em uma cidade, onde o patrimônio e a presença negra são invisibilizados; onde resistir e permanecer é rotina, que desgasta a saúde física e mental da população negra, assim como a sensação de não pertencimento, diante de uma história presente e apagada ao mesmo tempo.

CAPÍTULO 4 (autoetnográfico) - O descobrimento de si: primeiras pistas sobre o racismo. Capítulo autoetnográfico, reflexões e memórias sobre a construção

a autora enquanto mulher negra, suas linhagens, infância e legado familiar; vivências e cenas de racismo, e os entrelaçamentos que a levaram a construção da tese;

CAPÍTULO 5 - A escola é para quem? Quando o ponto de partida é diferente: uma reflexão sobre meritocracia. Debate sobre educação e os perfis associados a intelectualidade, assim como relatos de episódios de racismo no contexto escolar e diferentes nuances do racismo estrutural, institucional, recreativo e outros; a importância das ações afirmativas e cotas raciais, como elemento para construção de uma intelectualidade negra.

CAPÍTULO 6 - A Invisibilidade da mulher negra no contexto acadêmico- Uma construção social. O capítulo aborda o posicionamento da sociedade com relação a nossa presença, enquanto mulheres negras e nossa intelectualidade trazendo cenas de racismo e resistência no contexto acadêmico, que culminam em um vídeo etnográfico, elaborado a partir da tese. Para além da denúncia e do debate, traz proposições e ações relacionadas a educação como um caminho para a luta antirracista. **Considerações finais-** Discussão acerca de todo o texto da tese, e perspectivas para o futuro.

Deste modo, os seis capítulos foram organizados e estruturados, trazendo a visão de um contexto amplo, de toda uma sociedade racializada, para posteriormente fazer um paralelo com o exposto no texto, problematizando o papel da educação na luta antirracista.

“

O militar chegou, virou
para mim e falou: ‘seu
preto safado, olha
a **cor** da sua filha, olha
a sua cor’.

Capítulo 1- Racismo Cotidiano: a violência das ruas, para as redes.

Para além de mera distração, usar as redes sociais também é conviver com relatos e imagens que denunciam que o cotidiano de pessoas negras neste país, é um devir de angústia por si e pelos seus. É a constatação da incerteza de justiça diante de uma ação estatal, permeada pelo racismo estrutural, pelo não reconhecimento da humanidade destes corpos, que não são lidos como parte da sociedade. Sou usuária do *Facebook* e do *Instagram* há bastante tempo, e já seguia algumas páginas de conteúdo afro centrado, que trazem à tona temáticas que problematizam a nossa sociedade racializada. Recebi algumas colaborações do *Twitter*, e criei uma conta neste aplicativo durante o desenvolvimento desta tese. Nestas redes, meu interesse se deteve não apenas nas postagens de cada página, mas principalmente nas interações, ou seja, na manifestação do pensamento dos usuários sobre determinadas questões e no caso, o que busco são as narrativas que são relacionadas ao racismo estrutural, institucional, recreativo e que também são atravessadas por outros discursos opressivos, sobre sexualidade, violência, política, meritocracia, educação entre outros. O desenvolvimento das tecnologias da comunicação segundo Ferraz (2019, p.58) resultou na proliferação das plataformas dos espaços sociais. Tal fato exige a adaptação dos métodos de investigação nas Ciências Sociais a fim de permitir análises fiéis dos movimentos e das atuações da cultura estudada nas redes sociais. Pereira & Mendes (2020) abordam a importância do uso da tecnologia como recurso de investigação no fazer antropológico, o que chamam de etnografia virtual:

A tecnologia e seus aparatos, juntamente com a Antropologia, podem contribuir para compreender relações de troca, conflitos e interações que na última década passaram a ocorrer no meio virtual. Portanto, faz-se necessária uma abordagem para explorar a Internet e o ciberespaço como campo de pesquisa, a fim de entender nossas atitudes perante as mudanças tecnológicas, tais como aprendizagem, lazer, entre outras. Portanto, a etnografia virtual corresponde a um método de analisar dados perante as mudanças tecnológicas, sendo indispensável tratar da distinção dos termos empregados para designar esse campo, que pode ter como sinônimo:

“netnografia”, “etnografia digital”, “webnografia” e também “ciberantropologia” (p.205).

Jean Segata (2020) alerta que não é mais possível desconsiderar a influência das redes no fazer antropológico e a pandemia acabou por tornar este fato ainda mais evidente:

A antropologia se deu por conta de que faz anos que a gente não "entra mais na internet", por exemplo. A gente vive ela. O digital entrou em nós de forma pervasiva e em maior ou menor grau, também passou a ser incorporado como um meio privilegiado de produção de encontros etnográficos e este é outro dos desafios da pesquisa antropológica na pandemia. (p.10)

Conforme a página da empresa Canaltech¹⁵, o *Facebook* hoje é a maior rede social do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários ativos. Na plataforma, os usuários podem criar um perfil ou uma *fan page*, interagindo entre si através de "likes", mensagens e compartilhamentos de imagens e textos. Dentre as redes que foram analisadas, é possível perceber que há um amplo público, de diferentes faixas etárias, e devido ao caráter intuitivo desta plataforma, pode ser utilizada por pessoas que não tenham muita intimidade com a tecnologia.

O *Instagram*, é uma rede social criada em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. Poucos meses depois, a rede social se tornou um dos aplicativos mais promissores da App Store. Segundo a página Canaltech:

Em apenas um ano, o Instagram já contava com dez milhões de usuários, sendo que o serviço estava disponível apenas para proprietários de iPhones e iPads. Em 2012, o Facebook comprou o Instagram por cerca de 1 bilhão de dólares, no mesmo ano em que a rede social foi disponibilizada para dispositivos Android. (...) No Brasil, o Instagram é uma das redes sociais mais acessadas. Desde 2015, os brasileiros ocupam lugar de destaque nas estatísticas do aplicativo. Entre os usuários do Instagram, a participação dos brasileiros é maior que a média global. (<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>)

E por fim o *Twitter*, fundado em março de 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos. É uma ferramenta de comunicação rápida e discussão de temas da atualidade, notícias, acontecimentos entre outros. Segundo a página Canaltech o aplicativo:

Atualmente, o micro blog está disponível em cerca de 35 idiomas e conta com 316 milhões de usuários ativos todos os meses. O serviço pode ser acessado

¹⁵ <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/> (acesso em 13/09/2021).

pelo próprio site da empresa e em dispositivos móveis como aplicativo. Para dar conta da demanda, a companhia conta, hoje, com 35 escritórios em todo o mundo, com diretrizes que incluem a liberdade de expressão, transparência e segurança aos usuários. No Brasil, o Twitter ganhou popularidade em 2008, mas a plataforma só recebeu versão em português um ano depois. Em 2012, a companhia inaugurou seu primeiro escritório físico em terras brasileiras. Hoje, a companhia tem uma sede em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. (<https://canaltech.com.br/empresa/twitter/>)

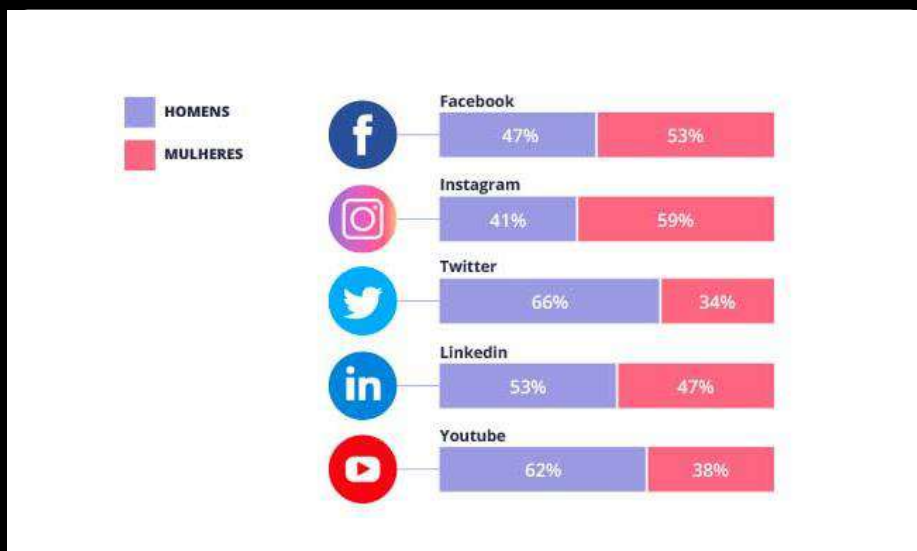


Figura 3 - Divisão das redes sociais por gênero.

Fonte: Internet¹⁶¹⁷.



Figura 4 - Facebook usuários.

Fonte: Internet¹⁸.

¹⁶ Fonte: < <https://amplificadigital.com.br/blog/qual-o-perfil-dos-usuarios-em-cada-rede-social-no-brasil/>> (acesso em 13/09/2021)

¹⁷ Não consideramos essa binaridade de gênero, no entanto os dados apresentados ao longo da pesquisa são construídos pelas fontes consultadas utilizando estes parâmetros.

¹⁸ Fonte: < <https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/>> (acesso em 13/09/2021).



Figura 5 - Instagram usuários.

Fonte: Internet¹⁹.



Figura 6 - Twitter usuários.

Fonte: Internet²⁰.

Segundo a empresa Amplifica Digital²¹, sobre os usuários do Facebook:

- Mais da metade do público tem entre 18 e 34 anos.
- Cerca de 130 milhões de brasileiros/as possuem facebook.
- 95% acessam o facebook pelo celular.
- O facebook é o segundo site mais visitado na internet.
- 98% das empresas usam o facebook.
- O alcance orgânico médio dos posts na página do Facebook no Brasil é de 8,5%, contra 8% globalmente.
- Postagens na página do Facebook têm uma taxa de engajamento de 4,22% no Brasil, enquanto no mundo, a média é de 3,75%.

¹⁹ Fonte: < <https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/> > (acesso em 13/09/2021).

²⁰ Fonte: < <https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/> > (acesso em 13/09/2021).

²¹ Disponível em: < <https://amplificadigital.com.br/blog/qual-o-perfil-dos-usuarios-em-cada-rede-social-no-brasil/> > (acesso em 13/09/2021)

Sobre o *Instagram*:

- 70% dos brasileiros/as que têm acesso às redes sociais afirmam ter uma conta no Instagram.
- 67% acessam o Instagram várias vezes ao dia.
- 83% dos entrevistados/as seguem alguma empresa ou marca na rede social.
- 48% dizem já ter comprado algum produto que conheceu através do Instagram.
- 47% compraram algo que foi indicado por alguém no Instagram
- Sobre o *Twitter*:
- A maioria possui entre 21 a 44 anos.
- 39% são casados/as, 38% solteiros/as, 17% estão em um relacionamento e 6% são divorciados/as ou viúvos/as.
- 50% não têm filhos.
- 94% participam na decisão de compras dentro de casa.
- 75% afirmaram que são fiéis às marcas que consomem.

Percebe-se a importância e o alcance destas plataformas a públicos diversos e o potencial de visibilidade para produtos, serviços e diversos conteúdos, mas principalmente a fluidez e a rapidez que temas e opiniões se propagam. Ao alcance das mãos em qualquer local, é possível saber de uma notícia, evento, situação e posicionar-se praticamente em tempo real. Para além de uma coleta de posts e comentários a etnografia virtual conduz a formação de uma teia de acontecimentos, onde pude perceber conexões que reforçam a estrutura racializada de nossa sociedade e dar corpo a grande parte da minha pesquisa. Nesse sentido, Segata (2020) propõe uma etnografia conectada com a experiência plural que se estende nas relações estabelecidas no virtual, e não apenas um compilado de dados:

Assim, não parece adequado tratar a etnografia como uma tarefa de colecionamento de postagens e de comentários pinçados no feed e nos murais. Desde os Argonautas, de Malinowski, aos dias atuais a etnografia passou por importantes transformações. A principal delas - além de um conjunto de trabalhos que denunciou a benevolência, a colonização de pensamento por meio da universalização de categorias geograficamente situadas na Europa branca - talvez seja a de que deixamos de considerar o trabalho de campo como uma coleta de dados para pensá-lo como um

encontro - ou seja, a produção de uma experiência partilhada com conexões mais ou menos parciais de mundos, de conhecimentos. (p. 12)

Tais discursos, travados na inocência de um ambiente de interação e socialização, propagam ideias que podem ser consideradas por muitas pessoas como uma verdade, que possuem um longo alcance e relevância, dependendo do perfil portador da ideia. Gilberto Velho (1987, p.40), já afirmava que a observação participante também é importante para pesquisarmos o que ocorre em nossa sociedade:

Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos *familiariza* com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição dos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social sem as regras que estão por trás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo e transcendê-lo e poder “pôr-se no lugar do outro”. (p.40)

Atualmente posicionamentos nas redes sociais, são recorrentes e podem ter efeito devastador em vidas e carreiras, diante disso, surge o termo “cultura do cancelamento²²” ou seja, a perda de seguidores, que não compactuam com determinada postura e /ou ideia que joga o autor em uma espécie de “limbo” social. É comum diante de uma postura agressiva ou equivocada, que gera comoção e revolta, vídeos e postagens de retratação com o objetivo de reverter a situação, ou em casos mais graves, o autor acaba tendo como única alternativa excluir a conta, e se afastar das redes sociais.

²² Com os avanços no campo social, observa-se na contemporaneidade um processo de desconstrução de práticas e costumes antigos, os quais anteriormente eram normalizados na sociedade. Isso significa que alguns comportamentos não são mais tolerados por parte do corpo social, como comentários racistas, homofóbicos e machistas. Como resultado, uma parcela cada vez maior de pessoas se manifesta contra tais atitudes que são passíveis de punição. (...) Ademais, apesar da cultura do cancelamento ser um fenômeno contemporâneo que ocorre também no mundo real, o comportamento é essencialmente uma prática das redes sociais. Conforme afirma a doutora em comunicação, Issaaf Karhawi, ambientes digitais possuem uma lógica intrinsecamente binária (vide seguir ou não; curtir ou não), que acabamos carregando para a dinâmica social nas redes. Desse modo, a cultura do cancelamento está presente em praticamente todas as redes sociais. Disponível em: <https://www.politize.com.br/cultura-do-cancelamento/> (Acesso Setembro de 2021)



Figura 7 - Caso Bombril: Krespinha.
Fonte: Brasil 247(2020)²³.

Algumas pessoas que se veem sendo alvo de agressões virtuais, expostas em sua intimidade, ridicularizadas, criticadas, ou viram um “meme²⁴” também acabam por optar pelo afastamento das redes como forma de manutenção de sua saúde mental.

²³ <https://www.brasil247.com/midia/apos-ser-cancelada-e-acusada-de-racismo-bombril-retira-krespinha-do-mercado> (acesso em 26/10/2020)

²⁴. Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. 2. Ideia ou comportamento que passa de uma geração para outra, geralmente por imitação. “meme”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/meme> [consultado em 13-09-2021].

Estudante grávida é vítima de enxurrada de ofensas racistas em grupo de universitários



Figura 8 - Violência nas redes sociais.

Fonte: Internet²⁵.

— Eu curti a página deles, mas não postavam nada demais. Vi que, naquelas sugestões do Facebook, tinha o grupo da mesma página. Como eu estou começando a estudar, pensei que seria legal estar lá, dividindo experiências com outros estudantes. Mas entrei no grupo e vi umas postagens racistas e comentei embaixo de uma delas que achava aquilo errado, que somos todos iguais. Foi então que começaram a me agredir e falar coisas horríveis para mim — conta Carla, que, assustada, desabafou em um vídeo em seu perfil no Facebook, publicação que também foi invadida pelos agressores. O vídeo acabou sendo excluído pelo Facebook após uma série de denúncias, que partiram das mesmas pessoas que ofenderam a estudante.²⁵

A certeza da impunidade e o anonimato, o conforto provocado pelo acesso remoto, vem fazendo com que a internet se torne um ambiente fértil, hostil e de adoecimento também para as pessoas negras, não apenas como alvo, mas pela constatação do aumento de violências sistemáticas as quais estão expostas, pelos motivos mais absurdos e fúteis. Deste modo, o ambiente virtual tem sido comumente utilizado para propagação de discursos de ódio, sob o argumento de manifestações genuínas de “opinião”. Sobre este tipo de discurso Giordano e Melo ²⁵(2020) afirmam:

O discurso do ódio, expressão originária do inglês hate speech, “[...] consiste na manifestação de ideias que incitam a discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias” Santos e Silva afirmam que esse é caracterizado pelo ataque à dignidade da pessoa humana e à violação de direitos fundamentais. Freitas e Castro, por sua vez, ressaltam que o discurso do ódio não atinge somente a pessoa do agredido, mas de todo o segmento social ao qual pertença, em

²⁵ http://esmat.tjto.jus.br/publicacoes/index.php/revista_esmat/article/view/382

verdade, cuida de um dano indivisível e difuso em toda a sua abrangência. (p.54)

Na situação a seguir, os comentários na postagem revelam o racismo escancarado, a gordofobia, a violência, mas o que mais choca é a certeza da impunidade explicitada pelo estudante de direito que afirma isso. A moça alvo dos comentários mesmo disposta a fazer a denúncia, ao procurar a polícia esbarrou na frustração de não ter sua queixa atendida e fez o seguinte relato:

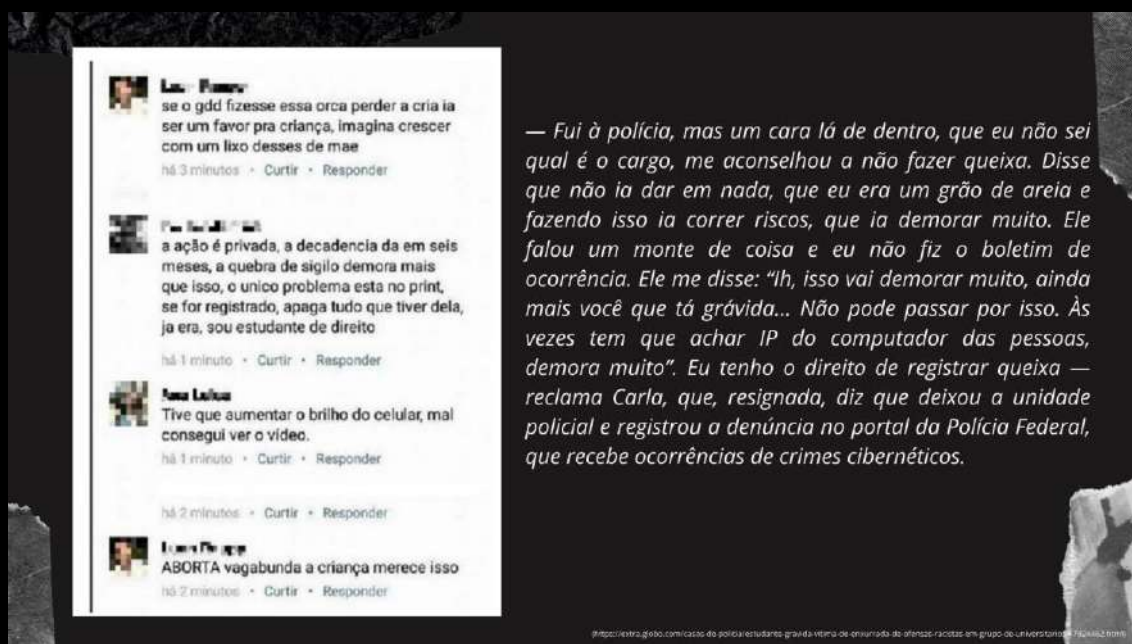


Figura 9 - Violência nas redes sociais.

Fonte: EXTRA, GLOBO(2015)²⁶

Se por um lado a principal característica da civilidade “[...] é a capacidade de interagir com estranhos sem utilizar da estranheza contra eles e sem pressioná-los a abandoná-la ou renunciar alguns dos traços que os fazem estranhos”, por outro, a lógica por trás do discurso do ódio, de acordo com Freitas e Castro, não está apenas na diferença/estranheza, mas na ideia de um grupo supostamente superior àquele a que a indignação é dirigida. Nesse último caso, a intenção é calar, excluir e alijar, ou seja, “o objetivo pretendido é humilhar para amedrontar pessoas ou grupos sociais evidenciando que, por suas características específicas, eles não são dignos da mesma participação política”. (p. 54)

Porém as redes sociais também acabam por servir como instrumento de denúncia, e nesse sentido apesar das tensões, a nossa luta ancestral vem trazendo alguns resultados, fazendo com que este cenário seja exposto, graças ao posicionamento firme dos movimentos sociais e a democratização do acesso à

²⁶ Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/estudante-gravida-vitima-de-enxurrada-de-ofensas-racistas-em-grupo-de-universitarios-17824462.html>(

informação, cada vez mais pessoas negras estão cientes de que a busca por seus direitos é mais do que legítima. Em sua pesquisa Cardoso (2011, p.91), fala a importância de um debate sobre o papel da branquitude nas questões raciais:

A “visibilidade” do movimento negro expressa em sua influência nacional leva ao questionamento do lugar racial do branco. Em outras palavras, a branquitude, que se recusa a pensar sobre seu privilégio racial, quando se sente discriminada por políticas de discriminações “justas” – como as políticas de ações afirmativas, por exemplo – passa a questionar a ideia de pertença étnica e racial. (P.91)

O racismo no Brasil, segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2010)²⁷ é o “crime perfeito”, ou seja, esse acordo hegemônico coletivo é reforçado cotidianamente, pelos discursos que exaltam a branquitude, meios de comunicação e redes sociais, que responsabiliza pessoas negras pelas mazelas do racismo, e que quando confrontados alegam racismo reverso, ou vitimização. Sobre esse sistema cita o trecho a seguir dado em entrevista à revista Fórum:

“Quando a Folha de S. Paulo fez aquela pesquisa de opinião em 1995, perguntaram para muitos brasileiros se existe racismo no Brasil. Mais de 80% disseram que sim. Perguntaram para as mesmas pessoas: “você já discriminou alguém?”. A maioria disse que não. Significa que há racismo, mas sem racistas. Ele está no ar... Como você vai combater isso? Muitas vezes o brasileiro chega a dizer ao negro que reage: “você que é complexado, o problema está na sua cabeça”. Ele rejeita a culpa e coloca na própria vítima. Já ouviu falar de crime perfeito? Nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem comentou não tem nenhum problema.” (Entrevista revista Fórum Kabengele Munanga, 2010)

Portanto, é possível compreender porque diante de um caso de racismo, a vítima acaba por evitar a denúncia, pois geralmente a situação é minimizada. Afinal, como se manifestar contra toda uma estrutura que favorece o agressor? Se não há reconhecimento da ação, teoricamente ela não “existe”. Cardoso (2017, p.42) reitera o risco de uma branquitude acrítica, e como essa opera em algumas situações:

Quando a branquitude acrítica se expressa de maneira extrema, pratica extermínios; quando age de forma mais “branda” procura se inserir no jogo democrático (Cardoso, 2010). Seus discursos racistas e xenofóbicos podem ser disfarçados na forma de pensamento religioso tradicional e/ou perspectiva nacionalista (p. 42).

²⁷ <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/> acesso: em 22/07/2021.

O autor avalia ainda que branquitude acrítica é preocupante porque se trata de um tipo de branco que é uma ameaça ao convívio social, o convívio igualitário entre os diferentes. o que corrobora com a teoria de pacto narcísico de Bento (2002, p. 43). Frequentemente nos deparamos com um sem número de casos, que são transformados em “injúria racial”, “danos morais” ou “equívocos”, isto quando as vítimas não são desqualificadas, desacreditadas e rechaçadas publicamente; felizmente, esse ano, já na fase de conclusão deste texto houve uma mudança na legislação, onde agora racismo e injúria racial, são equivalentes.

Nesse sentido, o contexto pandêmico traz uma nova dinâmica para as interações, e nesse sentido a etnografia virtual revela que o distanciamento, na verdade não reduz os episódios de racismo cotidiano, ele apenas passa a ocorrer também neste outro ambiente. Sem a presença física, o alcance desses discursos passa crescimento exponencial, e nesse cenário as páginas e o espaço virtual são um campo repleto de informações, discursos e posicionamentos dos nossos interlocutores/páginas onde se constrói um diálogo híbrido e potencial entre humanos e não humanos, todos interligados construindo a narrativa do real no virtual, com um alcance de proporções inimagináveis e que segundo Bruno Latour (2012, p.121), mesmo esses objetos, que um minuto antes pareciam automáticos, autônomos e despidos de agentes humanos, agora são constituídos por multidões de homens que se movem ruidosamente, munidos de equipamento pesado. Portanto, partir dessas interações percebe-se a naturalização de vários tipos de violência a tudo que se refere a população negra, onde o preconceito e negação da humanidade deste grupo é algo evidente. A proposta é, em toda a tese, observar e analisar esse diálogo entre as narrativas e as imagens, que não necessariamente terão uma descrição específica, mas sim farão uma composição de fatos e teorias, problematizando subjetividades construídas em um contexto de hegemonia da branquitude.

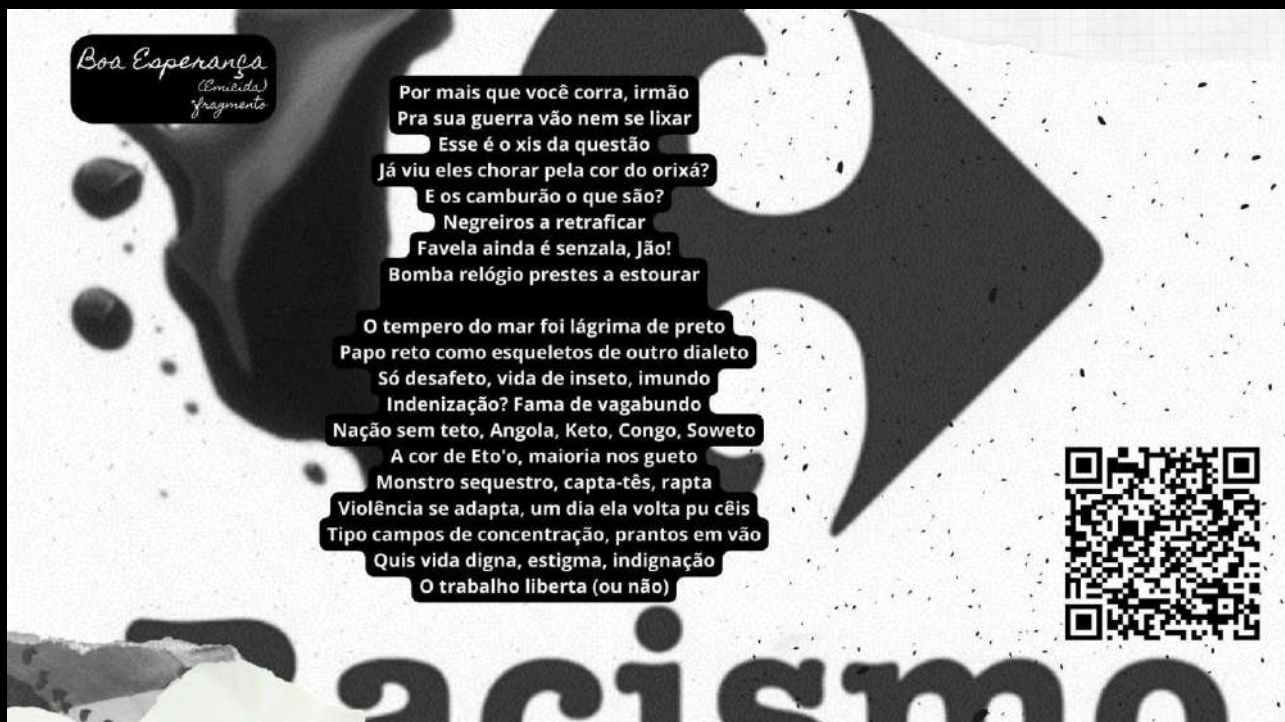
1.1 - Ser Negro é viver em estado de alerta: Racismo cotidiano, no mercado de trabalho, nas relações e o discurso de ódio nas redes sociais



Eu havia lido corretamente. Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava exposto a algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contacto com o racional. Pessoalmente eu diria que, para um homem que só tem como arma a razão, não há nada de mais neurotizante do que o contato com o irracional. Senti nascer em mim lâminas de aço. Tomei a decisão de me defender. Como boa tática, quis racionalizar o mundo, mostrar ao branco que ele estava errado. (Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas* p.110)²⁹

²⁸ <https://www.jb.com.br/pais/2020/11/1026637-homem-negro-morre-apos-ser-espancado-por-segurancas-do-carrefour-em-porto-alegre.html>

²⁹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194



O legado da escravização ainda reverbera em nosso cotidiano de diversas maneiras, mas principalmente por uma ideia de quais vidas devem ser protegidas, valorizadas e quem é o antagonista do cidadão de bem. A banalização da morte e o uso e de violência excessiva contra grupos racializados mantém uma hegemonia, que é um dos mecanismos de exclusão e do direito à representatividade positiva de pessoas negras. Os dados estatísticos oficiais revelam o despreparo das instituições no que se refere à segurança, saúde e educação, que culminam numa visão distorcida do que seja a medida das ações estatais com determinados grupos.



Figura 10 - Enquete do Instagram sobre racismo.
Fonte: As Negas do Ziriguidum (Instagram, 2021)³⁰

Qual o estereótipo do cidadão de bem? Que tipo de cidadão tem direito à justiça e ao respeito a sua humanidade? Como as pessoas se portam frente aos fatos noticiados que invadem as nossas residências diariamente? Segundo o IPEA³¹, uma das principais expressões das desigualdades raciais existentes no Brasil é a forte concentração dos índices de violência letal na população negra. Enquanto os jovens negros/as figuram como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de pessoas negras apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre as pessoas brancas os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução segundo o Atlas Da Violência³² (2020):

Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras. (p.47)

³⁰https://www.instagram.com/p/CSYJKyurpbq/?utm_source=ig_web_copy_link (acesso 14/12/2021)

³¹https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432 (acesso em 14/09/2021).

³²

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf (acesso 14/09/2021).

Dados divulgados pelo Atlas da Violência 2020³³, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostram que a taxa de homicídios de negros no país cresceu 11,5%, de 2008 a 2018, enquanto a de não negros caiu 12%. O perfil dos indivíduos com mais probabilidade de morte violenta intencional no Brasil é o homem jovem, solteiro, negro, com até sete anos de estudo e que esteja na rua em horário entre 18h e 22h.

O que uma simples ida ao supermercado pode nos causar? Em alguns casos, a morte. Como aconteceu na rede Carrefour, na cidade de Porto Alegre - RS, um conflito e uma ação motivada pelo racismo estrutural culminou na morte depois do espancamento de João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, que foi filmado por testemunhas. Apesar da cena horrenda da morte de um homem negro, a primeira ação das pessoas foi a filmagem e não a denúncia e o socorro. Por quê? A espetacularização e a submissão de corpos considerados descartáveis, trazem um prazer insano e inconsciente, vê-los dominados, castrados, “sob controle”. Assim me vem à lembrança o tratamento dado ao corpo de Sara Baartman (Vênus Hotentote),³⁴ e a fala de Hall (2012) sobre esta questão, nos esclarece por que as pessoas lidam a violência de corpos negros de forma naturalizada, exercendo um certo voyerismo não regulado que segundo o autor:

“Así, finalmente, el fetichismo concede licencia al voyerismo no regulado. Pocos podrían argumentar que la “mirada” de los espectadores (en su mayoría hombres) que observaban la Venus Hotentote, era interesada. Como Freud ([1927] 1977) argumentó, a menudo hay un elemento sexual en “mirar”, una erotización de la mirada. La mirada es con frecuencia impulsada por una búsqueda no reconocida del placer ilícito y un deseo que no puede ser satisfecho: “las impresiones visuales continúan siendo el sendero más frecuente a lo largo de los que la excitación libidinal se enciende” (Freud [1927] 1977: 96). (2012, pg.438)”

³³ <https://ponte.org/carrefour-extra-koch-e-ricoy-3-homens-negros-mortos-e-2-torturados-desde-2019/> (acesso em 14/09/2021).

³⁴ “Quiero escoger varios puntos de la “Venus Hotentote” en relación con los asuntos de estereotipo, fantasía y fetichismo. Primero, nótese la preocupación —uno podría decir la obsesión— con la marcación de la “diferencia”. Sarah Baartman se convirtió en la encarnación de la “diferencia”. Lo que es más, su diferencia fue “patologizada”: representada como una forma patologizada de “otredad”. Simbólicamente, no encajaba en la norma etnocéntrica que se aplicaba a las mujeres europeas y, quedando por fuera del sistema clasificatorio occidental de lo que las “mujeres” son, se debía interpretarla como un “Otro”. Luego, obsérvese su reducción a la naturaleza, cuyo significante era su cuerpo. Su cuerpo fue “leído” como un texto, como la evidencia viviente —la prueba, la Verdad— que proporcionaba su absoluta “otredad” y por consiguiente de una diferencia irreversible entre las “razas”. (Hall, 2012.p 436)



Figura 11 - Violência- Caso Carrefour.
 Fonte: Produzido pela autora, a partir das referências na imagem.

Sara Baartman, foi transformada em partes, em “peças” e vista como um padrão de anormalidade a ser estudado. Quando tratamos de forma diferenciada e relativizando a violência, o que acontece frequentemente com corpos racializados, estes perdem o seu valor e sua humanidade perante a sociedade e, portanto, acabam por ser explorados, analisados, estudados, coisificados. Hall (2012)

“Sara Baartman no existió como “persona”. Había sido desensamblada a sus partes relevantes. Fue “fetichizada”: convertida en un objeto. Esta sustitución de una parte por el todo, de una cosa —un objeto, un órgano, una porción del cuerpo— por un sujeto, es el efecto de una práctica de representación muy importante: el fetichismo.”

A banalização da violência e da morte de corpos negros pode ter associação direta com isso; há um juízo de valor do corpo que deve ser cuidado, protegido, preservado e certamente esse, não é o corpo negro. O corpo negro é ameaçador, na sua cor, na sua espiritualidade, na sua estética, na sua força, na sua intelectualidade e na sua sexualidade, ou seja, subverte e desacomoda um modo de viver, um espaço demarcado quando transita, quando se instala e quando se mistura e também quando se junta, se organiza, e reage. Sobre essa discussão Djamila Ribeiro (2018) afirma:

“O Brasil é o país da cordialidade violenta, em que homens brancos se sentem autorizados a aviltar uma mulher negra e depois dizer que foi só brincadeira, ou se esconder na pecha que de carioca é desbocado. O país que foi o último do mundo a abolir a escravização e no qual a população negra é acusada de violenta se denuncia o racismo. O país onde todos adoram

samba e carnaval, mas onde se mais mata negros no mundo. O brasileiro não é cordial. O brasileiro é racista.” (p.120)

Stuart Hall (2010), afirma que o ato de estereotipar parte de uma construção e manutenção de uma “ordem social e simbólica” constrói uma fronteira simbólica entre o que é normal e aceitável e seu inverso. Quando o corpo negro é associado a criminalidade e ao perigo, trata-se de um reflexo nítido de uma sociedade racializada, que desumaniza estes corpos e suas subjetividades, considerando-o uma ameaça que precisa ser eliminada:

Los estereotipos retienen unas cuantas características “sencillas, vividas, memorables, fácilmente percibidas y ampliamente reconocidas” acerca de una persona, reducen todo acerca de una persona a esos rasgos, los exageran y simplifican y los fijan sin cambio o desarrollo hasta la eternidad. Este es el proceso que describimos anteriormente. Por consiguiente, el primer punto es: la estereotipación reduce, esencializa, naturaliza y fija la “diferencia”. Segundo, la estereotipación despliega una estrategia de “hendidamiento”. Divide lo normal y lo aceptable de lo anormal y de lo inaceptable.. Entonces excluye o expulsa todo lo que no encaja, que es diferente.” (Hall, 2010, p.429)

Um homem negro de 56 anos³⁵ num ato de tristeza e revolta, expõe o seu corpo em um supermercado para provar que não havia furtado nenhum objeto, meses após o assassinato de João Alberto Silveira Freitas no Carrefour. No vídeo que circulou nas redes sociais, é perceptível o seu desespero para provar sua inocência e, talvez a sua escolha tenha sido a humilhação, ao invés da morte. É impossível, não pensar que poderia ser meu pai, meu marido, meu, irmão, meu filho na mesma situação. O despreparo dos/as empregadores/as, funcionários/as, lideranças e a falta de discussões sobre o racismo enraizado no nosso país, e a falta de criminalização e punição de casos de racismo, causam cenas como esta, que nos destroem por dentro.

Diariamente somos bombardeados com notícias sobre ações que violentam física e psicologicamente pessoas negras, por conta dessa redução a um estereótipo de perigo, criminalidade, roubo, miséria, inadequação entre outros. Atividades cotidianas que se transformam em tragédia, que nos revoltam, nos humilham e provocam indignação. Temendo por nós e pelos nossos, desenvolvemos estratégias para sobreviver e evitar qualquer tipo de conflito ou situação constrangedora, e faço o uso o pronome “nós” em vários momentos desta escrita por compreender que, como diz Roy Wagner (2010), faço por vezes uma antropologia reversa, onde o meu ser

³⁵ <https://www.metropoles.com/brasil/video-homem-negro-tira-roupa-para-provar-que-nao-furtou-supermercado> (acesso, agosto de 2023).

antropóloga, se alterna ao meu ser interlocutora, pois muitas das narrativas que se selecionei ao longo do campo, atravessam a minha existência, trazendo à tona situações que vivi, ou os meus viveram.

Os ecos destas diversas violências vividas reverberam em minha vida, e é impossível não compreender cada dor, cada vivência, cada comoção. As opressões de cor, classe, e sexualidade definem e nos classificam em zonas de ser e não-ser; A opressão nem sempre é apenas racial, pode estar a outros fatores (mulher-negra; mulher- negra-trans; homem negro- gay; entre outros) as cenas selecionadas trazem consigo uma naturalização de que conforme Grosfoguell (2012) de que a humanidade e a fragilidade estão destinadas a um grupo específico que é classificado por Boaventura Souza Santos como linha do ser e do não ser:

“Para De Sousa Santos (2010) en la modernidad existe una línea abismal entre los habitantes encima de esta línea y los habitantes debajo de esta línea. Si traducimos esta línea como de lo humano y llamamos zona del ser a los que habitan encima de la línea abismal y zona del no-ser a los que habitan por debajo de ella, podemos enriquecer nuestro entendimiento de la modernidad y su sistema-mundo capitalista/imperial/patriarcal/racial colonial que habitamos” (p.95)

Existem diferenças de tratamento e gerenciamento dos conflitos nas zonas de ser e do não-ser como por exemplo, as ações estatais e de controle tratam de diferentes humanidades, e a relação entre, segurança, direitos, espaço entre outros. Ações truculentas em regiões periféricas, por exemplo, são compreendidas como a manutenção da ordem e da segurança. De quem? Como não viver em estado de alerta?

Lembro que uma vez em aula, comentei sobre os cuidados que pessoas pretas têm em determinadas situações, uma delas mexer em bolsas e bolsos dentro de lojas, para não cair em suspeição de roubo, e evitar constrangimentos. Uma aluna branca, ficou em choque ao perceber que nunca na vida, havia se preocupado com isso, ou tampouco tinha recebido essa orientação de seus pais, o que é uma rotina corriqueira nas famílias pretas. Ela ficou triste e revoltada, ao constatar uma situação real de racismo estrutural e em como seu privilégio lhe cegava para algumas questões.

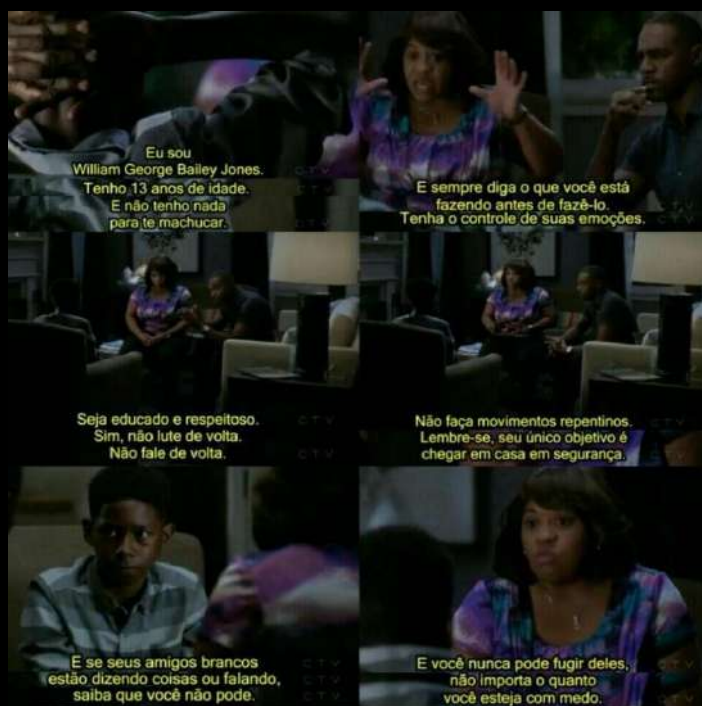


Figura 12 - Cena da série “Greys Anatomy”.
Fonte: Pinterest (2021).



Figura 13 - Cena da série “Greys Anatomy”.
Fonte: Pinterest (2021)³⁶.

³⁶ Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/813673857651803408/> (acesso 16/09/2021)

A negação da humanidade de pessoas negras se faz presente em vários discursos, que relativizam e naturalizam situações graves de racismo, como se o mundo fosse um lugar destinado apenas à branquitude. A “igualdade” só aparece na narrativa quando se faz necessário e conveniente, ou seja, para justificar que pessoas brancas passam pelas mesmas situações, surge daí o conceito de “racismo reverso”, que é utilizado para justificar o quão “injustiçadas” são as pessoas brancas diante de um conflito racial, ou se sentem ameaçadas pela perda de privilégios. A história é manipulada de maneira tão cruel e sórdida, que realmente algumas pessoas brancas creem nesse conceito, e o usam em sua defesa. Ora, como diz Ribeiro (2018, p.42) falar em “racismo reverso” é como acreditar em unicórnios:

Para haver racismo reverso, precisaria ter existido navios branqueiros, escravização por mais de trezentos anos da população branca, negação de direitos a ela. Brancos são mortos por serem brancos? São seguidos por seguranças em lojas? Qual é a cor da maioria dos atores e apresentadores de TV? Dos diretores de novelas? Da maioria dos universitários? Quem detém os meios de produção? Há uma hegemonia branca criada pelo racismo que confere privilégios sociais a um grupo em detrimento de outro. (p. 42)

Uma outra afirmativa comumente utilizada, é que o racismo só existe porque as pessoas negras falam em racismo e denunciam situações que, segundo o discurso hegemônico poderiam ser vivenciadas por qualquer pessoa e não seriam uma exclusividade da negritude. Problematicar situações de racismo cotidiano é fundamental, para que haja essa desconstrução, pois sabemos que todos temos um local de fala, que acaba sendo atravessado por locais de poder, que são estruturais (Hall, 2003, p.351).

1.2 Pacto Narcísico da Branquitude e o Discurso de ódio nas redes sociais

Em 2021, uma plataforma de aplicativos de transporte de passageiros³⁷, após algumas denúncias de práticas de racismo, tanto por usuários quanto por motoristas e uma ampla divulgação destes casos nas redes sociais, fez uma campanha com o objetivo de promover uma reflexão sobre ações racistas que são naturalizadas cotidianamente.

Os *cards* reproduzem falas reais e foram postadas na conta do aplicativo no *Instagram* da referida empresa, e convocam o público a repensar suas atitudes

³⁷ UBER(2021)

racistas. O que surpreende, são as reações de algumas pessoas diante do conteúdo dos cards, que não reconhecem o racismo nas situações expostas, o que revela a negação desse crime. A justificativa é que são situações que “ocorrem com qualquer pessoa” e pleiteiam a sua “liberdade de expressão”, “tudo agora é racismo”, “as pessoas estão chatas, cheias de mimimi...”.



Figura 14 - Post da Uber no Instagram- Campanha antirracismo.

Fonte: Instagram @uber_br³⁸

Para Ribeiro (2018, p.35) querer se valer do discurso de liberdade de expressão para destilar racismo, machismo, transfobia ou se esconder atrás do argumento “É minha opinião” é criminoso. Racismo é racismo, machismo é machismo, mesmo que venha na forma de opinião. E não resta dúvida de que devem ser combatidos, e é o que faz com que as pessoas deixem de viver apenas por serem quem são. Há uma outra questão por trás da negação do racismo, admiti-lo é estar frente a frente com o reconhecimento de que as relações são permeadas pela ótica racial e,

³⁸ https://www.instagram.com/uber_br/

consequentemente, algumas ações deveriam ter a devida punição. Sobre isso, Moreira (2019) nos traz a seguinte afirmativa:

Condenar uma pessoa branca por racismo ou injúria racial pode produzir transformações simbólicas significativas porque uma instituição estatal está afirmando que o desprezo e o ódio racial são componentes das relações cotidianas entre negros e brancos no Brasil. O mecanismo psicológico da negação adquire aqui uma dimensão institucional: é preciso desconhecer a natureza racista de um ato ou fala para que o funcionamento do psiquismo coletivo permaneça inalterado. Por esse motivo, magistrados inocentam pessoas brancas, para impedir que a raça seja uma forma de mobilização política nesta sociedade. (p. 144)

Nesse sentido, Almeida (2019) citado acima corrobora com o conceito de Cida Bento (2002), quanto a proteção dos seus iguais que caracteriza o pacto narcísico da branquitude, reforçando discursos rasos e equivocados como os que aparecem nas imagens, e a negação do racismo nas narrativas nos mostram que ainda é necessário avançar muito quando se trata da questão racial em nosso país, e que sobreviver em vários espaços é uma luta diária de pessoas pretas.

**“Desculpa,
me assustei
quando você
abriu a porta.”**
disse motorista
a usuário negro.



Figura 15 - Post da Uber no Instagram - Campanha antirracismo.
Fonte: Instagram @Uber_br

“Você tem
dinheiro
mesmo pra
pagar, né?”
disse motorista
a usuário negro.

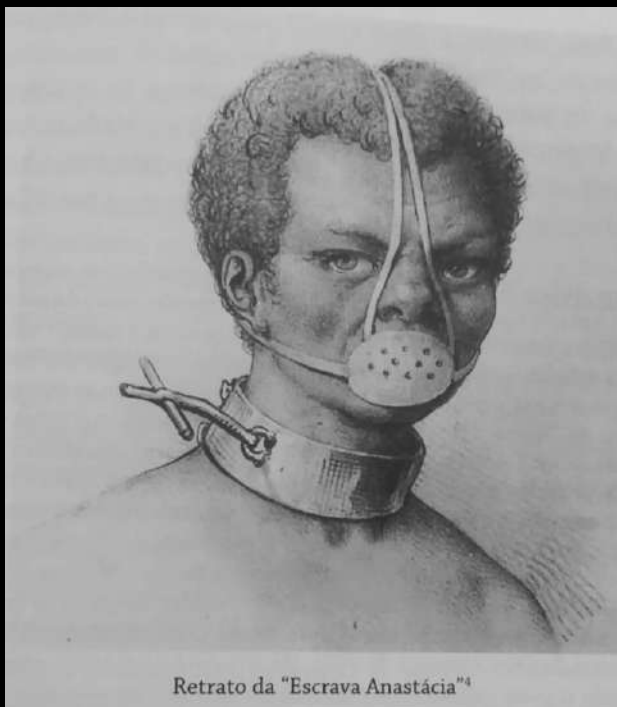


Figura 16 - Post da Uber no Instagram - Campanha antirracismo.
Fonte: Instagram @Uber_br.

Os comentários na postagem anterior destacam uma postura comumente utilizada pela branquitude, que não reconhece o racismo e critica posicionamentos que lhes chamam a reflexão. A negação de atitudes racistas, alegando que o problema é social e não racial, faz referência a um legado anterior de escravidão e pós-abolição, no qual pessoas brancas não se sentem responsáveis, mesmo que usufruam dos privilégios dessa herança, sobre esse aspecto Cida Bento (2002) afirma:

Assim, o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não esgota a explicação para o fenômeno. Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que não só os nossos entrevistados evitam, mas o país não quer discutir. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Não reconhecer-se como partícipe dessa história é não assumir um legado que acentua o lugar de privilégio que o grupo branco desfruta na atualidade. (p.28)

Ainda sobre essa questão a autora afirma que o pacto narcísico da branquitude opera de forma a garantir os privilégios e desacreditar situações que denunciam o racismo e a exclusão. O deslocamento do problema para a vítima é um destes, o não reconhecimento da agressão e a meritocracia também são argumentos utilizados para a ocupação e manutenção dos espaços de poder.



Retrato da "Escrava Anastácia"⁴

Lembro de uma situação que acompanhei no ano de 2019 na qual uma estudante negra denunciou atos racistas no grupo de sua turma criado em um aplicativo de troca de mensagens. Houve uma forte propagação de memes racistas, e ela solicitou que os colegas parassem e apagassem o conteúdo, pois era a única negra do grupo. Os colegas ignoraram e continuaram, ela procurou a direção da instituição, fez uma denúncia, reuniu provas e fez um boletim de ocorrência.

Vários professores saíram em defesa dos agressores, argumentando que eram todos **“crianças”**, que foi uma **“brincadeira inocente”** e que todos faziam parte de **“excelentes famílias e possuíam um ótimo desempenho escolar”**. Em contrapartida, o relato da vítima era posto em dúvida, mesmo com provas da agressão; era **repetente**, **“malandra”** e vivia matando aula e estava criando um problema, para tirar a atenção do seu **péssimo “desempenho escolar”**, exibido por relatório apresentado por uma das integrantes da equipe pedagógica. Foi acusada de manipular informações e criar mal-estar na turma. A resistência em formalizar a situação, gerou um impasse e muito desconforto. A estudante ofendida foi acusada de ser **dissimulada** e de querer tirar **proveito financeiro** da situação, caso houvesse uma indenização resultante de um processo judicial do caso. Depois de muitas ponderações e da postura firme do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Índigenas (NEABI), foi acordado um trabalho pedagógico mais efetivo com a turma, e com os docentes que atendiam o grupo.

Um exemplo nítido do pacto narcísico da branquitude, operando debaixo dos nossos olhos. A reflexão que faço aqui, é como sobreviver em um espaço em que somos aviltados e expostos? Como um estudante negro poderá ter saúde mental, e concluir suas atividades sabendo que diante de uma agressão, jamais será visto como vítima? Talvez por isso, tantos silenciem e tantos acabem por evadir. Kilomba (2019, p.33)

“Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era utilizada para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os “Outras/os”: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”³⁹

Com a popularização do uso da internet e de redes sociais, a comunicação tem se tornado cada vez mais rápida e atingindo um número expressivo de pessoas, as discussões que ficavam restritas ao contexto da sala de aula, continuam e permanecem também no ambiente virtual. Essa relação de espaço-tempo, faz com que todo tipo de informação e/ou ideia seja propagada rapidamente e a exposição também, é o que em um primeiro momento poderíamos considerar positivo, mas poderá ter um efeito devastador dependendo do que é compartilhado. O racismo pode se manifestar de diversas formas, inclusive através de figuras “engraçadas” (para quem?), os chamados memes⁴⁰, como a interlocutora Adriana⁴¹ relata a seguir:

“Depois de um tempo eu acabei de trocando de turma, uma colega de adicionou no grupo de WhatsApp da turma, que logo de cara eu silencieei ele, pois não queria muito contato com eles, na madrugada de segunda-feira (11/02/2019) para terça-feira (12/02/2019), resolvi ler as mensagens do grupo, foi quando vi as “figurinhas” que dois colegas colocaram, elas eram sobre negros, na mesma hora, eu chamei os dois para conversar, falei que que aquilo era errado e que eram coisas super racistas, os dois pediram desculpas, logo após a conversa com eles, eu acabei postando no grupo que racismo é crime e que esse tipo de atitude era muito errada, logo após minha publicação uma colega postou uma figurinha, para me provocar e os colegas que eu tinha conversado resolveram a me atacar também. Foi a pior noite da minha vida, eu não sabia o que fazer, naquele momento eu me senti sozinha e só queria sumir.

Na manhã de terça-feira (12/02), eu conversei com meus pais, e logo de cara procurei minha advogada e os integrantes do Neabi. Fui na delegacia com todos os prints e depois fui na escola, onde fui recebida pelos integrantes do Neabi que me auxiliaram com o processo que abri na instituição.”(Sic)Adriana

³⁹ Fonte: Kilomba (2019, p.35)

⁴⁰ Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da *internet*, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. “**meme**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/meme> [consultado em 04-02-2020].

⁴¹ Nome fictício dado a interlocutora (Adriana).



Figura 17 - Memes racistas compartilhados em um grupo de estudantes do ensino médio em Pelotas-RS.

Fonte: Produzido pela autora a partir do site na imagem.

O teor da narrativa dos *memes* que a interlocutora é semelhante aos exemplos acima, e em um primeiro momento foram considerados uma “brincadeira inocente”, o que não minimizou seu sofrimento. Moreira (2019, p.31), afirma que o racismo recreativo faz uso do humor para expressar hostilidade racial, estratégia que permite a perpetuação do racismo, mas que protege a imagem social das pessoas brancas. Sendo assim qualquer manifestação de desconforto por parte da pessoa agredida, é compreendida pelo grupo dominante como intolerância, ou antipatia. O racismo recreativo ocorre, em diversos espaços de interação social, e o ambiente acadêmico é apenas um deles, reconhecer e posicionar-se mesmo que seja doloroso, é o caminho para que possamos marcar a nossa presença e desconstruir o racismo, é o que afirma a interlocutora:

“Ser mulher negra, não é nada fácil, ainda mais quando mais se posiciona em certas situações, pois as pessoas não gostam de ver os pretos em lugares como institutos federais ou faculdades, não querem ver pretos em cargos importantes, isso me dá força pra correr atrás dos meus sonhos e ser tudo aquilo que não querem que eu seja, eu sou uma mulher preta, pobre, gorda, linda e vou ocupar o lugar que eu quiser! E vou ajudar meus amigos a chegarem nos lugares, e vamos com a cabeça bem erguida. (...) Ser preta, nesse país não é nada fácil, nós pretos matamos um leão por dia, e quando abrimos a boca as pessoas falam que a gente só fala mimimi, que as cotas machucam as pessoas brancas, e que racismo reverso existe. Esse tipo assunto me dá um nojo tão grande, mas ao mesmo tempo me dá força pra não baixar a cabeça e dialogar com classe, aprendi que não se resolve tudo no grito, as vezes é preciso sim, mas nem tudo é resolvido dessa maneira pois eles esperam que a gente surte pra tirar a nossa razão.

Também aprendi que ser diferente é muito bom, não tem graça nenhuma ser igual a todo mundo, eu não consigo me ver num mundo sem a diversidade.”
(Sic)Adriana



Figura 18 - Globeleza recusada pelo público e a escolhida após polêmica.
Fonte: Produzido pela autora a partir de fotos dos sites contidos na imagem.

“[...] nunca se testemunharam tantos crimes e violações a direitos e garantias fundamentais dentro (e fora) da grande rede em razão das relações dentro dela estabelecidas”. Outrossim, Silva pontua que o ciberódio não tem espaço em legislação especial, sendo tratado em leis gerais, tornando maior o desafio de combater essa modalidade de crime. Portanto, verifica-se que as redes sociais são um ambiente ambivalente, pois, para Morato, se por um lado ensejam democracia comunicacional e mobilização social, por outro canalizam violações a direitos humanos com discurso que rebaixam a dignidade dos indivíduos. Deveras, recentemente, houve diversas manifestações de ódio realizadas nas redes sociais, seja no Facebook, no Twitter ou no Instagram, não podendo se olvidar dos Blogs. A título de ilustração, algumas vítimas (famosas) podem ser enumeradas: Maju Coutinho (2015), Preta Gil (2016), Michelle Obama (2016), Seu Jorge (2017), Lucy Ramos (2017) e Titi (2017) de apenas quatro anos de idade. Todos esses exemplos têm como característica singular a agressão em razão da cor da pele, isto é, o racismo. (Giordano & Melo, 2020, p.56)

Casos de ciberódio vistos nas redes sociais são nada mais do que o reflexo de um pensamento e um modo de viver de um coletivo que ainda se pauta na idealização de uma humanidade universal, branca, heteronormativa e cristã, sem considerar subjetividades outras, ou características específicas, culturas e modelos de sociedade que não sejam pautados em um padrão eurocêntrico. Conforme Ribeiro (2018, p.42) a estética branca não é estigmatizada e sim colocada como bela, como padrão. Um branco que cresceu num país onde pessoas como ele estão em maioria na mídia desde sempre teve representatividade. Há uma defesa exacerbada do que seja

beleza, cultura, sexualidade e moralidade, e é neste momento que as narrativas vêm à tona, sem a preocupação muitas vezes do que seja politicamente correto. A agressividade nos comentários e as justificativas, em geral são carregadas de preconceito, sexismo, machismo, homofobia e etnocentrismo. Conviver com o racismo e a violência, simplesmente pela nossa cor, é algo que nos fere e adocece cotidianamente, a sensação de deslocamento e não pertencimento muitas vezes, levam a população negra a cogitar o direito de estar e habitar zonas “elitizadas”, “brancas”, “centrais”.

ANIMA

DE LUTTA.

VENDE-SE uma preta, muito moça com cria ; sabendo lavar perfeitamente, e bem desembaraçada para o serviço domestico : é muito sadia, e o motivo da venda, é não querer servir mais a seus antigos senhores. Para tratar—no largo do carmo, numero 75—sobrado.

Capítulo 2 – Musa do carnaval, mãe Preta, objetificação e a negação da intelectualidade da mulher negra.



Neste capítulo abordo algumas dinâmicas que reduzem da mulher negra a estereótipos socialmente construídos, e que contribuem para a manutenção de um imaginário que naturaliza essa **presença invisibilizada**, principalmente no espaço acadêmico. No que se refere a uma sociedade que é permeada pelo legado da escravização, alguns papéis continuam sendo naturalizados, como: “**a mãe preta**”, “**a mulata do carnaval**” e “**a doméstica**”, seguem sendo perpetuados no cotidiano, através de diversas representações na mídia e no senso comum. A partir de cenas e relatos colhidos na etnografia virtual, na autoetnografia e na observação participante, percebe-se nitidamente ocorrências de micro agressões e macro agressões que se refletem também no contexto acadêmico. A naturalização do racismo em práticas cotidianas, e a solidão da mulher negra também são fatores que colaboram para a manutenção do racismo estrutural (Almeida, 2019, p.46), como podemos perceber no anúncio a seguir:



Figura 19 - Propaganda descontinuada com teor racista.
Fonte: Instagram /Preta Feminista, 2021.

Como podemos perceber na imagem acima há um juízo de valor atribuído à branquitude, sinalizando que a possibilidade de relações de afeto, está vinculada ao fato da mulher negra, estar “à altura”, deste homem branco. Obviamente, sabemos que esse padrão será definido sempre pelo grupo majoritário, e que nunca será o suficiente, em uma estrutura racializada. Lamentavelmente, vivemos em uma sociedade em que os estereótipos estão definidos e padronizados e o negro não está contemplado no que é socialmente aceito por este imaginário coletivo, ou seja, como alguém que sempre será subalternizado. Sobre essa questão Sueli Carneiro, (2003) diz:

Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas. Tal dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não-hegemônicos vem despertando análises cuidadosas e recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros referenciais.

Ainda sobre o estereótipo da mulher negra como criada, Lélia Gonzales (1984, p.230), traz à tona essa questão quando afirma que quanto à doméstica, ela nada

mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Mesmo em posições de notável superioridade, ainda se espera uma postura de subserviência e aceitação da fala de quem é reconhecido socialmente como superior: O homem branco, heterossexual, católico. No imaginário da nossa sociedade, somos domésticas ou mulatas e não líderes, empresárias, professoras, médicas, advogadas entre outros postos de relevância social.

Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível à “brancas” ou “clarinhas”). (Lélia Gonzalez, p.230)

Quando pessoas negras denunciam a violação de direitos, resistem a diferentes formas de dominação e controle, ocupam espaços de tomada de decisão e começam a frequentar alguns ambientes que antes eram ocupados apenas pela branquitude, a sociedade se obriga a se reorganizar, e principalmente reconhecer e assumir o racismo presente nos seus diversos segmentos. Mesmo assim pessoas negras ainda são expostas a situações vexatórias e constrangedoras, como denunciam os tweets⁴² de pesquisadora Winnie Bueno⁴³ abaixo e prancha a seguir que revela uma situação em um aplicativo de transporte de passageiros:

⁴² tweet [tuíte](palavra inglesa) substantivo masculino. Publicação numa conta da rede social Twitter. = TUÍTE"tweet", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/tweet> [consultado em 23-11-2021].

⁴³ https://twitter.com/winniebueno?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor (23/11/2021)



Figura 20 - Comentário do Twitter - Winnie Bueno.
Fonte: Twitter (2021)



Figura 21 - Caso de Racismo por motorista de aplicativo.
Fonte: Instagram- @noticiapreta

Assim, como na situação na imagem acima, independente de nossa condição financeira ou profissional, infelizmente o que chega antes, é a nossa cor; nossa imagem em uma primeira leitura será sempre questionada, deslocada, estranhada em locais onde teoricamente, não deveríamos estar. O nível de violência e desrespeito na situação, nos choca pelo quanto as pessoas se sentem à vontade nos agredindo,

e nesse sentido não é estranho que muitas vezes, tenhamos reações que de pronto sejam exacerbadas, pois estamos sempre na expectativa de sermos julgadas, agredidas. A **negra raivosa**, ou a **negra agressiva**, nos mostra que na verdade não estamos aceitando o local de subserviência e incapacidade que insistem em nos colocar, quando rejeitamos visões caricatas e estereotipadas associadas a nós, em uma simples conversa cotidiana. Lembro de estar em um evento da universidade, onde acontecia uma apresentação musical de chorinho, e absorvida por aquele momento fui pega de surpresa por uma colega, que se dirigiu a mim dizendo: **“e aí? Mostra o teu gingado!!!!”**, fazendo menção para que eu sambasse ali. Não acreditei, que naquele contexto, onde vivemos problematizando essas questões, ouvi isso. Fiquei tão furiosa, pelo comentário absurdo, e principalmente por ser perturbada naquele momento, que minha resposta automática foi: **“Isso, é só para quem merece”**. Não me senti elogiada, aliás, onde está escrito que toda mulher preta necessariamente tem que sambar, em qualquer contexto? sempre que alguém quiser ver “o nosso gingado”? A colega arregalou os olhos e se afastou, visivelmente descontente com a minha reação, uma outra, ficou horrorizada com a ousadia da colega, e comemorou a minha resposta. Esse comentário racista me deixou extremamente irritada pois não é de minha natureza ser agressiva, ou reativa a todas as situações que me causam desconforto, mas é impressionante como a branquitude, segundo a autora Winnie Bueno (2020, p.121), historicamente tem se apropriado dos corpos das mulheres negras como forma de lazer, e acha perfeitamente normal.

Ainda sobre a rejeição de outros tipos de protagonismo, quando nos referimos as mulheres negras, quando associadas a status e poder, um exemplo, é a recente discussão que causou polêmica nas redes sociais, acerca de uma série de televisão épica, onde a rainha inglesa Ana Bolena, executada em 1536, em uma nova versão, é interpretada pela atriz Jodie Turner-Smith, que é uma mulher negra. O estranho nessa situação, como em tantas outras com o mesmo caráter, é que não se vê o mesmo furor quando as narrativas de segmentos semelhantes, trazem uma situação de embranquecimento como Cleópatra, Machado de Assis e Chiquinha Gonzaga por exemplo. Ao subverter a estética da rainha inglesa, rompendo com um ideal onde o poder a branquitude são sinônimos, se insurgem diversos pensamentos e discursos, os quais podemos ver a seguir:

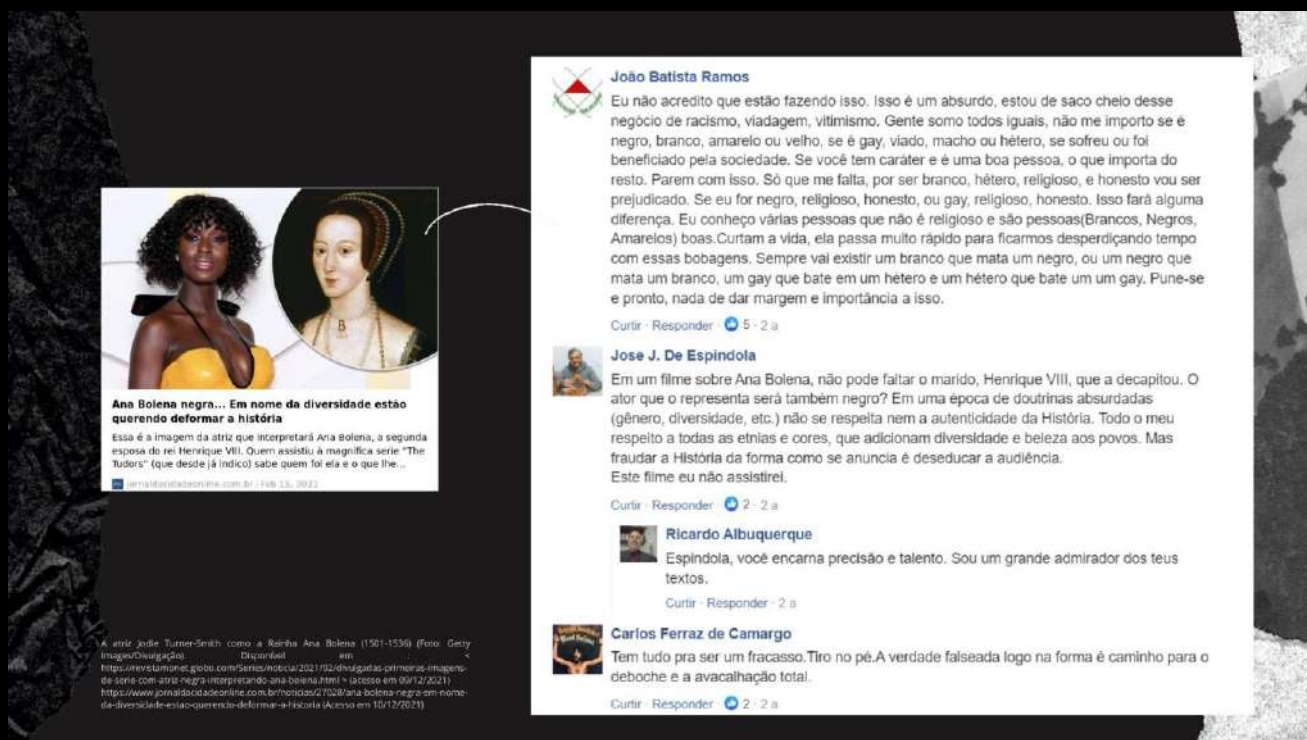


Figura 22 - Foto da Rainha Ana Bolena e a da atriz escolhida para a nova versão.

Fonte : ⁴⁴(Revista Monet, 2021 & Jornal da Cidade,2021)

No artigo de opinião publicado no jornal da Cidade Online, sobre a referida série, a ideia de uma Ana Bolena negra, gerou debate e posicionamentos diversos, mas o que podemos observar como elemento em comum nas narrativas, é que se tem uma leitura da inclusão e da diversidade como um posicionamento político e não como questão humanitária. O próprio autor desse artigo, posiciona-se afirmando que colocar uma negra no papel, trata-se de um ativismo de movimento auto afirmativo, e uma tentativa de reescrever a história.

Ainda é possível perceber o machismo, a desumanização e a hipersexualização em alguns comentários (já deletados da página), que resumem o protagonismo dessa mulher negra apenas ao lugar de amante, exaltam os seus atributos físicos e a ideias de cunho sexual, como sendo “**quente**” e “**lasciva**”, o que reforça a ideia de não pertencimento e protagonismo em postos de poder, e

⁴⁴ A atriz Jodie Turner-Smith como a Rainha Ana Bolena (1501-1536) (Foto: Getty Images/Divulgação). Disponível em: < <https://revistamonet.globo.com/Series/noticia/2021/02/divulgadas-primeiras-imagens-de-serie-com-atriz-negra-interpretando-ana-bolena.html> > (acesso em 09/12/2021) <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/27028/ana-bolena-negra-em-nome-da-diversidade-estao-querendo-deformar-a-historia> (Acesso em 10/12/2021)

principalmente a negação do direito ao afeto e a um relacionamento que possa ser reconhecido socialmente.

Dentre os comentários (alguns já indisponíveis e apagados) um deles revela a indignação e a preocupação com o rompimento do padrão ao qual o interlocutor pertence, e a constatação de uma consequente perda de privilégios, diante da expansão dessa representatividade: ***“Só que me falta, por ser branco, hétero, religioso e honesto vou ser prejudicado.”*** Afinal, o que significa “ser prejudicado”? A questão fundamental aqui é a revelação do incômodo diante da possibilidade de ocupação de espaços de poder por pessoas negras e o rompimento com algumas certezas, através de outras representatividades. Sobre a temática do “privilégio branco”, Lia Vainer Schucman (2012, p.75) faz uma reflexão importante a partir dos relatos de seus interlocutores:

Um primeiro ponto que percebi é que a maioria dos brancos em seus depoimentos sabem que são privilegiados em relação aos não brancos. Quando pergunto, no entanto, quais são as formas em que eles entendem que são privilegiados, muitos não se reconhecem como agentes de atitudes racistas. Sujeitos que dizem não ser protagonistas de atitudes racistas, de uma certa maneira, são favorecidos pelas atitudes racistas dos outros. No decorrer das entrevistas, os mesmos sujeitos que em uma hora diziam que a culpa era da sociedade e da escravização, reconheciam posteriormente, em outros discursos, momentos em que eram racistas. Neste sentido, a ambigüidade e fragmentação dos discursos dos sujeitos me pareceram algo muito relevante para a compreensão de como se mantém o racismo na sociedade brasileira. A ambigüidade aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral. (p.75)

Além disso, a narrativa revela uma ideia de superioridade e hierarquia atravessada por questões de estética, caráter, valor e humanidade que são associadas à branquitude. Quando essas ideias passam a ser contestadas, e grupos minoritários cobram seu espaço e buscam seus direitos, surgem os discursos em defesa de uma pseudo igualdade que na verdade escondem uma das facetas do racismo, que é o mito da democracia racial. É importante que façamos a seguinte reflexão: no Brasil, o que há de verdade na frase “somos todos iguais”? quando e onde e para quem esse argumento se aplica?



Figura 23 - Casos de racismo com mulheres Negras.
Fonte: (Notícia Preta, 2021 & IG Delas, 2021)⁴⁵

Sobre o argumento da **igualdade**, comumente utilizada para negar a existência do racismo, precisamos analisar criticamente para quem esse discurso é válido, ou se só serve de maneira seletiva, para a manutenção de um sistema que já está posto. Questionar essa construção de um ideal de ser humano, que exclui a população negra e particularmente, as mulheres negras em várias instâncias, lhe negando o direito à saúde, afetos, à livre manifestação de sua espiritualidade, dignidade e humanidade em prol de um padrão eurocêntrico que garante apenas para a branquitude um lugar na sociedade.

Com o passar dos anos e de toda luta de movimentos sociais, a reivindicação de nossa presença tem sido maior, em todas as instâncias, sendo a educação um dos caminhos com maiores possibilidades; podemos ver que alguns equívocos ainda permanecem, e que nos demonstram como a falta de letramento racial crítico, pode ser desastrosa, não só para as empresas, mas para a sociedade como um todo. Com o alcance das redes sociais, facilmente se identifica e problematizam formas de racismo velado, sexismo e machismo. Os anúncios a seguir só demonstram exemplos lamentáveis de associação das mulheres negras a condição de subserviência, hipersexualização e objetificação.

⁴⁵ <https://delas.ig.com.br/2021-10-20/racismo-camara-de-vereadores-porto-alegre-laura-sito.html>
<https://noticiapreta.com.br/idosa-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-analogo-a-escravidao-no-rio/>
<https://noticiapreta.com.br/voce-que-e-dessa-cor-tem-que-fazer-comigo-motorista-de-aplicativo-e-preso-por-racismo-e-tentativa-de-estupro/> (Acesso outubro de 2021)



Figura 24 - Propagandas e produtos com teor racista.
Fonte: Acervo da autora, a partir de referências contidas na imagem.

Bombril é acusada de racismo por campanha com empregada doméstica negra
(16, 28/04/2015) Marca afirma que escolha de doméstica para anúncio no Facebook não foi aleatória, mas internautas rechaçam peça. Uma peça publicitária da Bombril no Facebook gerou polêmica na última segunda-feira (27).

Agência Patrícia Galvão - Abr 28, 2015

Vamos homenagear quem mais brilha nos lares de todo o país! Aproveite a data para conhecer a Casa Bombril, um projeto social que ajuda a desenvolver ainda mais a vida profissional das domésticas! Afinal, o brilho delas é uma das coisas que fazem de nossa casa um verdadeiro lar!”, disse a marca.

<https://agenciapatriciasgalvao.org.br/mulheres-de-olho/mulher-e-midia/bombril-e-acusada-de-racismo-por-campanha-com-empregada-domestica-negra/> (Acesso abril de 2022)

Figura 25 - Propaganda da empresa Bombril, acusada de racismo.
Fonte: AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO (2015).

É importante fazer uma leitura crítica sobre como são, as possibilidades de ocupação de determinadas posições, e como ocorre esse protagonismo. De nada adianta a presença em determinadas instâncias, se esta reforça estereótipos que continuam limitando a potencialidades, condicionando a uma leitura que valida o

racismo estrutural. Reitero aqui que estas representações, como tantas outras, talvez pudessem ser evitadas, se discutiremos abertamente que o racismo ainda é um problema grave, que segundo (Moreira, 2019 p.100), é um sistema de opressão que não opera isoladamente, ou seja, o domínio de certos segmentos sobre outros também depende da exclusão econômica, da marginalização cultural e da ausência de representação política. Neste sentido, em nossa sociedade essa discussão deve perpassar por todos os âmbitos, mas em particular o da educação. Em se tratando deste tema, trago o (péssimo) exemplo de uma escola de desenho, da cidade de Pelotas, que publicou em um dos jornais da cidade uma charge racista, onde o alvo, era mulher negra e seu cabelo crespo. Segundo o autor da tirinha, o **cabelo “ruim”**, era que nem bandido: ***ou tava armado, ou tava preso***. Imediatamente, houveram muitas manifestações nas redes sociais, criticando a “piada”, e o autor fez uma “retratação”. O curioso (ou não) do pedido de desculpas do autor (a seguir), é que em nenhum momento assumiu a ofensa, e a relaciona a um problema de interpretação dos leitores; em um tom que deixou marcado seu lugar de privilégio, enquanto pessoa e profissional na cidade, o que na sua concepção lhe isentaria de cometer qualquer atitude de cunho racista, e que estava sendo ofendido enquanto profissional. Há algum tempo salvei a charge, durante o meu campo virtual, e perto de finalizar este capítulo, fui verificar a publicação, e tive dificuldade de encontrar a tirinha novamente; creio que diante da repercussão negativa, foi apagada dos aplicativos de busca, mas como as redes sociais são um terreno de rápida propagação, consegui retomar alguns comentários de quem conseguiu acessá-la, o que já nos dá uma ideia da gravidade do fato:



Figura 26 - Charge racista e comentários no Facebook.
Fonte: Acervo da autora, a partir de dados do Facebook.

Segue abaixo o posicionamento do jornal em sua página do Facebook, onde se refere a situação como uma polêmica envolvendo “uma piada antiga” e a “retratação” do autor:

“NOTA DA REDAÇÃO

O Diário da Manhã esteve envolvido numa polêmica que iniciou na quinta-feira (17), com a publicação de uma charge na página 15 da edição impressa. O trabalho do artista e conhecido desenhista Júlio dos Anjos apresentou uma piada antiga. Alguns entenderam, outros não.(...) A pedido do jornal, o artista elaborou uma retratação, que publicamos abaixo:”(Diário da Manhã, 2018)”

“RETRATAÇÃO

Qualquer mulher que tenha “cabelo” que não é bom, auto denominará seu cabelo de ruim, como no caso da cantora Elba Ramalho, que usando cabelo “frisado” fica volumoso em demasia e as pontas desparelhas, tal como aparece na personagem da piada do Gogui do dia 17 de maio de 2018 no DIÁRIO DA MANHÃ.

Acredito que qualquer pessoa de bom senso, não vai enxergar na moça em questão, qualquer indício de nacionalidade ou raça, a não ser que se trata de alguém muito “preconceituoso” e “racista”, adjetivos que não servem para pessoas lúcidas que possuem discernimento e inteligência.

Como é público e notório, nas redes sociais, qualquer um pode dizer ou mostrar, o que quiser, sem nenhuma restrição ou punição.

Estou me RETRATANDO para uma cidade que me conhece e sabe que sempre tive conduta ilibada como profissional, merecendo em 2007, o título de Cidadão Pelotense.

É fácil, atrás do anonimato, levantar atos irresponsáveis de ignomínia e incitar a outros mal informados. É evidente que, como bom desenhista, posso e coloco claramente, características de raça, ou qualquer atributo nos meus personagens, o que mostra que a moça da piada nada tem a ver com o “ataque” em questão.

DESCULPO-ME e me RETRATO, por ser “alvo” de todo o desrespeito e incomodo causado ao jornal DIÁRIO DA MANHÃ e a minha escola.

“Senhor, perdoai, eles não sabem o que fazem!”
JULIO DOS ANJOS” (Facebook, Diário da Manhã 21/05/18).

A situação não é nova, é bastante corriqueira na verdade, o que faz inclusive, com que algumas pessoas, achem que as reações negativas foram exageradas. Fico pensando no impacto para qualquer uma menina negra que leia essa charge, e não sinta constrangimento, e nas tantas vezes em que eu mesma já escutei essa “piada”. O que mais choca é o quanto as pessoas se sentem confortáveis em rir, diminuir e desqualificar a nossa fenotipia, algo que é inerente ao que somos e de onde viemos, sem perceber o nível de crueldade e de etnocentrismo presentes nisso. “O humor”, e a “homenagem” comumente usados para justificar situações como essa, ultrapassaram a fronteira do bom senso, do respeito e empatia, e mesmo que seja antiga e recorrente, a piada segue sendo inadequada e ofensiva, sendo inaceitáveis manifestações desse tipo.

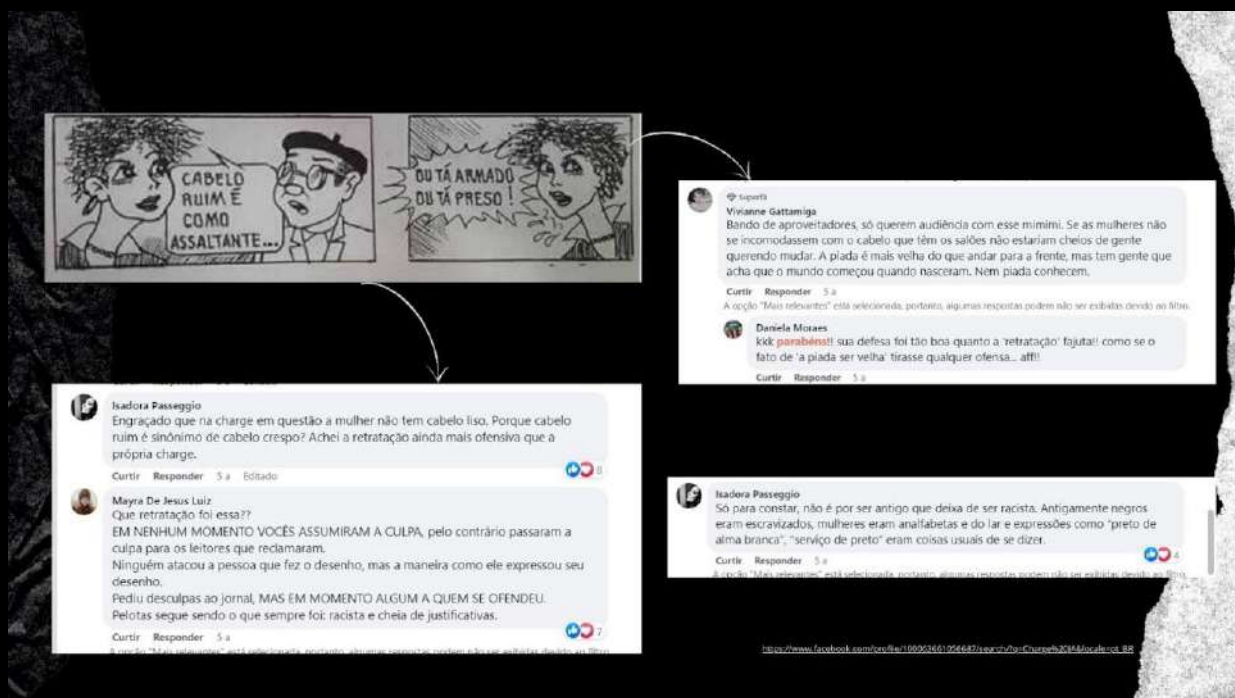


Figura 27 - Charge racista e comentários no Facebook.
Fonte: (Facebook Diário da Manhã, 2018)

O racismo, é uma realidade e ele passa, não apenas pelo contexto no qual estamos inseridos, nas relações familiares, mas principalmente, pela formação docente. Voltamos a pergunta de pesquisa: Como construir uma intelectualidade negra em uma sociedade racializada, etnocêntrica, heteronormativa e machista?

Como romper com toda essa estrutura? É inegável que precisamos de mais espaço para a população negra, de maneira que o êxito escolar resulte em formação profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, mas essas pessoas precisam não apenas chegar, mas permanecer.



Figura 28 - Racismo na escola.
Fonte: G1, Globo(2020)⁴⁶

Na imagem acima, uma polêmica só resolvida após a procura de uma delegacia. Segundo o boletim de ocorrência, “o pai da aluna relatou no plantão policial que estava na casa de amigos quando a filha viu a publicação no perfil do Colégio Domus Sapiens na rede social. O anúncio publicitário tinha quatro meninas, sendo três brancas e a garota negra.” Segundo o pai, a família recebeu mensagens de indignação pela publicação. No entanto, a escola foi informada pelos parentes da aluna e a publicação foi retirada. Episódios como esse nos revelam o despreparo das instituições de ensino, e por conseguinte da produtora do anúncio, o que reafirma a importância de uma formação docente mais qualificada, em todos os âmbitos da educação. Afinal um professor que está comprometido em promover uma educação com respeito as diferenças, terá condições de contribuir nesse sentido para a formação de outros profissionais, considerando a diversidade cultural presente em

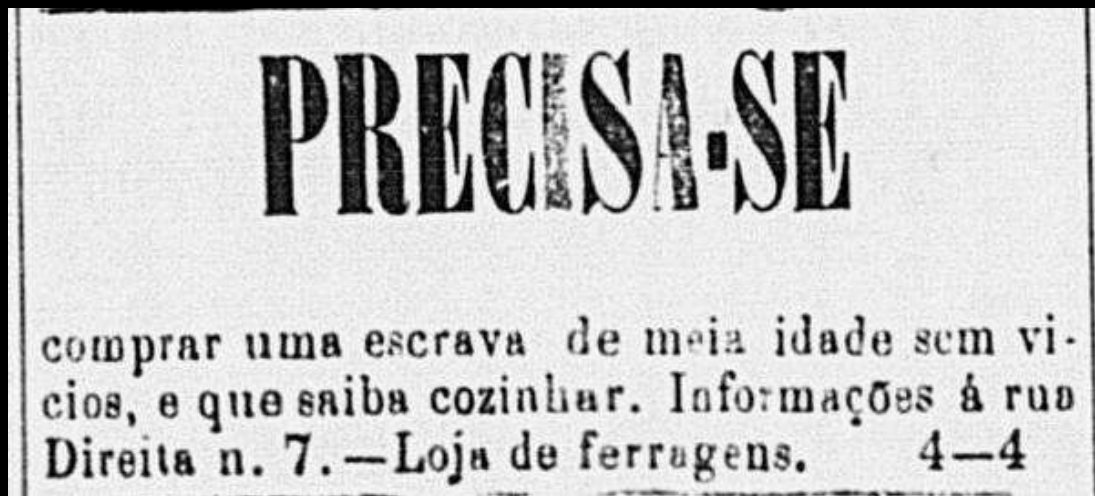
⁴⁶ Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/11/24/policia-abre-inquerito-para-apurar-foto-de-menina-negra-encoberta-em-propaganda-de-escola.ghtml> (acesso 13/10/2021)

nossa sociedade. E no caso, da base, das séries iniciais, atuar junto a família para que se questionem posturas e ações que invisibilizam e excluem pessoas que não fazem parte do grupo hegemônico.

Neste sentido, já direcionando para os próximos capítulos, trago os seguintes questionamentos: a escola realmente é para todas as pessoas? O que estamos fazendo de fato para que a educação reflita a nossa sociedade com toda a sua diversidade?

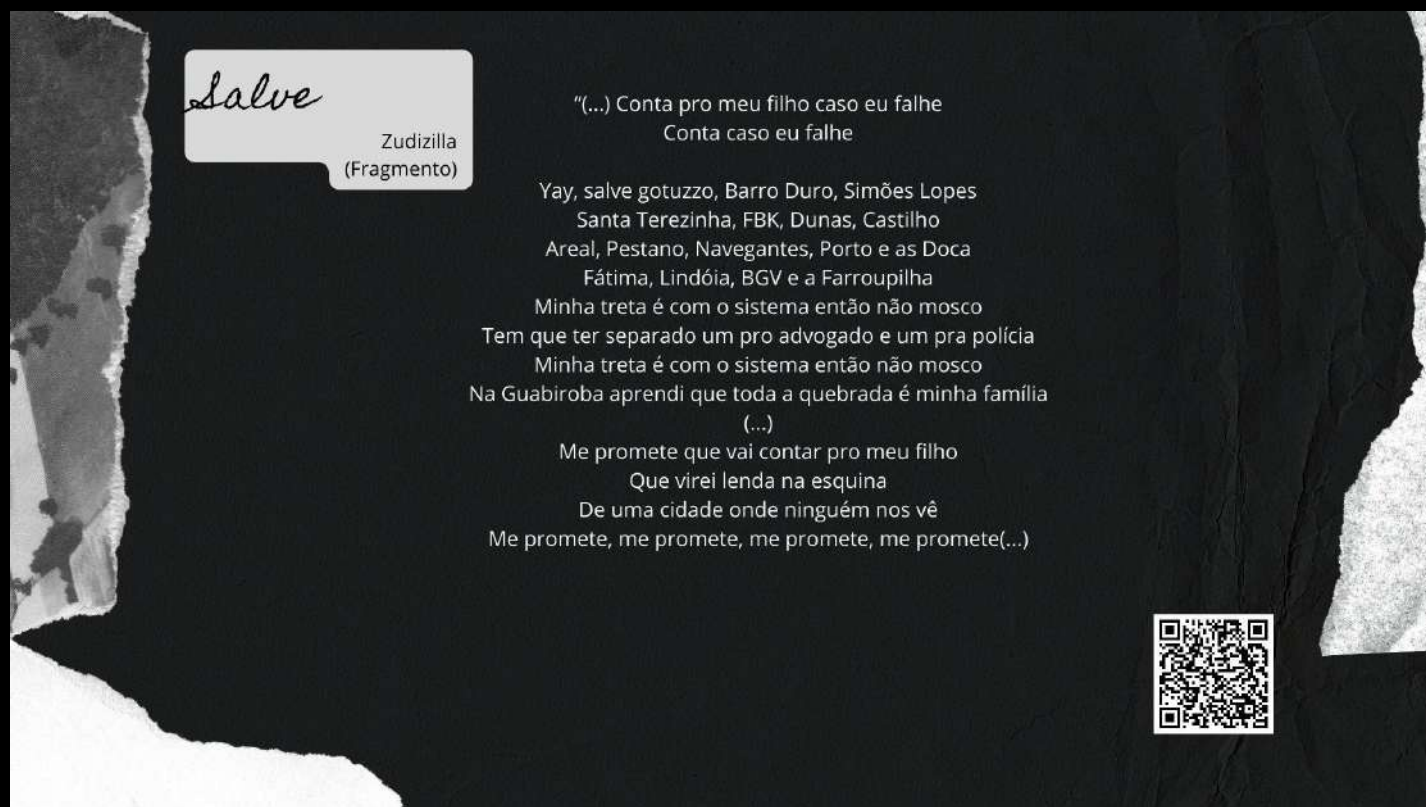


Capítulo 3- A negação da negritude: O paradoxo de se viver na Princesa do sul, uma cidade negra que se pensa branca.



47

⁴⁷ <https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> (acesso 25/11/2021)



O sabor amargo... da "Doce Pelotas"...

Neste capítulo, falo da dor e da delícia de habitar a cidade do doce, minha terra natal, Pelotas-RS. Uma cidade que tem vários demarcadores sociais e raciais, onde contrariando as estatísticas, tive a ousadia de habitar ao longo dos anos, a zona central, depois que saí do bairro Simões Lopes. Enfim, mais um entrelugar (Bhaba, 2010).

Digo minha, tomada pela insegurança de quem nunca se sentiu acolhida, uma cidade que se vê branca, tradicional e de raízes europeias quando se admira, em seu espelho narcísico. A visão que trago, a partir do espelho de Oxum⁴⁸ mostra que não é mais possível ignorar a necessidade de se problematizar o racismo e a construção dessa presença negra invisibilizada, naturalizada desde a infância, não só nos brinquedos, mas no material didático, mídia, produtos, entre outros. Principalmente, refletindo sobre quais são os impactos na saúde mental de pessoas negras diante

⁴⁸ Oxum. Ver: Bulfinch, Thomas. O mito de Narciso. In: O livro de ouro da mitologia - histórias de deuses e heróis. Editora Agir, Rio de Janeiro, 2014. Ver também: <https://www.mulheresdeluta.com.br/oxum-a-ra> (acesso, agosto de 2023)

desse ideal de sociedade que nos exclui. Trago algumas situações a seguir, para que tenhamos a dimensão, da dor e da delícia que é viver na “cidade do doce”.

Em pleno cenário da pandemia (COVID-19) fatos lamentáveis relacionados ao racismo aconteceram na cidade, que nos fazem refletir que nem em um cenário em que vidas são ameaçadas por um inimigo invisível, colocando em xeque qualquer valor, posição ou origem, as pessoas não conseguem entender o quão desprezível pode ser uma agressão deste tipo. Assim, diante da única possibilidade de cura com a vacina, muitos se negaram a ser atendidos por profissionais negros, como o caso específico de Pelotas, onde uma enfermeira negra sofreu um ato de racismo durante a campanha de vacinação, conforme trecho do jornal Diário Popular (2021).



Figura 29 - Crime de racismo durante a vacinação contra a COVID-19.

Fonte: Jornal Diário Popular(2021)

Uma mulher negra, professora, é alvo de ameaças racistas em uma live durante a campanha eleitoral à reitoria da UFPel, um cenário de total violência e desrespeito, mas apenas uma amostra, do que pessoas negras de qualquer posição nesta localidade podem enfrentar. Houve situações semelhantes, invasões em várias atividades online que tratassem de questões relacionadas à diversidade, demonstrando com esse comportamento, a busca pela validação e continuidade de discursos hegemônicos.



Figura 30 - Ataques a candidata a reitoria da UFPel.

Fonte: Gaúcha/ZH(2020) ⁴⁹

Poderia descrever diversas situações que achei no campo virtual, mas para esse trecho, vou citar o relato de uma interlocutora real, que vai ao encontro da nossa discussão. Rosa ⁵⁰trabalha como suporte técnico em uma empresa de tecnologia em Pelotas, a única responsável por isso. A única mulher negra e gorda em um universo de pessoas brancas, homens na maioria. Geralmente, quando os clientes procuram o suporte, perguntam para a menina branca e magrinha do caixa, ou se direcionam para um dos homens que atendem na loja.

Mesmo que ela ocupe uma mesa exclusiva, com uma placa enorme acima indicando que é o suporte técnico, mesmo o uniforme sendo diferenciado, já ouviu horrores, já foi xingada, desrespeitada de várias formas. Em uma situação, o cliente resmungou, indignado por ter que aguardar ser atendido: **“é um absurdo ter que ser atendido pela macacada preguiçosa, que vive de auxílio do governo”**. Quando denunciou a situação e reclamou ao seu superior, ouviu que teria que relevar o comportamento de alguns clientes, pois eles gastam bem e usou a seguinte frase: **“sei que é chato, mas tu tens que entender, que o cara gastou mais de dez mil reais na loja né...”**. Nesse dia, Rosa saiu no meio do expediente, chorando e foi para casa.

Chato não! É racismo! Tenho imenso orgulho dessa e de tantas mulheres pretas, que apesar de tudo que significa estar onde não nos querem, ainda não perderam a doçura e seguem resistindo, colocam a dor no bolso e saem todos os dias para trabalhar e enfrentar situações como essa. Maria Aparecida Bento (2002, p. 20) fala de como imaginário da sociedade se manifesta também no cotidiano das

⁴⁹ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/08/candidata-a-reitora-da-ufpel-e-alvo-de-ataques-racistas-em-reuniao-virtual-cke4cmndw002a013g780u2jhx.html>

⁵⁰ Nome fictício dado a interlocutora.

empresas, quando se trata de discriminação racial, um reflexo do racismo estrutural presente em nossa sociedade:

O que se observa, no caso da discriminação no interior das empresas, é que ela envolve uma trama com inúmeros personagens (chefes, subordinados, clientes, usuários dos serviços), todos eles com seus estereótipos permanentemente alimentados pelos meios de comunicação, entre outras fontes de estereotipia que reproduzem o racismo no cotidiano dos brasileiros. Assim, a passagem dos trabalhadores negros de ambos os sexos pelo crivo dos setores de recursos humanos e das chefias, nas várias etapas da vida funcional e profissional, é reiteradamente apontada como um momento crucial da eclosão de práticas discriminatórias (Bento 1992, p. 20)

A cada agressão e violência, engolimos o choro e a revolta para poder continuar, não apenas por nós, mas pelos os que vieram antes, e pelo legado que estamos deixando para os mais jovens que passaram e ainda passarão por nossa existência. Temos muito a dizer sobre rejeição, mas aos poucos vamos criando histórias de aceitação, frutos de uma luta ancestral, que vem crescendo e rompendo barreiras.

Afinal qual é o lugar das pessoas negras nessa sociedade e nesta cidade? Como são vistas e representadas? Por que o uso do *Black face*⁵¹ ainda é uma prática frequente e naturalizada? Tive o desprazer de vivenciar muitos episódios dessa prática no carnaval de Pelotas, mas um em particular me chocou, por conta da agressividade da pessoa envolvida que não admitiu ter errado. Compartilhei a situação em minhas redes sociais:

Exatamente 5 min depois de chegar na XV de novembro, na concentração do desfile do Bonde da Várzea, encontramos uma senhora vestida como uma mulher negra, de forma caricata (mais uma de tantas). Pela idade avançada, vou ser otimista e dizer que foi por ignorância... No entanto, uma amiga de forma muito educada, decidiu alertar a senhora, e numa abordagem educativa e antirracista disse: - A Sra. Está fantasiada de quê? E a mulher indignada respondeu: "De Negona, ué!!!!". Minha amiga explicou o racismo contido naquela atitude, e teve uma resposta grosseira: "Vai lá e reclama pra meio bloco que está vestido assim!!! Era só o que me faltava!!!"

Outras pessoas negras que estavam próximas, também ficaram chocadas com a reação...fica a reflexão...De como as pessoas se sentem autorizadas a se utilizar do corpo negro, como piada, como diversão, objetificação...

⁵¹ O "*Black face*" é uma prática que tem pelo menos 200 anos. Acredita-se que ela tenha se iniciado por volta de 1830 em Nova York. Mas não se trata apenas de pintar a pele de cor diferente. Era uma prática na qual pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Estereótipos negativos vinham associados às piadas, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. No século 19, atores brancos usavam tinta para pintar os rostos de preto em espetáculos humorísticos, se comportando de forma exagerada para ilustrar comportamentos que os brancos associavam aos negros. Também ridicularizavam os sotaques dos personagens que incorporavam nas peças. Isso surgiu numa época em que os negros nem eram autorizados a subir nos palcos e atuar, por causa da cor da pele. (Geledés, 2022)

enfim...ainda temos muito a fazer... tempos difíceis.... (Facebook, fevereiro de 2020)

Minha amiga que fez a abordagem ficou completamente desestabilizada, com a ofensa e principalmente com a forma com a qual a pessoa lhe tratou, voltou chorando para casa. Aquele momento que deveria ser de alegria e descontração, acabou ali e no dia seguinte, respondeu a minha postagem:

“Confesso que ainda estou tentando digerir o dia de ontem. Após tal fato, me deparei também com questionamentos de pessoas que acreditam em um mundo sem racismo, onde nós- negrEs- vemos racismo em tudo, somos militantes em qualquer espaço (e segundo eles, não devemos) entre tantas outras atrocidades que infelizmente, ferem tanto quanto a atitude da citada Sra. São tempos difíceis, cansativos, mas de levante do povo negro. Não é mais hora de nos calarmos e muito menos de aceitarmos tais atitudes. CHEGA! Ontem o meu carnaval foi estragado, mas tenho esperança que por conta desse trabalho de formiguinha que estamos por fazer (mesmo sendo tão criticadEs) os filhos dos meus filhos ou mais p frente ainda, não necessitarão deparar-se com tais atitudes racistas! SEGUIMOS! E Tereza, obrigada por ter me dado a mão naquele momento, é nós por nós ❤️” (Naiane Ribeiro, 2020)



Figura 31 - Comentários sobre o uso de Black face no carnaval de Pelotas.
Fonte: Facebook (2019,2020)⁵²

Naiane é fruto de uma relação interracial, e sua mãe, sendo uma mulher branca, tenta compreender o sofrimento da filha, sendo uma forte aliada na luta antirracista,

⁵² <https://www.facebook.com/profile/100000225512765/search/?q=Blackface> (acesso julho 2023)

por ver o cotidianamente ela vive nessa cidade, mas principalmente por reconhecer seu lugar de privilégio e a estrutura na qual estamos inseridas. Sobre a situação relatou: *“Foi uma tarde muito triste hoje. Em ver minha filha chorar de raiva, ódio, medo de um mundo tão preconceituoso”*. A provocação que faço aqui, ao estar ocupando meu espaço nessa cidade que insiste em negar a nossa existência, não percebe que acaba por negar a si própria. Sim, faço aqui uma crítica à negação da real identidade da cidade de Pelotas, no extremo sul do Rio Grande do Sul, conhecida por seu passado e que conta com uma população de maioria negra e miscigenada, construída e enriquecida com sangue e suor destas “minorias” a partir do regime de escravização. Sendo um ícone de prosperidade e sucesso, justamente pela história de riqueza devido ao ciclo charqueador (Mário Maestri), ficou popularmente conhecida como a “Princesa do Sul”. A metáfora, é de uma princesa notoriamente negra, miscigenada, que nega as suas origens negras e não consegue se reconhecer, justamente porque o espelho no qual se enxerga é o de Narciso, onde o ideal de beleza refletido é eurocêntrico. Esses questionamentos surgiram, durante uma aula da disciplina de Cultura, Patrimônio e Transposição de saberes, ofertada para o curso de Pós-graduação em Antropologia em 2020, onde uma das possibilidades de trabalhos era a escrita de uma poesia. Motivada pelas problematizações que surgiram, tudo que reverberou em mim, e, principalmente para quem e como está estruturado o patrimônio de nossa cidade, criei primeiro uma ilustração. Enquanto ouvia o debate, pensei em uma personagem, essa “princesa” elitizada, que valoriza tanto as linhagens europeias que acredita pertencer, e fui rabiscando no papel. Pensei em todos os fatores que influenciam, a negação da negritude dessa princesa: **colorismo, branqueamento, preconceito, escravização, racismo, violência, opressão, silenciamento**. Claudia Turra Magni (2018, p. 196) fala da importância do desenho como materialização de uma ideia e suas interfaces com a escrita, e sua relação, com o fazer antropológico:

O desenho transforma em estrutura visual – com espessura, ritmo, peso, leveza e direção – o que antes era uma ideia particular circunscrita ao pensamento de uma única pessoa. Assim, desenhar é também partilhar pensamentos e fazer com que sejam visualizados e modificados por nós e pelos outros. (p.146)

A escrita também é uma forma de desenho, ela nasce como desenho. Conforme Mário de Andrade (1975), em *Do Desenho*, a escrita nasce dos hieróglifos e estes são desenhos, símbolos gráficos que tomam significações diversas quando associadas a elementos fonéticos. Para o autor, o desenho é um fator aberto, ele nos fala diretamente, está mais próximo da prosa, da poesia e da caligrafia do que outras linguagens, como a pintura e a escultura.

Seu caráter intelectual e projetivo, demarcado pela existência da linha, remete ao que o autor chama de elemento sutil do desenho, caracterizado pelo fato “[...] de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria” (Andrade, 1975, p. 75). (p. 147)

Uma história, marcada pela presença invisibilizada da população negra e pelo racismo estrutural que ainda permeia as relações sociais, herança do tempo da escravização. O patrimônio e a história são validados por uma elite, que faz reverência a uma ancestralidade europeia e a costumes, que nada tem a ver com a realidade da maioria dos habitantes. Neto, F. P., Rieth, F., & Alfonso, L. (2019), contextualizam esse cenário:

Pelotas trata-se de uma cidade localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, às margens da Lagoa dos Patos, a 60km do Porto de Rio Grande e aproximadamente 130km do Uruguai. Configura-se como um dos primeiros centros urbanos do estado, localizada em uma região eminentemente rural em razão da atividade da pecuária extensiva no pampa Sul-Rio-Grandense, o que destaca sua presença em uma negociação entre rural e urbano. A referência de distinção se inicia com a época das charqueadas, no século XIX. Estas tratavam-se de estabelecimentos voltados para a produção do charque, carne salgada utilizada para a alimentação de pessoas escravizadas, exportada para todo o Brasil. As charqueadas em Pelotas se utilizavam de mão-de-obra escravizada. A narrativa oficial ressalta a história de grandes famílias charqueadoras, seus modos de vida, compreendidos como uma “civilização urbana”. (p.67)

A contribuição da negritude e seu legado para Pelotas são negados, excluídos ou questionados. Há uma imposição dessa cultura de base eurocêntrica que perpetua o racismo, nos fere e nos violenta, refletindo na falta de representatividade do negro na academia, na política, nos locais de tomada de decisão e a presença massiva na periferia e na população carcerária, nos subempregos, nos índices de mortalidade e violência policial. A reflexão e a provocação que faço aqui é o paradoxo de que como Pelotas, uma cidade que tem uma população negra expressiva, continua sendo palco para diversas cenas de racismo cotidiano. Em sua tese de doutorado, Elida Rodrigues (2022) traz essa problemática

Pelotas é reconhecida no senso comum por ser a cidade com maior população negra do estado, no entanto, no censo de 2010, menos de 10% de sua população se reconheceu como negra. De acordo com o militante negro César Brisolara (2015), essa porcentagem pode ser contestada até mesmo por amostragem visual. (p.103)

O que precisamos mudar? O que precisamos fazer para que esse cenário se transforme? O que estamos negando, e por quê? E principalmente: o que é ser negro em Pelotas?

A seguir o processo criativo da nossa Princesa “Pelotas”:



Figura 32 - Processo criativo e poesia Princesa Pelotas.
Fonte: Acervo da autora.

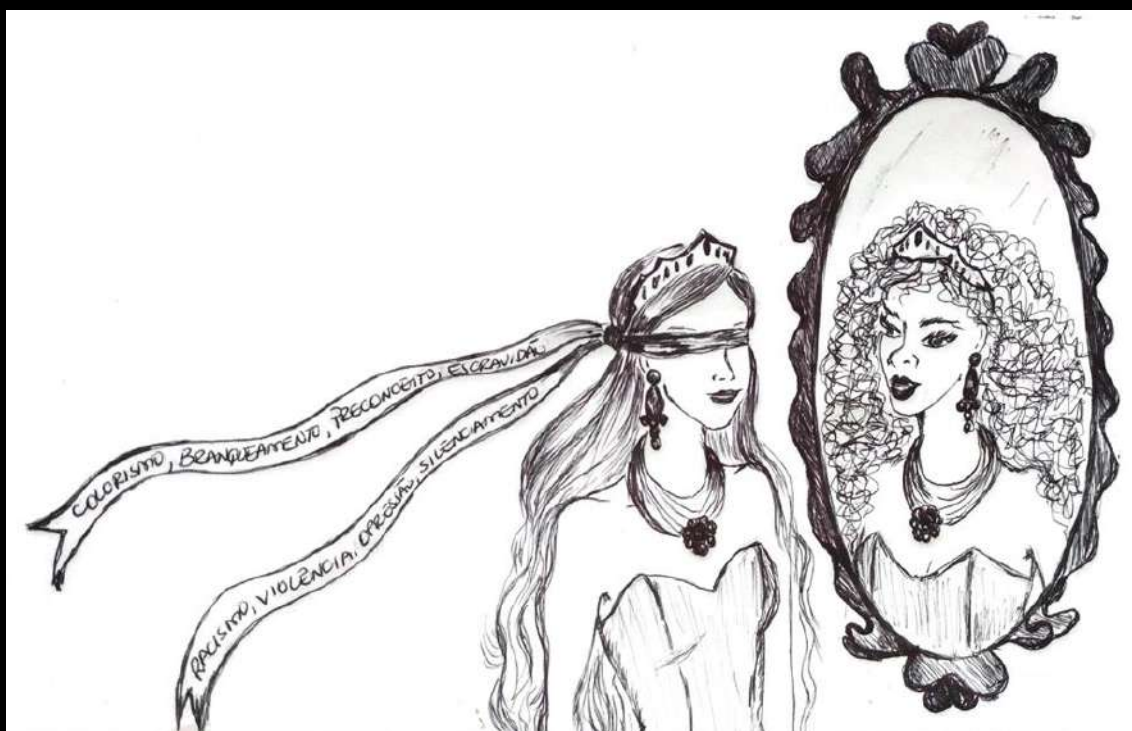


Figura 33 - A princesa Pelotas.
Fonte: Ilustração da autora, 2020.

Uma Princesa...

Nascida da relação casa grande/senzala

Uma princesa que não se aceita,

Não se lê, não se vê

Se cala!

Construiu uma identidade confusa

Ora tradicional burguesa, francesa?

Ora pobre e periférica,

Sal/açúcar

Glória/vergonha

Riqueza/pobreza...

Nome e sobrenome...

Luta brutalmente em defesa

de uma ancestralidade europeia,

Que te nega, Que te rejeita,

Que te exclui, Da academia, dos

casarões, do centro

Da história onde as figuras não tem

teu fenótipo,

nem teu jeito

Sangue negro que pulsa em tuas veias

Vida que escorre por tuas vias e becos

Embranquecida!!!

Não violentas não só a ti,

Mas a todos que vieram antes de ti,

Que sangraram por ti,

Para que fosse próspera e feliz, princesa

Sei que que é doloroso, princesa

De nada adianta embranquecer

Olha o que não queres ver

O ESPELHO NÃO NEGA: ÉS NEGRA!!!

Genega Duarte
14.07.2020

Figura 34 - Poesia "Uma Princesa..."

Fonte: Poesia da autora, 2020.

Dentro de tantas memórias sobre essa cidade, tenho muitas da minha infância e das brincadeiras nas ruas do Simões Lopes (Pelotas-RS), chamado carinhosamente de “bairro dos artistas”, de ir a pé ao centro da cidade e no caminho aguardar a passagem do trem. Morar e ser “do Simões” até hoje é compreender que nosso ir e vir está condicionado à espera, de se aventurar entre os vagões quando ele está parado se tivermos pressa, mesmo sendo extremamente arriscado. É passar no viaduto sobre a viação férrea e frequentar os ensaios do bloco burlesco Bafo da Onça, fundado pelo saudoso Padre Ozy Fogaça, e também ter sido batizado ou se casado na Igreja liderada por esse pároco, que foi banido da igreja depois de desfilar no carnaval e ter sido capa de revistas de circulação nacional, devido ao escândalo.

Ser do “Simões” é falar que “vai ali do outro lado da ponte” (só quem mora lá entende!), e desfilar na azul e branco Academia do Samba, no extinto bloco infantil Pato Donald, ou na Mocidade do Simões, tomar um conforto na terreira do falecido Pai Isnar.



Figura 35 - Ferrovia e trecho do Samba em homenagem ao bairro Simões Lopes.
Fonte: Foto Facebook (Grupo Galera do Simões, 2022)

O Bairro é uma das vilas que compõem o bairro Fragata e é conhecido pela sua ligação com o carnaval, por uma população negra bastante expressiva, perceptível visualmente e, por coincidência (ou não) visto por muitos/as habitantes de outras localidades como um bairro “perigoso”. Ramos (2013):

“O Fragata teve uma impulsão no seu desenvolvimento a partir da criação do Parque Souza Soares depois chamado Parque Pelotense. A implantação da ferrovia no bairro entre os anos de 1881 e 1884, também teve papel importante na urbanização do Fragata, o prédio da estação Férrea e a 55 sua linha foi o agente impulsionador do surgimento do bairro Simões Lopes que surgiu ao lado da estrada de ferro. A estrada de ferro acompanhava o curso do arroio Santa Bárbara à direita, e a cidade estava localizada à margem esquerda.” (p. 54)

Este lugar, dividido por uma ponte sobre o canal Santa Bárbara, é popularmente setorizado como os/as que moravam “antes da ponte” (mais próximos do centro e da viação férrea), geralmente trabalhadores ferroviários, e os/as que moravam “depois da ponte” mais próximo do bairro Fragata e do extinto curtume Santa Fé (que empregava boa parte das famílias desse lado), juntamente com moradores/as da “beira do canal” (e, portanto, em situações de moradia mais precárias). Morávamos “depois da ponte”, o que não era um lugar ruim, mas com as características de uma região periférica: algumas ruas sem calçamento e esgoto a céu aberto, as chamadas “valetas” (ou sarjetas), onde vez ou outra tinha o azar de cair durante as brincadeiras. Esse bairro guarda toda a minha história familiar, minha ancestralidade e quando

caminho por ali, é inevitável rememorar a infância, os momentos alegres e outros nem tanto, mas a sensação de estar em casa é indescritível. Quando escrevia esse capítulo, pensei em demonstrar geograficamente o lugar, com dados estatísticos... enfim. Não fiquei satisfeita, e sendo uma pessoa extremamente visual, construí quatro pranchas que resumem o meu olhar cheio de afetos sobre o “Meu lugar”, como diria o sambista Arlindo Cruz (2007). A primeira prancha demonstra as referências arquitetônicas pelas quais o bairro é conhecido: Castelo Simões Lopes, Viaduto da Viação Férrea, A Estação Férrea, a ferrovia e o extinto Curtume Santa Fé. O curtume localizado próximo a nossa casa, foi local de trabalho de meus tios e muitos homens daquela região, durante muitos anos. A imagem dos meus pés, fragmento do documentário produzido a partir da tese, faz a uma referência a essa caminhada de vida, de memórias e saudades despertadas ao andar pelo bairro, e aos tortuosos caminhos a desbravar, como uma mulher negra.

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
Lá tem samba até de manhã
Uma ginga em cada andar

O meu lugar
É cercado de luta e suor
Esperança num mundo melhor
E cerveja pra comemorar(...)

(...)Doce lugar
Que é eterno no meu coração
Que aos poetas traz inspiração
Pra cantar e escrever

Ai meu lugar
Quem não viu Tia Eulália dançar
Vó Maria o terreiro benzer
E ainda tem jongo à luz do luar

Ai que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar...

(O Meu Lugar- Arlindo Cruz)⁵³



Figura 36 - Prancha 1 - Bairro Simões Lopes - Arquitetura.
Fonte: Produzido pela autora.

Na segunda prancha, trago as possibilidades de transformação que a educação pode trazer para os moradores e moradoras do bairro, e todas essas instituições fazem parte da história não só dos/as moradores/as do Simões, como da minha família. Todas instituições públicas de ensino que circundam a região. O Colégio Municipal Balbino Mascarenhas, minha primeira escola, o Colégio Estadual nossa senhora Aparecida, o Colégio estadual Dr. Augusto Simões Lopes e por fim, o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL), a antiga Escola Técnica, onde minha bisavó trabalhou como colaboradora da limpeza, meu pai, e meus tios estudaram. E a semente da bisa, germinou, lembro que meu pai sempre frisava o orgulho que ela tinha dele, por ser aluno da instituição, e eu, assim como meus primos seguimos a tradição, e tenho o maior orgulho de atuar como

⁵³ <https://www.letras.mus.br/arlando-cruz/1131702/>

docente nesse lugar. Sinto que reverencio a memória da minha bisa, todas as vezes que chego para trabalhar.



Figura 37 - Educação como um projeto de vida.
Fonte: Produzido pela autora.

A terceira prancha traz o carnaval com um elemento que faz parte da cultura do nosso bairro, berço de muitos músicos e sambistas. Meu pai antes de meu nascimento tinha uma banda, junto com os primos de minha mãe, a Música sempre esteve presente na nossa família e na nossa rotina, assim como as Artes Visuais. Compõem a imagem, o Padre Ozy Fogaça, um ícone do nosso bairro, a escola de Samba do grupo especial Academia do Samba (escola do coração!), o Bloco Burlesco Bafo da Onça, e Escola Mirim Mocidade do Simões. A imagem de dança em preto e branco abaixo, é um recorte do documentário da tese, justamente por representar a nossa corporeidade, o nosso movimento ancestral, nossa ligação com a música como potência criativa e expressão de felicidade.



Figura 38 - O Carnaval faz parte da história do “bairro dos artistas”.
Fonte: Produzido pela autora.

Na última prancha que compõe esse mapa do Simões, não poderia deixar de citar o legado de Luís Francisco e Maria da Graça, meus pais. Somos uma família de mulheres, uma rede de apoio de afeto, diversidade e espiritualidade. Compartilhamos nossa fé, nossas dores e alegrias, vibramos uma pela outra. Bem acima, eu e uma das minhas primeiras memórias do carnaval, ao centro minha mãe e duas das minhas sobrinhas, Ayana e Eleanor; À esquerda, minha irmã Ana Lúcia, que seguiu o legado musical de meu pai e é cantora, e a direita, minha irmã Roseane que seguiu o legado espiritual de nossas ancestrais. Todas nós vivemos essa multiplicidade, e nos conectamos (e também divergimos), de várias maneiras. Mas o que mais me alegra, é ver o quanto somos fortes juntas.



Figura 39 – Nosso futuro é ancestral-família.
Fonte: Produzido pela autora.

Assim descrevo o meu olhar poético sobre esse bairro, um lugar onde ainda hoje posso ver tantos e tantas iguais a mim. Quando vou a casa de minha mãe, é como se voltasse no tempo: lembro da escola, de brincar nas ruas, dos jogos e bonecas.

E sobre isso, e tantas outras memórias, em um dia normal, percebi que passear no centro da cidade tem me trazido dados importantes durante esses anos de doutorado, além do desconforto normal em qualquer atividade corriqueira e estratégias para não sofrer uma abordagem constrangedora como manter as mãos a mostra, não mexer em bolsa, guardar a nota das compras... Entre outros, vivi uma situação que relato a seguir.

Para além das ausências já debatidas no texto, me deparo com mais uma, durante uma caminhada, em busca por um presente para minha sobrinha, Ayana, que na ocasião iria completar quatro anos. Decidi lhe presentear com uma boneca negra, e sem sucesso não encontrei nenhuma que tivesse aparência semelhante à da minha sobrinha, ou seja, pele retinta e cabelo crespo. Faço questão desse presente, por lembrar de minha própria infância, onde todas as minhas bonecas eram brancas e por entender a importância de referências positivas relacionadas à nossa negritude. A caminhada tornou-se etnográfica (Ingold, 2012) quando percebi que esta procura infrutífera me traria dados importantes para a pesquisa, no sentido de constatar mais

um nicho de invisibilização, que afeta o imaginário das crianças. Percebo que nem a loja mais popular, com brinquedos que custavam em torno de cinco reais, possuía bonecas negras para vender. Pensei que até a criança com menor poder aquisitivo, era atingida por um modelo de beleza idealizado pela branquitude. Tal fator, nos leva a refletir sobre como somos sistematicamente apagadas de todos os espaços e que a chance de trabalharmos representações positivas ainda na infância, atinge todas as classes. Sobre a importância deste fator na construção da subjetividade de mulheres negras, Silva (2019 apud Brah, 2016) afirma:

Segundo Avtar Brah (2006), a noção de experiência é um conceito-chave para o feminismo e está no cerne dos processos de construção da subjetividade para a compreensão do “lugar” de formação do sujeito. No processo de constituição política, portanto, muitos movimentos de mulheres atribuem centralidade às suas experiências pessoais com a finalidade de contestarem as relações assimétricas de poder que as cercam no cotidiano. É nesse projeto que o “pessoal” adquire relevância política, estimulando o reconhecimento público das opressões, a desconstrução de paradigmas e a possibilidade de resignificação contínua de suas identidades e subjetividades. (p.193)



Figura 40 - Bonecas à venda em uma loja popular do centro de Pelotas-RS.
Fonte: Acervo Pessoal.

As bonecas, foram apenas um gatilho para pensarmos no que pode ser acessado pelas crianças, principalmente das classes populares, e quais ideais de beleza, felicidade, inteligência e bondade, por exemplo, estão sendo propagados. Quem pode ser a princesa na história? Que mulher é considerada bonita? Qual a representação de alguém bem sucedido e feliz?



Figura 41 - Boneca “Princesa” à venda em uma loja popular do centro de Pelotas-RS.
Fonte: Acervo pessoal.

A doçura da cidade está reservada apenas para alguns grupos que se agarram de forma ferrenha aos ideais elitistas e suas pseudo origens europeias e à “tradição” que confinou nosso povo nas senzalas, charqueadas e periferias. No centro, o patrimônio segue sendo para alguns, algo que estampa e escancara a nossa **presença invisibilizada**, que nos expulsa do mercado público e ignora as mãos negras que apenas “mexiam o tacho”, pois os nossos doces, dizem, são de origem portuguesa...Rodrigues (2022) traz justamente a problemática dessa distorção no trecho a seguir:

Por muito tempo a contribuição “técnica” e o “saber fazer” das mulheres negras foram solapados da história do preparo dos doces, alardeando apenas a origem e o título de “doces portugueses”. O Babá Hendrix Silveira (2012) contesta que na origem os doces até podem ser, mas na prática são brasileiros, um exemplo disso é o “quindim” (palavra de origem africana que em quimbundo significa “dengo”), doce feito com gema de ovos, açúcar e coco, cujo seu parente português seria um doce feito com gema de ovos, açúcar e amêndoas, este último, um ingrediente caro e raro no Brasil colonial, que foi substituído por um ingrediente abundante na colônia e inexistente em Portugal na época, o coco. Nesse processo coube às mulheres negras escravizadas, de certo as únicas cozinheiras disponíveis, e não às “delicadas senhoras” a reestruturação e adequação das receitas, dando origem a doces brasileiros, mas que o epistemicídio da cultura e autoria negra fazem questão de omitir, cabendo às mulheres negras apenas o mito de “boas cozinheiras”. (p. 103)

Entre os meses de maio e junho, todos os olhares a nível nacional e regional se voltam para a nossa cidade (nossa?), devido a Feira Nacional do Doce, a FENADOCE, um evento que cultua a tradição doceira daqui que neste ano chega a sua 29ª edição:

Organizada anualmente pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas, a Fenadoce conta a trajetória histórica e cultural dos doces pelotenses. Através de referências às principais etnias que formaram a tradição regional, a feira valoriza o “saber” e “fazer” das doceiras. Criada em 1986, a Fenadoce tornou-se anual a partir de 1988 e é realizada no Centro de Eventos Fenadoce no formato de uma grande multifeira com a realização da Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas. (FENADOCE, 2023).

Ao longo dos anos e com o crescimento das discussões no campo histórico e antropológico, tem ocorrido movimentos no sentido de valorizar de fato a história e a contribuição da população negra nesse contexto. Nesse sentido, Neto, F. P., Rieth, F., & Alfonso, L. (2019), trazem a seguinte problematização:

Ocorre que grupos inicialmente invisibilizados nas narrativas oficiais da cidade passam a demarcar o reconhecimento de suas práticas e saberes como constituidores da história de Pelotas. Mais que se conformar à perspectiva estabelecida sobre patrimônio, propõem uma resignificação desse mesmo conceito. Aquelas narrativas oficiais que desvinculam o sal do açúcar, a opulência do período charqueador invisibilizando o passado da escravização, são questionadas por diferentes grupos que se apropriam do patrimônio. (p.64)

Pode-se perceber que ao longo do tempo, houveram algumas mudanças nas peças publicitárias que envolvem a divulgação da feira, e a representatividade na composição da corte do evento. Com o aumento do acesso e do uso das redes sociais, começam discussões acerca da representatividade do povo negro, não apenas na FENADOCE, mas em eventos que dizem respeito a identidade dessa cidade. Afinal, qual é a cara de Pelotas?



Figura 42 - Cartazes FENADOCE: 1ª, 14ª, 29ª, 25ª e 29ª edições.

Fonte: Acervo da autora.

Por que, assim como no imaginário do restante do Brasil, ainda somos vistos e muitas vezes representados como uma versão estereotipada, uma miniatura do continente europeu? Com pessoas de pele alva, olhos claros e cabelos loiros em todos os lugares? Uma das primeiras quebras de paradigma foi a escolha da primeira Rainha Negra da FENADOCE, que foi Francine Dias na edição de 2006, ou seja, apenas em sua 14ª edição.

A presença de Francine na corte, foi uma primeira quebra de paradigmas nesse evento, o que inclusive aumentou gradativamente a participação de mulheres negras no concurso nos anos seguintes. Atualmente, a formação corte é composta por “Baronesas”, sem a questão hierárquica que compreendia uma rainha e duas princesas. Na edição do ano de 2023, a representatividade se dá, com a escolha de duas baronesas negras.



Figura 43 - Corte da 14ª Fenadoce – 2006: Rainha: Francine Soares Dias (centro), Princesas: Amanda Krolow e Gabriele Chiatoni.
Fonte: FENADOCE, 2006.



Figura 44 - Baronesas da 29ª Fenadoce, Martaneli Gonçalves de Bittencourt, Larissa Dias Lima, Kayane Medina Teixeira.
Fonte: FENADOCE 2023

Aos poucos vamos percebendo mudanças em alguns segmentos, o que não minimiza os efeitos do racismo e da discriminação, mas provoca esse entrelugar, essa construção de novas subjetividades em contextos em que anteriormente, não seríamos vistas. O próprio relato de uma das baronesas Kaiane (na foto, à direita), em suas redes sociais traz essa problemática conforme o trecho a seguir:

“Uma mulher “mais velha” perante concursos, mãe de dois meninos, negra, oriunda do samba... a primeira Rainha do Carnaval a conseguir tal feito foi em 2006, a 14ª edição elegeu uma representante do samba, hoje... mais uma vez, uma Rainha parte de um título para outro e essa é a maior alegria do mundo. (...) A mudança de regulamento humaniza os concursos, nós mães, somos capazes de TUDO SIM; faço parte do seleto grupo de mulheres negras que quebraram barreiras e chegaram lá, uma feira que iniciou tão elitizada, somente com Rainhas e Princesas brancas, modelos...hoje se torna REAL, mostrando a sua grandiosidade, pensando no melhor...que sejamos nós, cada vez mais, pois representatividade é isso! Mulheres negras, brancas, ruivas, mães, do samba, de outras culturas, mulheres comuns... que mulheres sigam realizando SONHOS! Nós merecemos.” (Kaiane Medina, 2023)

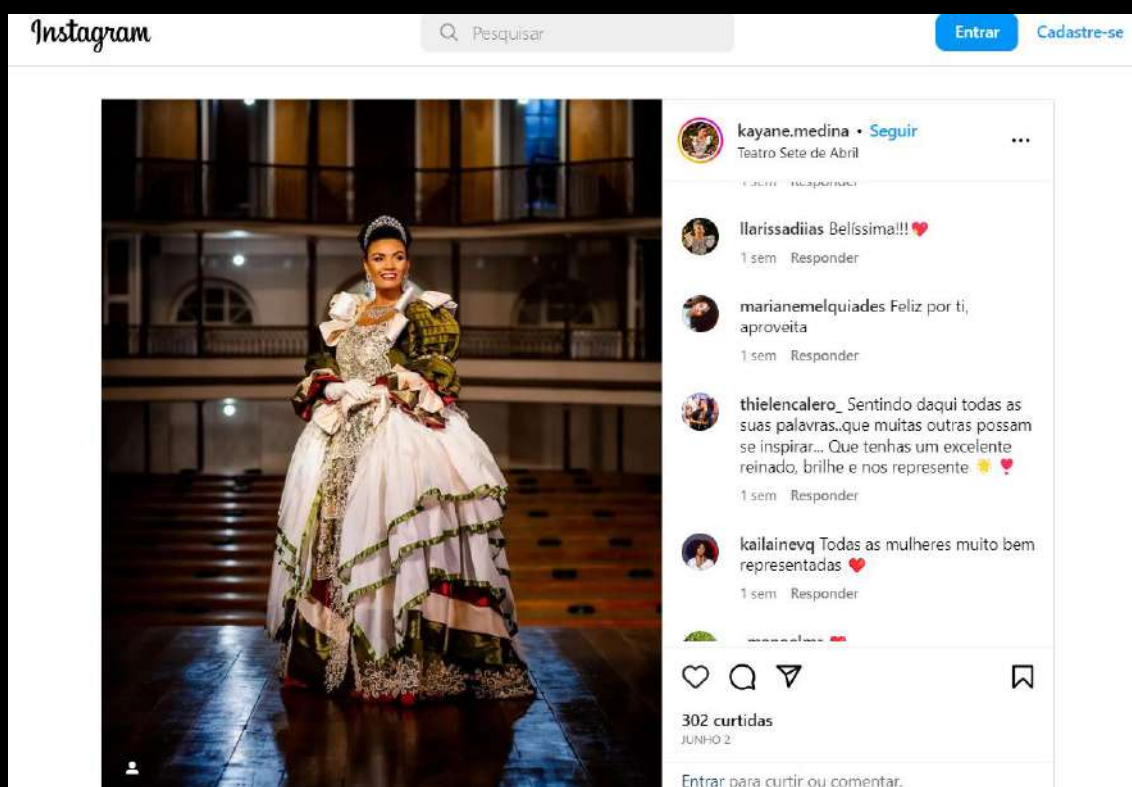


Figura 45 - Baronesa FENADOCE 2023 - Kaiane Medina.
Fonte: Instagram

Quais são as possibilidades de uma mulher negra, mãe e do samba, representar o maior evento da nossa cidade? Movimentos como esse, podem parecer

algo pequeno, mas para quem toma a frente nesse entrelugar, rompendo um sistema que perpetua padrões e estereótipos, têm a compreensão de que nossa pauta sempre é coletiva. Sempre é sobre nós, mesmo que em alguns momentos a solidão nos acompanhe, e que não tenha ninguém para encontrar o olhar e dizer: segue!!! A presença que nos acompanha vem de muitas gerações, de outro continente, é ancestral. Como diz uma grande amiga, mulher negra, artista, natural de Pelotas e moradora da Noruega há mais de vinte anos **“somos os sonhos mais ousados dos nossos ancestrais”**, então façamos valer.



Capítulo 4- O descobrimento de si: primeiras pistas sobre o racismo



Abertura da novela A Escrava Isaura.⁵⁴

⁵⁴ <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/do-pilar-ao-pelourinho/> (acesso 25/11/2021)



55

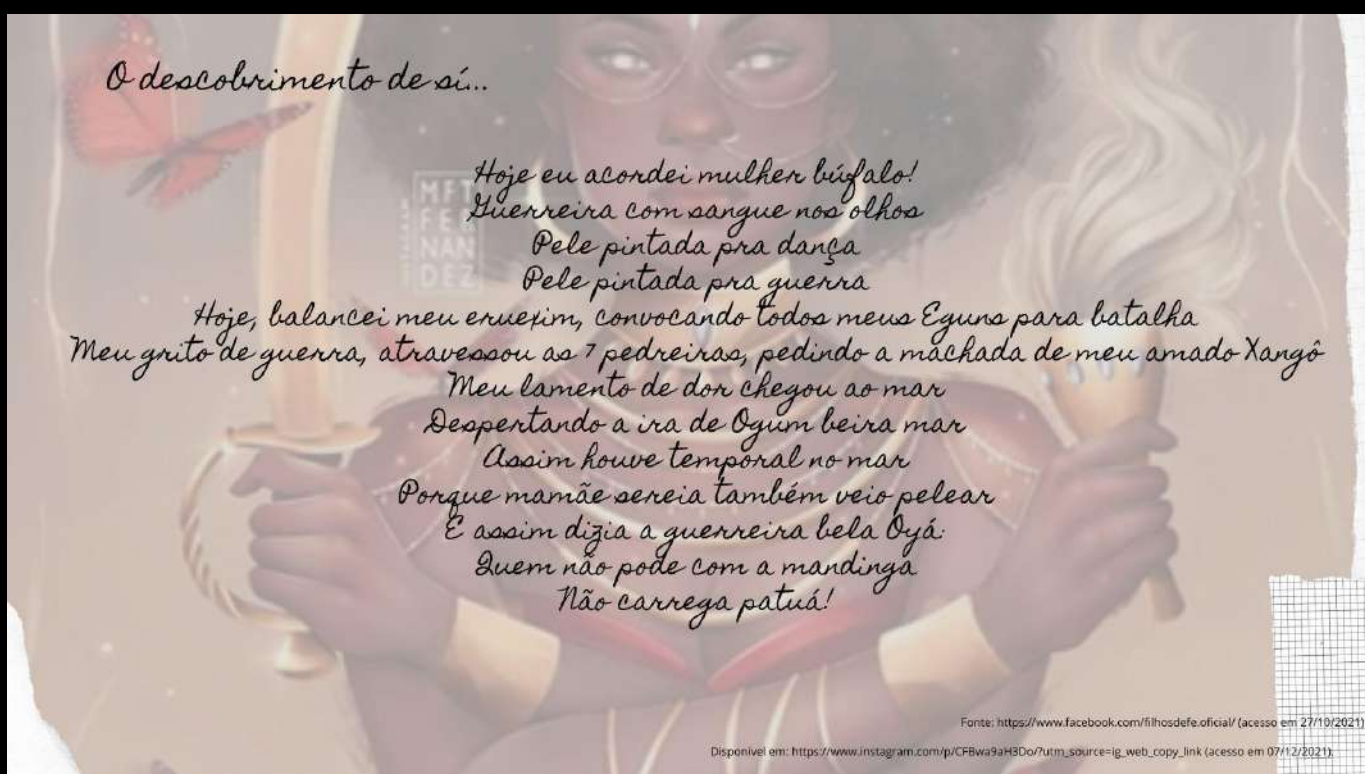
Ao utilizar autoetnografia neste capítulo, bem como ao longo da tese, considero que algumas narrativas e fatos que ocorreram em minha vida, não dizem respeito apenas a mim, mas um grupo de pessoas racializadas que vivenciam situações semelhantes em suas vidas, e assim constroem esse texto, amparadas em referenciais que irão corroborar com o problema de pesquisa, que norteia a escrita. Neste processo, pesquisadora e interlocutores/as são testemunhas de um legado doloroso, como afirmam Ellis, C.; Adams, T. E.; Bochner, Ap (2015):

Como testigos, los autoetnógrafos no sólo trabajan con otros para validar el sentido de su dolor, sino que también permiten que los participantes y los lectores se sientan validados y/o más capaces de lidiar o cambiar sus circunstancias. (p.259)

A música, na entrada deste capítulo, traz memórias da minha infância, a abertura da novela escrava Isaura. A imagem da abertura, que por sua violência e desumanização permanece como uma das tantas referências, que por muito tempo foram as únicas que tive sobre o meu povo. Penso hoje no que a letra diz, e que esta, já me dava uma projeção do que iria enfrentar, por ser negra neste país, mas principalmente nos condicionando a aceitação de uma realidade, onde só podemos

⁵⁵ <https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/1622447/> (acesso 25/11/2021)

ter dor e sofrimento, construída e alimentada cotidianamente. Deste modo, no capítulo um, reflito sobre meus primeiros contatos com a realidade do racismo, o entendimento sobre mim mesma, ao longo dos anos e como me construí enquanto mulher negra que resiste em lugares onde não consegue se ver: a universidade, o trabalho, o país. Ao revisitar memórias e experiências com contato com diversos interlocutores e interlocutoras, percebo pontos de conexão em nossas vivências que se somam a teoria, e revelam que há toda uma sistemática que por vezes nos impede de ver o racismo cotidiano, e a aceitar toda uma estrutura de sociedade que está organizada para nos manter longe de qualquer possibilidade de ascensão social.



Nasci em Pelotas-RS em 15 de dezembro de 1974, a primeira dos quatro filhos de pai militar e mãe dona de casa. Bisneta da Dorica e da Guilhermina, neta da Rosa Hermínia e da Amália Tereza, que não conheci, mas me deixou o nome de presente. Tereza Cristina, seria o nome da próxima filha de Amália, se ela não tivesse partido aos 41 anos, resultado da sobrecarga que toda a mulher preta sabe como é, e infelizmente seu coração não aguentou. Uma família de mulheres, e estas, sempre estiveram à frente de suas famílias, personalidade forte, consideradas “bravas”, briguentas são a minha referência. O pouco que sei de Amália, é que era uma leonina de voz potente, tocava violão e que tinha uma ligação profunda com o meu pai.

Lembro do relato sofrido dele sobre o dia da partida dela, e fico me perguntando por que aceitamos esse fardo de “força” que nos faz implodir. Mulher Negra, doméstica, quatro filhos, marido, irmãs, mãe...



Figura 46 - Vó Amália Tereza e Eu.
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante a minha infância, desde os primeiros rabiscos nas contracapas dos livros de meu pai, já se percebia o meu gosto pelo desenho. Uma infância vivida com muita simplicidade, humilde, mas muito boa, o básico como roupas, saúde e alimentação não nos faltava, o final do mês era sempre mais apertado financeiramente. Lembro que fomos morar em uma casa de alvenaria e fui ter meu próprio quarto, que era dividido com minha irmã Ana Lúcia, quando eu já tinha nove anos, antes sempre moramos em casas de madeira. Vez ou outra minha avó Hermínia, nos ajudava com um “troquinho” como costuma dizer até hoje, sua maneira de demonstrar afeto sempre foi através do material, compensando sua dureza nas palavras e intransigência. Sempre tentei compreender a amargura da minha avó, e confesso que, na maioria das vezes, não consigo lidar com ela, que infelizmente parece não se permitir ser feliz. Penso que houve muito sofrimento na caminhada dela, que ainda jovem assumiu o fardo de ser uma mulher negra pobre e divorciada desde os anos 1970, assumindo toda crítica e julgamentos que vieram com isso. Ela

diz até hoje que é importante ter um homem em casa, para se ter o respeito das pessoas, e talvez por isso tenha tido vários relacionamentos frustrados após sua separação.



Figura 47 - Vó Rosa Hermínia e Eu.
Fonte: Acervo pessoal da autora

Sempre recebi muito incentivo da minha família com relação aos estudos, ouvia comentários sobre como era inteligente, precoce, como desenhava bem, era boa aluna, não tive problemas na minha aprendizagem exceto certa dificuldade na matemática, da qual realmente não gostava. Lembro que já na infância algumas incompreensões já me rondavam...recordo de um dia no auge dos meus cinco ou seis anos de idade, perguntar para minha mãe por que minha cor era diferente; Depois de uma pausa, ela sorriu e disse que era porque havia nascido à noite, mas que a diferença era só essa. Talvez em uma tentativa de proteger a cria, quis amenizar o peso do racismo que ela já enfrentara, e que numa reflexão profética, sabia que teria que me preparar. Segundo Almeida (2019, p.22).

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. (p.22)

Não sei se a partir daí, mas houve um esforço dos meus pais em me empoderar⁵⁶, ou talvez me blindar, o que me tornou valente na maioria das vezes, e até um pouco atrevida, diante do mundo racista que ali estava. Lembro que no inverno ia de touca para escola, com os cabelos trançados e particularmente não gostava muito disso, eu queria meu cabelo solto como, mas minha mãe alegava que as tranças eram sinônimo de estar arrumada, cuidada, o jeito era esse, prender. Um dia, na fila para entrar em aula, um coleguinha branco resolveu mexer na minha touca, e me esquivei, estava descontente com meu penteado, não queria que meu cabelo ficasse à mostra. Infelizmente, desviar, não foi suficiente, e ele talvez seguro por estar acompanhado de sua mãe, não recuou e seguiu me importunando, até que conseguiu arrancar o acessório da minha cabeça. Minhas tranças ficaram bagunçadas; os colegas riram; e um misto de raiva, frustração e vergonha tomou conta de mim, tudo isso numa fração de segundos, me senti invadida, exposta e, sem pestanejar, peguei minha pasta e bati várias vezes no meu colega; fui xingada pela mãe dele e repreendida pela monitora. Surpreendentemente, percebi que quando reagimos, nosso comportamento passa a ser questionado, errado, afrontoso; e é revoltante perceber como até hoje nossos corpos não são respeitados, invadidos e usados, e nosso sofrimento minimizado. Há sempre uma benevolência sobre atitudes de pessoas brancas que nos violentam, com falas e ações e uma falta de compreensão sobre o impacto destas em nossa psique, e sobre isso Djamila Ribeiro (2018, p.31) faz a seguinte reflexão:

E eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá sua autoestima aviltada, que desde cedo é ridicularizada? Por que se tem uma compreensão com quem está oprimindo e não com quem está sendo oprimido? A menina negra é que precisa entender que isso é “brincadeira” ou quem faz a “brincadeira” que deve perceber que aquilo é racismo? Até quando utilizarão o humor como desculpa para comentários ou *atitudes* (grifo meu) racistas? Quem olhará pela menina negra que odiará seu cabelo por causa das piadas? Quem lucrará a gente já sabe. (p.31)

Naquele momento, não me importei com os xingamentos, mas fiquei com muita raiva, e me sentindo injustiçada. Como não viam que só me defendi? E então, no auge

⁵⁶ A autora refere-se ao termo a partir de Ribeiro (2018, p.135), que conceitua a partir de bell hooks que o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antilutista e antissexista, por meio de mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Para ela, é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano e em nossas experiências habituais no sentido de reivindicar o nosso direito à humanidade. Fonte: Ribeiro, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das letras, 2018. p.135

dos meus 7 ou 8 anos de idade, inconscientemente ou não, decidi que ninguém jamais voltaria a rir de mim, e escapar ileso... uma das tantas lições que me foram aplicadas pela vida, e a partir daí fui aprendendo a resolver meus conflitos e nunca voltar chorando para casa. E sei que nesse propósito, falhei algumas vezes, mas talvez eu nem tivesse a dimensão do significado dessa cena naquele momento, só mais tarde, quando escrevo este texto e começo a refletir para nós, mulheres negras, a fragilidade nos é negada desde muito cedo, e que eu não havia escapado. A escola, de forma contraditória é um lugar de socialização, mas também onde geralmente ocorrem as primeiras violências e as primeiras segregações, mascaradas pelo mito da democracia racial, e sobre este tema Abdias Do Nascimento (2016, p.111)

Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo ao estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos em nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes das misturas de sangue como tentativa de erradicação da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária-manipulando todos esses métodos e recursos- a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro. Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilégio” aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. (p.111)

A branquitude não se cansa de nos classificar e determinar a quais lugares pertencemos, que papéis ocupamos ou ainda quais atitudes são esperadas de nós: *A preta que não é bonita o suficiente pra ser a mais bela preta ou mais bela estudante, o preto preguiçoso ou que é sempre o suspeito de roubar os coleguinhas, ou a preta assanhada que vai engravidar cedo*; Desde cedo somos submetidos a vários pré-julgamentos: **“afinal essa gente tem dificuldade”, “não dá pro estudo”, “também olha onde moram”, “olha a família, desestruturada”, “ a mãe é doméstica, o pai alcoólatra/vagabundo/presidiário”, “ a mãe é solteira/engravidou cedo/tem um filho de cada pai”**, e por aí vai... Tais discursos são construídos segundo Almeida (2018, p.40), se compreendermos que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo

conectados com as práticas sociais, e, portanto, fazem parte das nossas ações cotidianas.

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (p.42)

Bom, contrariando a estatística, minha família era sim estruturada, o que me deu uma base, mas não me livrou de julgamentos, tão desprezíveis quanto os que citei antes. Meu pai era militar, músico, gostava de ler, e era muito culto, minha mãe embora tenha feito apenas o ensino fundamental, tinha consciência sobre a importância de uma boa educação e se esforçava para que tivéssemos acesso a arte e a cultura. Constantemente, visitávamos as exposições no hall da prefeitura, sempre que íamos ao centro da cidade. Meus dons artísticos foram estimulados e evidenciados, não ganhava só brinquedos na infância, mas material de desenho, pintura, tinha vários cadernos de caligrafia (meu pai adorava e fazia questão de uma caligrafia perfeita) e nunca me foi negada a participação em qualquer atividade extracurricular que eu cogitasse, dentro das nossas possibilidades. Às vezes, para reforçar o orçamento minha mãe fazia faxina, pastéis e quindins para vender, e como aprendeu a fazer crochê e tricô ainda criança, fazia roupas para nós e algumas encomendas, essas atividades lhe permitiam estar mais presente em casa.

Todos os espaços deveriam ser exemplos de inclusão e democracia, mas infelizmente não é a realidade. As próprias escolas, não contemplam a contribuição e a história da população negra de forma justa e transparente, e essa a falta de conhecimento, dentro e fora do contexto escolar, resumindo todo um grupo a uma condição servil, e de mão-de-obra principalmente nos materiais didáticos, resulta em uma percepção equivocada e distorcida do tema pelos estudantes. Tal fato é reforçado com a falta de estrutura curricular adequada (formação docente, material didático). Sendo assim, é fundamental que a escola resgate e valorize a identidade da população negra, e que este grupo tenha acesso equânime à universidade, a bons

empregos, a uma vida digna, que faça a diferença e não precise negar a sua origem, para ser reconhecido socialmente. Considero que minha identidade enquanto negra foi se construindo devido a minha estrutura familiar, e não pelos bancos escolares. Digo isso porque foi no seio de uma família negra que tudo o que me compõe foi alimentado e valorizado: o meu bairro, minha cor, minha estética, meu amor pelo samba e carnaval, a minha espiritualidade. Nada disso aprendi na escola e, infelizmente, nem todas as pessoas possuem esse suporte ou a consciência de que a cor não é o que determina o valor e importância de um cidadão. A escola enquanto espaço democrático e inclusivo tem o compromisso de respeitar e valorizar todas as culturas que compõem o coletivo, fazendo com os estudantes sintam-se de fato seres integrantes da sociedade da qual estão inseridos. É fundamental trabalhar dentro desse ambiente, esses diferentes valores, como forma de minimizar os preconceitos cristalizados em nossa sociedade, dando espaço e visibilidade a todas as etnias que contribuíram para a construção do nosso país.

Proporcionar o ingresso através de ações afirmativas, visando a inclusão e permanência destes estudantes com total lisura é fundamental. Hoje, vendo o que já vivi, percebo que a nossa luta para estar em todos os espaços, ainda é longa, mas precisamos de cada vez mais pessoas negras dentro da universidade, que concluam seus estudos e sejam cidadãs respeitadas com real igualdade de direitos. Sobre a importância das políticas de ações afirmativas corroboro com Ribeiro no trecho a seguir (2019, p.43-44):

“Esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades – e essa é a distinção que os defensores da meritocracia parecem não fazer. Um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa a tarde em aulas de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto. Não são muitos os que se podem dar ao luxo de cursar uma graduação sem trabalhar ou ganhando apenas uma bolsa de estagiário. (...) Embora as desigualdades nas oportunidades para negros e brancos ainda sejam enormes, políticas públicas mostraram que tem poder transformador na área. O caso das cotas raciais é notável. (p.44)”

É um trabalho árduo, mas creio que a semente vem sendo plantada aos poucos, e felizmente, por pessoas de todas as diferentes etnias, seja no nosso trabalho, nas nossas famílias, em sociedade. Essas mudanças embora muito sutis, já acontecem quando somos vistos, onde há vinte, trinta anos não seria possível, quando

ascendemos socialmente, quando conseguimos alcançar locais de tomada de decisão, espaços de poder e relevância social (mesmo que sejamos na maioria das vezes os únicos, infelizmente). Ao longo desta caminhada em 2017, a partir de um edital passo a ser membro da Comissão de Controle na Identificação Racial da UFPel (CCICE), representando a sociedade civil. Conforme Lemos (2019, p 64-66), o surgimento da comissão e suas atribuições é:

“Após a averiguação de uma denúncia de fraude no acesso por cotas raciais na UFPel (já relatada no capítulo 20, começava o ano de 2017, tendo a Cape e o Nuaad⁵⁷ por missão definir procedimentos que garantissem lisura, transparência e justiça social. Esta universidade deveria cumprir as Leis 12.990/2014(Brasil, 2014) e 12.711/2012(Brasil, 2012).” (p.64)

“Era fundamental também que a sociedade civil estivesse representada nesta Comissão. E, então, a Prae, Cape e Nuaad lançaram no mês de janeiro de 2017 um Edital Público para inserção de seus representantes. Os membros da comissão teriam como atribuições:
I- Avaliar e emitir parecer quanto ao enquadramento, ou não, do autodeclarado cotista na reserva de vagas destinadas a candidatos pretos ou pardos e indígenas, de acordo com a legislação vigente;
II- Analisar e propor soluções à Administração da UFPel acerca dos casos omissos.” (p. 66)

Neste período vivi várias situações, me deparei com muitos iguais lutando por espaço e possibilidade de crescimento, materializando sonhos...estar onde nossos ancestrais jamais se permitiram sonhar. Me emocionei muitas vezes, tantas histórias, tantas dificuldades e vivências. Vi olhares cúmplices e felizes ao ver uma banca negra, fazendo aquele sonho se tornar possível. Em uma das bancas, um colega representante da OAB recebeu o seguinte agradecimento: ***“Talvez o senhor não lembre de mim, mas só cheguei até aqui por sua causa, larguei o meu patrão explorador e que não me pagava e hoje passei no curso de Pedagogia, algo que nunca cogitei na minha vida”***. Meu colega não conteve as lágrimas e lembrou da moça que um dia chegou em seu escritório, pedindo uma orientação sobre como receber os salários atrasados, pois trabalhava em uma lancheria de domingo a domingo e não recebia nada. E ele olhando aquela menina jovem como sua filha disse: ***vou te ajudar, tem como fazer tu receber os teus direitos! Mas vou te dar um conselho: tu és uma menina jovem, tenta concluir teus estudos e fazer uma faculdade, busca uma atividade que te faça feliz, um salário digno, pra não ter***

⁵⁷ <https://wp.ufpel.edu.br/cid/pagina-exemplo/>

que passar uma vida inteira sendo explorada por esse tipo de gente. Tu consegues!!!

Vi também a repulsa e o nervosismo de quem, diante de negros qualificados, foram desmascarados e constatada a fraude. Foi como um soco no estômago, e pensei: a branquitude não se cansa de nos tirar tudo!!!! Não respeitam nem o nosso direito de reparação histórica e nos afrontam, com uma *pseudo negritude*, uma negritude performática, uma afro conveniência só para roubar as nossas vagas? O racismo é tão cruel e nojento, que as pessoas conseguem ter a audácia de se passar por nós, simplesmente porque acham que somos nada. Como assim esses cotistas vão estar na Medicina, no Direito, nas Engenharias? Vão faltar vagas para perpetuar seu legado branco. Quem vai nos servir? É como eu digo: quer ser preto, vamos ver até quando vier o ataque da polícia, o estupro, a hipersexualização, a prisão injusta, e a suspeição simplesmente por seres quem é...aí a gente conversa. Ouvi gente dizer que merecia a vaga porque frequentava religiões de matriz africana, porque o bisavô era “escurinho” e tinha sofrido “muito preconceito”, porque era chamado de Negão/Negona, porque tinha cor de papel pardo, “cabelo ruim”, bocão... Enfim um desrespeito total. Mas isso me sacudiu de uma forma brutal, e me fez perceber que ainda temos muito a fazer, e que essa luta contra o racismo estrutural não pode parar. Este trabalho teve um grande significado para mim para a minha história, pois pude contribuir para que o processo de inclusão de estudantes negros/as/es através das cotas fosse conduzido com ética e responsabilidade. Era uma missão que se somava à minha luta por representatividade em todos os espaços, e em especial o espaço acadêmico. Porque, mesmo quando presentes, ainda somos invisibilizados, julgados, indesejados, subestimados e, por muitas vezes, branqueados e calados.

4.1 Renascimento

Depois de muito refletir sobre a escrita deste texto, vi que não seria possível tratar de temas como feminismo, sexismo e violência simbólica, sem falar do que eu mesma vivi. É doloroso, ao mesmo tempo, terapêutico. Só assim, me dei conta de que foram muitas situações, que um único artigo não daria conta; não só no âmbito profissional, mas nas relações pessoais e familiares também, uma luta constante por autoconhecimento, e busca da felicidade. Sendo assim Josso (2010, p. 71) salienta

que nós nos formamos quando integramos na nossa consciência, e nas nossas atividades, aprendizagens, descobertas e significados efetuados de maneira fortuita ou organizada, em qualquer espaço social, na intimidade com nós próprios ou com a natureza, por isso muito do que sou acaba sendo permeado por estas vivências. Desta forma, considerar a autobiografia na escrita da minha autoetnografia, torna-se importante porque:

[...]permite que seja concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciência sociais (Nóvoa; Finger, 2010, p. 23).

Ainda sobre a escrita da autobiografia, visto que os fatos são relatados a partir da minha subjetividade, acabam adquirindo uma característica singular, que talvez um terceiro elemento/interlocutor/escritor não pudesse contemplar, Moraes (2009) afirma que

As vivências eleitas, por sua vez, não estão voltadas somente para o passado, mas apontam para um presente vivo, ou seja, para um tempo que abrange tanto o passado quanto as possibilidades representadas pelo futuro, inteiramente relacionado às questões da formação do sujeito. O ato de recordar vem, muitas vezes, acompanhado de emoções e de lembranças traumáticas porque as vivências formadoras têm sempre uma ligação com uma forte emoção e, apesar disso, ainda são pouco valorizadas no ensino, chegando mesmo a ser consideradas perturbadoras.”

Assim, escrevo esse capítulo, uma autoetnografia... Um processo difícil, sofrido, diversas memórias, resgates, uma vida inteira teorizada. Me reporto agora a um período um pouco mais recente, mas não menos importante para essa escrita. Os últimos cinco anos de uma vida atribulada, com a sobrecarga que toda a mulher “contemporânea” carrega e em particular, no caso das mulheres negras como eu, devido a fatores estruturais e patriarcais, se torna um pouco mais pesada. Sempre nos cobramos excelência e perfeição na vida acadêmica, profissional e pessoal, até porque todos estes são os nossos **entrelugares**: se o casamento existir, deve ser mantido; se o trabalho não for bem feito, é a prova de que somos inadequadas; se não estudar...é a intelectualidade não é o “forte” dessa gente.... Sempre fui muito focada, e um dos erros e armadilhas da negritude é não recusar, não saber dizer não. Somos tão preteridos, que quando temos a oportunidade de fazer alguma coisa, fazemos porque afinal quando teremos outra chance? Kilomba (2019, p.192-194), fala sobre o fardo de mulheres negras que não se permitem sucumbir:

A ideia de “supermulher de pele escura” para usar o termo de Kathleen⁵⁸, pode por um lado, ser vista como uma estratégia política para superar as representações negativas das mulheres negras no mundo *branco*. Mas, por outro lado, aprisiona as mulheres negras numa imagem idealizada que não nos permite manifestar as profundas feridas do racismo. Kathleen fala dessa ambivalência, de ter que preencher imagens empoderadoras – imagens que podem, na verdade, ser experienciadas como desempoderadoras, na medida que silenciam os danos psicológicos do racismo cotidiano. (p.192)

Me lembro de outra mulher(...) que uma vez usou o exemplo de uma mulher em Moçambique que conseguiu dar à luz um bebê debaixo de uma árvore durante uma inundação ano passado, como prova de quão fortes nós somos: “Nenhuma mulher *branca* poderia ter feito aquilo...Mulheres brancas correm para terapeutas e psicólogas/os quando têm problemas. Nós não. Nós não precisamos de tudo isso. (p.194)

Lembro de histórias contadas pela minha avó Hermínia, dizendo que era normal para as mulheres do seu tempo, parir os filhos e no outro dia, já estar no tanque, lavando a roupa e fazendo o serviço doméstico. E que a irmã dela deu à luz a seus dois filhos em casa, na sua cama, auxiliada por uma vizinha que passava, por sorte, no momento no qual ela estava sentindo as dores do parto. Tais relatos já nos davam o tom da força e resiliência, que era esperada de nós em diversas situações.

Estamos constantemente nos testando e tendo que provar nosso valor, não nos permitimos errar, desistir, falhar...obviamente essa conta não fecha e alguma coisa acaba pagando o preço, no meu caso, a saúde física e mental. Vivia cansada, ansiosa, estressada, dormia e me alimentava mal. Não me permitia descansar, era uma constante roda-viva de *demandas-cumprimento-demandas*, viajava muito a trabalho. Fiz uma histerectomia em 2015, e no final de 2016, tive uma suspeita de câncer de mama, depois de descobrir que um grande amigo, a pessoa que me abriu muitas portas em minha vida acadêmica, lutava bravamente contra um. O perfil dele, muito semelhante ao meu naquele momento: muito trabalho, pouca vida. Felizmente, meu diagnóstico não foi confirmado, mas estava no auge do stress. Parei tudo. Usei as férias de verão para repensar a vida, e na volta tomei algumas decisões: largar gradualmente o trabalho nos cursos de Design de Moda e Publicidade na UCPEL e ficar apenas como o trabalho no IFSUL, começar a estudar para o doutorado, e a mais importante delas: terminar um relacionamento de vinte e três anos.

⁵⁸ Interlocutora da autora.

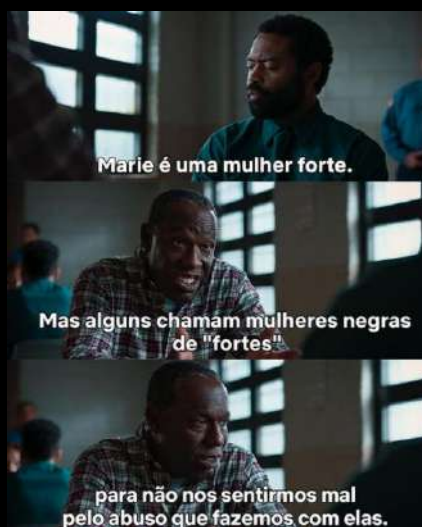


Figura 48 - Cena da série "For Life".

Fonte: Instagram (2021) 

4.2 E então...cheguei ao PPGAnt

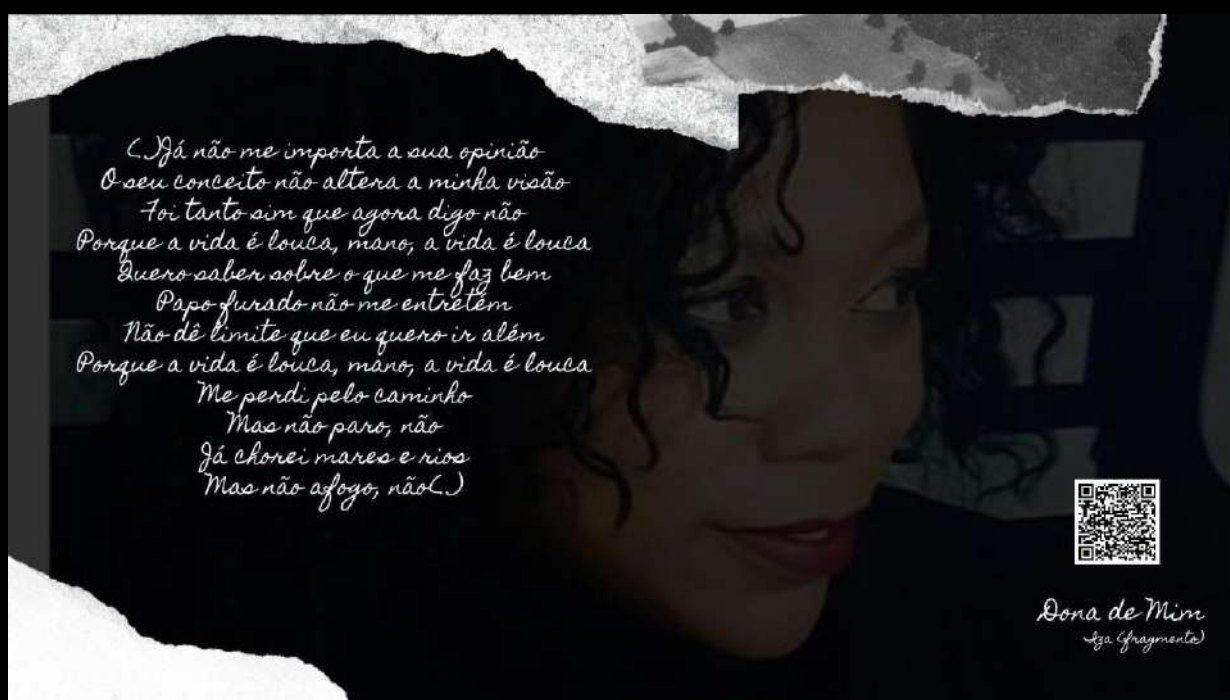


Figura 49 - Letra da música "Dona de Mim" (Iza, 2018).

Fonte: Acervo da autora

⁵⁹ https://www.instagram.com/p/CSuTVJzLW09/?utm_source=ig_web_copy_link (acesso em 14/10/2021)

Terminar tudo. Não sabia como fazer, mas estava determinada, afinal, era fazer ruir uma estrutura dos sonhos, que ninguém a princípio entendeu, mas a minha vida, que parecia perfeita, estava me adoecendo, definitivamente não era mais possível continuar. Lembrei de minha avó Amália e sua partida precoce... sentia medo de morrer e deixar coisas por fazer. Na época fazia terapia por conta do medo de dirigir, e acabei descobrindo que este era o menor dos meus problemas...me peguei pensando (e penso nisso até hoje), que se não fosse o atendimento psicológico, talvez eu já nem estivesse aqui escrevendo este texto, pois no ritmo no qual as coisas iam já teria infartado ou tido um AVC. Então, este processo começou com a inscrição como aluna especial na disciplina de Teorias Feministas e estudos de gênero (PPGAnt/UFPel), descobri ali não só o que queria pesquisar, mas também que meu relacionamento não era tão bom assim, e que os problemas e a insatisfação eram apenas a minha essência resistindo a várias opressões. Me posicionei de forma mais firme e assertiva na vida e no trabalho, porque agora, tinha a certeza de que estava certa, e de que não devia tolerar várias coisas. Reconheci, o racismo, o sexismo e a misoginia ao revisar vários episódios que ficaram guardados na minha memória. E reagi. Comecei a estudar e não parei mais. Meu filho já era adulto, trabalhava e fazia faculdade, e então conversamos, decidi sair de casa e deixá-lo morando com o pai. Na época analisei que precisava de um momento para dedicar a mim, aos meus pensamentos, as coisas que sufoquei para evitar conflitos, sabia que poderia me manter sem levar nada de casa. Saí e peguei apenas o essencial para recomeçar, como diria Elis Regina: meus livros, meus discos e nada mais...

"Agora estão todas assim (as mulheres), "modernas". Querendo ficar sozinha pra quê? Não sei o que tu queres, te separando depois de velha..."(fala de uma pessoa da família)

Como qualquer mulher em um sistema patriarcal, fui julgada e criticada: ***“Deve ter outro”, “saiu de casa por causa de homem”, “Tá afim de meter o louco e putiar”, “Nunca teria nada se não fosse ele, ingrata”, “Agora que tá bem, abandona”, “se separando depois de velha (eu estava com 43 anos!)”, “coitado dele!”***. Alguns “amigos” se afastaram, outros se aproximaram, os verdade ficaram. Tive muito apoio do meu filho e nossa relação melhorou demais depois da separação, e nunca vou esquecer a fala dele que foi: ***“Mãe, se vai te fazer feliz, tô contigo!”***. Senti uma força e uma potência, que nem acreditava, nenhum arrependimento, só a

sensação plena de liberdade, de finalmente estabelecer um caso de amor comigo mesma. Foquei em estudar, trabalhar e viver intensamente, e em 2019 entrei como aluna regular no PPGAnt, depois de uma vida cheia de dúvidas (algumas ainda permanecem, mas estão sob controle). Nós mulheres negras, por muito tempo, naturalizamos o fato de que fomos reduzidas apenas a servidão e a hipersexualização (e ainda somos!). E a mídia, e o senso comum nos vendem isso como uma “vantagem”. Na verdade, nos fizeram crer que somos um corpo que não tem voz, intelecto, sentimentos ou sente dor. Nos fizeram desacreditar de nossa beleza. Demonizaram a nossa fé. Consideradas nada além do que um burro de carga, física e mental. Nos ensinaram que somos inadequadas, pouco inteligentes e que sem um relacionamento (mesmo que seja tóxico), não somos nada.

Percebi que quando levantei a cabeça, aprendi a ver e admirar a beleza que nem acreditava que existia em mim, que ao aceitar meu corpo, minhas marcas e tomar posse das minhas vontades, parei de me sentir inadequada, não precisava mais validar nada, nem agradar ninguém. Surpreendentemente, entendi que a minha **presença invisibilizada**, enquanto mulher, foi algo sabiamente construído pelas sutilezas do machismo, presente no cotidiano desse relacionamento “perfeito” de mais de duas décadas. As pessoas perceberam, e me diziam: **“como tu mudou!!! Sei lá...tu estás diferente... mais alegre, mais bonita, mais viva!!!”** Refletir sobre onde estamos e principalmente onde nos querem, é o primeiro passo para desconstruirmos o sexismo, principalmente quando atravessado pelo machismo e pelo racismo. Uma mulher negra pode tudo!!!! Pode ser o que quiser!!! Amar, ser amada, trabalhar, construir e produzir conhecimento em qualquer idade, com qualquer corpo.

Nesse mesmo ano, conheci meu marido e nos casamos em 2021, em uma pequena cerimônia, junto a natureza, onde fizemos questão de exaltar toda a nossa ancestralidade e nossa fé nos Orixás. Desde que eu e Luís decidimos nos casar, em 2020, pensamos na importância de agradecer tudo de bom que temos vivido, neste “encontro” que tivemos, depois de relacionamentos longos, difíceis e que nos deixaram marcas. Queríamos escrever este novo capítulo de nossas vidas de maneira que isto estivesse conectado a nossa essência, saudar a nossa ancestralidade, e principalmente, homenagear os nossos pais Oyá e Xangô. Acreditamos que foi um desejo deles que a cerimônia acontecesse em uma Charqueada, visto que a troca de local foi na semana do casamento. Apesar de uma certa resistência, entendemos que naquele solo, marcado pela dor dos nossos ancestrais, seria o momento para

ressignificar e exaltar todas as histórias de amor que não vingaram, todas as famílias que foram separadas, deixando marcado que voltamos para ocupar e ressignificar aquele espaço embranquecido com toda a nossa essência, toda a nossa verdade. Junto aos nossos filhos, amigos e familiares era o momento de celebrar o crescimento e a vitória do nosso povo apesar das adversidades.

Temos a certeza de que a vibração e energia de Oyá e Xangô contagiaram a todos, que fizeram esse momento tão especial e cheio de amor!!!!

Kaô Kabecile!!!! Eparrey!!!!



Figura 50 - Manto do Pai Oxalá e chuveiro de pipoca: paz, abundância e prosperidade.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 51 - Tatuagens símbolo dos nossos Pais de cabeça: Xangô e Oyá.
Fonte: Acervo pessoal



Figura 52 - Bambuzal simboliza a força da mãe Oyá, o bambu enverga com o vento, mas resiste e não se quebra.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 53 - Ancestralidade: Matriarcas, Família e padrinhos.
Fonte: Acervo pessoal.

O único casamento que tivemos na família havia sido da minha tia, há mais de 35 anos e ocorreu em uma igreja católica, de forma tradicional. Fazer uma cerimônia exaltando nossa fé e ancestralidade era um marco de libertação e respeito às minhas origens, me senti conectada com o sagrado e acariciada pelo vento da minha mãe Oyá naquele momento. Tudo fazia sentido: as cores, elementos, o ritual... Entrar com

a reza da minha mãe sob o toque do tambor, e sair com Luís abençoada pelo manto do Pai Oxalá me deu a certeza de que nunca estivemos sozinhos, e nos encontramos no momento certo. Senti uma enorme conexão com nosso povo, que tanto sofreu naquele solo, e que agora viam seus descendentes celebrando o amor e a vida.

Na sua biografia a atriz negra Viola Davis (2022), ⁶⁰faz um relato sobre a experiência de se fazer uma cerimônia de casamento, para nós, mulheres negras. Não estamos habituadas a ter o protagonismo de nada, e ousar se permitir o amor, que segundo bell (2010) ⁶¹parece sempre algo muito pretensioso, distante da nossa realidade. Para mim, essa vivência além de marcar o início de um novo ciclo de vida, representou também uma homenagem a minha família, e a minha ancestralidade: Chegamos até aqui, e temos que naturalizar o direito de celebrar e demonstrar o amor, de ser amados como qualquer outro ser humano; que nossas crenças acerca do merecemos comecem a mudar, e sejam de alegria, prosperidade, ciclos positivos de conquistas, de afeto. A biografia de Viola muito me emocionou, e me vi representada em vários trechos, e um deles está logo a seguir:

“Minha família nunca fez uma celebração com todos juntos, uma cerimônia significativa e alegre. Minhas irmãs Deloris e Dianne se casaram, mas não fizeram festa. Deloris foi a Las Vegas, Dianne fez seus votos no cartório. Ninguém na família tivera uma cerimônia de casamento, e a maioria nunca estivera em um. Eu queria dar essa experiência de presente para eles. Foi por isso que fiz. (...) Foi a festa mais incrível para qualquer um dos membros da minha família.” (p.247)

Um longo processo, muitos movimentos internos, muitas batalhas e conquistas. E sim, considero que entrar na pós-graduação em Antropologia, estudar o feminismo e o feminismo negro, me levou ao doutorado, me trouxe a sorte de saber reconhecer um amor tranquilo, mudou a minha vida. Para mim, a educação proporciona um caminho para um universo de transformações que afetam todo o nosso entorno, e vejo isso na minha própria família, no meu círculo de amigos. Fui a primeira a concluir uma graduação em 2004, e em 2021 meu irmão caçula entrou no pós-doutorado em Química, meu filho, minha enteada e meu marido estão fazendo a graduação em Administração, Jornalismo e Direito, respectivamente. Minhas irmãs retomaram os estudos e cursam hoje a graduação em História e Pedagogia, dois amigos venceram o medo e resolveram terminar o ensino médio. E que o ciclo continue, que as pessoas não vejam isso como algo estranho, anormal, não romantizem o nosso sofrimento e

⁶⁰ Davis, Viola. Em busca de mim. Capítulo 16-Desfrutando a felicidade. p. 247. Brasil, Best Seller, 2022.

⁶¹ <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> (acesso Março, 2023)

dificuldades como forma de minimizar um cenário de desigualdades. Lutar por políticas de inclusão para que pessoas negras estejam na universidade, me fez e me faz muito feliz, como pessoa, profissional e como mulher negra que só teve a oportunidade de usufruir deste direito no doutorado. Por toda a minha história e dos que vieram antes é que defendo a importância das cotas raciais, não apenas como parte de uma reparação histórica, mas como uma estratégia, para que as desigualdades diminuam pelo menos por hora, e que futuramente haja um maior equilíbrio. Hoje vejo que tudo isso serviu para que tivesse maturidade e me fortaleceu para seguir nesse novo desafio. E a partir deste primeiro trecho da minha história, entro no que me traz até aqui....



Capítulo 5- A escola é para quem? Quando o ponto de partida é diferente: uma reflexão sobre meritocracia;



<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/foto-dorothy-counts-racismo.phtml>

“(...) então eu tive diversas vezes situações com professores né, tive professor que olhou na minha cara e que me disse que não sabia como eu tinha chego até ali que olhava na minha cara e dizia que não sabia, que não imaginava como eu tinha chegado naquele lugar né. E que sabia que eu não chegaria até o final.” (Ana, 2022)⁶²

⁶² Interlocutora vídeo etnográfico.

Levanta e Anda (part. Rael da Rima)

(Emicida)
*fragmento

Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir!
Então levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda

Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
Coisas que te faz prosseguir!
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda

Irmão, você não percebeu
Que você é o único representante
Do seu sonho na face da terra
De isso não fazem você correr, chapa
Eu não sei o que vai

Eu sei (seil), cansa
Quem morre ao fim do mês
Nossa grana ou nossa esperança
Delírio é, equilíbrio
Entre nosso martírio e nossa fé
Foi foda contar migalha nos escombros
Lona preta esticada, enxada no ombro
E nada vim, nada enfim
Recria sozinho
Com a alma cheia de mágoa e a panela vazia
Sonho imundo, só água na geladeira
E eu querendo salvar o mundo

Aponte a câmera
do seu celular no
QR CODE



Este capítulo trata em um primeiro momento de uma reflexão acerca de questões relacionadas ao ingresso crescente de pessoas negras em diversos espaços de relevância, desde a ampliação do ingresso através da política de cotas no ambiente acadêmico, tendo como recorte o campo da universidade e dos institutos federais de educação tecnológica. Deste modo, traz uma discussão teórica a partir de situações - problema e o conflito como elemento norteador com o objetivo de provocar uma reflexão sobre as diferenças, o racismo estrutural e institucional, capital simbólico e capital cultural. Pretende demonstrar que, de forma velada e institucionalizada a segregação e a desvalorização de pessoas negras nesses espaços ainda é algo a ser combatido, e que o silenciamento destas pessoas na busca por solução de demandas específicas, pela ocupação de espaços e valorização de sua trajetória é uma estratégia cruel, aplicada cotidianamente pela hegemonia da branquitude, dominante nos espaços de poder. Estudamos em escola pública, e lembro do esforço dos meus pais para que estivéssemos sempre impecáveis, com todo o material, com o lanche para a hora do recreio. Frequentei junto com a minha irmã mais nova, a escola de artes que ficava situada no parque Dom Antônio Zattera (a antiga praça dos macacos em Pelotas-RS), e só agora me dei conta que éramos as únicas alunas negras e bolsistas. Em 1989, ingressei na ETFPel (hoje IFSUL-Instituto Federal de Educação

Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense de Pelotas) e estudar nesta escola foi muito significativo para mim e minha família, visto que, meu pai também havia sido aluno e não chegou a concluir seu curso em função da sua carreira militar, e minha bisavó paterna, Dorica, era uma das auxiliares da limpeza daquela instituição. A paixão pelo desenho me levou a fazer o Curso técnico em Mecânica Industrial, me formando em 1994, depois de um período cheio de descobertas, grandes amizades (que cultivo até hoje), e a perda precoce do meu pai, em 1991. Me tornei mãe em 1995, e esta nova etapa da minha vida fez com que me questionasse sobre o que realmente queria para o meu futuro. Resolvi prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sendo aprovada em 3º lugar.

Ao longo desta trajetória, era inegável que conforme avançava nos estudos, e frequentava outros espaços profissionais era cada vez menor a presença e convivência com colegas negras/os. Mas graças a forma como a minha família me criou, nunca pensei que não pudesse estar em qualquer lugar ou que fosse inferior a qualquer pessoa. No entanto, demorei a ter a percepção de que a minha presença e resistência nestes locais, faria muita diferença no futuro, não apenas para mim, mas para outras pessoas. Fui a primeira pessoa da família a fazer uma graduação e no dia da minha formatura, escolhi a música ***“Triste Andança”***, para receber o diploma. Sempre que a ouvia, lembrava da dor de meu pai ao falar do dia da partida repentina e precoce da minha avó, e de como ele sentia a falta dela...nesse momento tão importante da minha vida, constatei que eu estava sem os dois... essa memória me trouxe uma saudade absurda...paro a escrita e choro, como nunca havia chorado por eles pois, sabia que estavam ali, presenciando a nossa vitória no teatro Guarany, como em tantos outros momentos.



A carreira docente sempre me encantou, desde o ensino técnico quando assistindo às aulas pensava na importância daqueles profissionais, e não conseguia me imaginar em uma indústria, mas sim como professora. Tal pensamento ocorria porque eu percebia que a relação professor-aluno poderia ser muito gratificante, desafiadora, estimulante e afetiva, por ter tido professores em minha caminhada que fizeram a diferença na construção do meu conhecimento, através de suas práticas fazendo com que eu me apaixonasse pela profissão. Porém percebia que até aqui, havia tido apenas quatro professores negros: Marisa, no jardim de infância; Joanir na 1ª série do fundamental; Sérgio na 8ª série; e no IFSUL, o Ribeiro no curso de Mecânica. Talvez inconscientemente estes profissionais tenham me inspirado, pois lembro deles com muito carinho até hoje. Almeida (2018, p.42):

“Apesar das generalizações e exageros, poder-se-ia dizer que a realidade confirmaria essas representações imaginárias da situação dos negros. De fato, a maioria das domésticas são negras, a maior parte das pessoas encarceradas é negra e as posições de liderança nas empresas e no governo geralmente estão nas mãos de homens brancos. Então, não estariam os programas de televisão, as capas de revistas e os currículos escolares somente retratando o que de fato é a realidade? Na verdade, o que nos é apresentado não é a realidade, mas uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras. A ideologia, portanto, não é uma representação da realidade material, das relações concretas, mas a representação da relação que temos com essas relações concretas.” (p.42)

Durante a Universidade, prestei concurso para a Prefeitura Municipal de Pelotas e, no ano 2000, comecei a trabalhar como auxiliar de educação infantil, onde por três anos tive contato com crianças de zero a seis anos de idade, moradoras da periferia de Pelotas. Tal experiência me ajudou muito, pois pude aplicar do que aprendi na graduação no meu cotidiano, também posso dizer que foi uma experiência importante para a minha construção enquanto docente no ensino fundamental. Como trabalhava 40 horas semanais tive que concluir minha formação aos poucos, e em 2003 concluí o curso. Novamente era praticamente a única negra nas turmas que frequentei, por vezes mais um ou outro colega e nenhum professor negro. Prestei outro concurso público da Prefeitura Municipal de Pelotas, desta vez para professora de Artes Visuais sendo aprovada em 11º lugar. Era uma nova fase da minha vida: outra realidade, desafios e certa ansiedade do que seria este novo momento que queria tanto vivenciar, e em 2004, passei a trabalhar com ensino fundamental em uma escola da periferia de Pelotas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeremias Fróes onde a maioria dos alunos tinha uma vida muito difícil, muitos eram negros e viviam em situação de extrema pobreza, precisando ajudar em casa, trabalhando na coleta de papelão e outros materiais recicláveis. Muitos chegavam na aula sujos, com fome e com pouca roupa, aquilo me deixava revoltada e triste, ficava pensando que sentido teria a Monalisa ou a Capela Sistina para quem vive uma realidade tão difícil, e frustrada em trabalhar conteúdos que só mostravam o etnocentrismo presente em nossa sociedade e me sentia uma farsa. Era indescritível o olhar de repulsa e a falta de empatia de alguns colegas, e a incompreensão de quem nunca precisou escolher entre comer ou pagar a luz, comer ou ficar descalço; ter medo de ficar doente, pois se comprar o remédio, falta comida. E me pego refletindo como aqueles pequenos eram julgados e condenados desde cedo, de como já se sentiam preteridos e humilhados, e lembrei da fala de Carolina Maria de Jesus em seu diário no dia 22/07/1958:

“Saí pensando na minha vida infausta. Já faz duas semanas que eu não lavo roupa por falta de sabão. As camas estão sujas que até dá nojo. (...) Não fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha sujeira. Creio que devo andar com um cartas(sic) nas costas: Se estou suja é porque não tenho sabão.”

Nunca passei fome, mas entendo a dor de quem já viveu isso, a dor de viver no limite, com muitas restrições. Sempre tivemos casa, comida, acesso a saúde, roupas... algumas doadas pelas filhas da senhora com a qual minha mãe trabalhava

de vez em quando, fazendo faxina. Já vi pessoas próximas passarem por isso, colegas de aula, parentes, amigos, as crianças das escolas de educação infantil que trabalhei, onde a merenda escolar era muitas vezes a única alimentação que elas tinham acesso. Nosso povo sofre muito e desde cedo, sofre por ser preto, por ser pobre, por morar na periferia...tudo é brigado, lutado...chega a dar um cansaço.

No mesmo ano, assumi também as turmas de 3º ano do ensino médio noturno do Colégio Municipal Pelotense. Trabalhar a Arte e a Educação nestas duas escolas tão diferentes foi fundamental para a minha construção enquanto professora, pois percebi que cada estudante é um mundo à parte com suas vivências e experiências. Paralelamente iniciei meu curso de Especialização em Gráfica Digital pela Universidade Federal de Pelotas. E em fevereiro de 2007, retornei a ETFPel (agora IFSUL) como professora substituta dos Cursos de Programação Visual e Design de Móveis conciliando esta atividade com o trabalho na rede municipal. Uma rotina exaustiva de 60h/semanais, casa, filho e afazeres domésticos.



63

O retorno a esta escola me trouxe grande alegria, pois pude rever professores e professoras que foram muito significativos/as na minha vida pessoal e na minha carreira docente, além de ter contato com a dinâmica do ensino de nível profissional.

⁶³ Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CW0QKA-usr8/?utm_source=ig_web_copy_link> (acesso em 07/12/2021)

Neste meio, novamente a percepção de ser a única, e agora com a consciência de um certo estranhamento por parte de alguns alunos e alunas, que por vezes diante de uma professora negra, questionavam a minha formação (e muitas vezes a minha competência), e se surpreendiam quando falava que havia nascido e crescido em Pelotas, e estudado naquela escola, circulado pelos mesmos corredores que eles. Sobre essa **presença** que tensiona Grada Kilomba (2019, p.56) utiliza uma metáfora, e fala da nossa corporeidade negra percebida enquanto plebe em espaços de poder, “em casa” na ótica da branquitude:

A rainha é uma metáfora interessante. É uma metáfora de poder e também da ideia de que certos corpos pertencem a determinados lugares: uma rainha pertence naturalmente ao palácio do “conhecimento”, ao contrário da plebe, que não pode jamais alcançar uma posição de realeza. A plebe está encerrada em seus corpos subordinados. Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a *negritude* significa não somente “inferioridade”, mas também “*estar fora do lugar*” enquanto a branquitude significa “*estar no lugar*” e, portanto, “superioridade”. Dizem-me que estou fora do lugar, porque em sua fantasia eu não posso ser a rainha, mas apenas a plebeia. (...) No racismo, corpos *negros* são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “*fora do lugar*” e, por essa razão corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. (p.56)

Os conflitos em alguns momentos foram inevitáveis: fui acusada ora de não dominar os conteúdos, ora de ser muito rigorosa, exigente. Alguns pedidos foram feitos diretamente ao meu coordenador para suspender avaliações, sem qualquer diálogo direto. Observamos que eram questões bem pontuais, causadas pela minha presença incomum naquele meio, visto que desenvolvia as minhas atividades com extrema competência. Kilomba (2019, p.56) reitera que sempre nos é lembrado onde nossos corpos devem estar, sendo convidados persistentemente a retornar a “seus lugares”, “fora” da academia, nas margens, onde nossos corpos são vistos como “apropriados” e “em casa”. Embora difícil, procurava não me abalar e me manter sempre impecável, tanto na aparência, quanto na organização das aulas, não me permitia errar na dinâmica das atividades, mas o clima com algumas turmas era péssimo; ficava ansiosa e angustiada a cada aula, e aqueles 90 minutos, duravam uma eternidade. Sobrevivi. Consegui compreender com esta experiência, o fardo de ser uma profissional negra em um ambiente embranquecido, e a rejeição que isto poderia ocasionar; hierarquicamente, eu não estava em uma posição subalternizada, o que era normalmente esperado em uma sociedade permeada pelo racismo estrutural. Ribeiro (2019, p.55) fala do impacto do rompimento desse *status quo*, e que

a baixa presença de pessoas negras no ambiente de trabalho, ou mesmo distantes de cargos de gerência, pode deixar o espaço altamente suscetível a violências racistas. Quando o contrato acabou, segui trabalhando no Colégio Pelotense, e passei a fazer parte do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) um espaço construído com muita batalha e muita luta. Lembro que em uma semana da consciência negra organizada pelo NEABI, fizemos uma dinâmica diferenciada: abertura do evento por uma lalorixá com um chuveiro de pipoca na entrada da escola, palestras, dança, e um altar onde estavam algumas referências do sincretismo religioso e simbologias das religiões de matriz africana; comidas, ervas, flores e frutas. Depois de uns dias um colega discursava na sala dos professores, questionando quando aquela “**macumba**” ia ser retirada da entrada da escola. Uma nítida manifestação de racismo religioso dentro de um ambiente que deveria respeitar todas as crenças e pessoas. Porque afinal de contas, ninguém questionava as concessões aos adventistas que não podiam ter aulas na sexta à noite e atividades no sábado.

5.1 A escravização acabou..., mas ainda nos colocam a máscara... Qual é o padrão da intelectualidade? Qual é o padrão do currículo?

Inicialmente é preciso que se façam alguns questionamentos necessários para que se possa compreender o quanto a nossa estrutura enquanto sociedade, nos afasta da percepção de que as instituições, e em particular as instituições de ensino, não são assim tão democráticas e plurais. O usual, ou “normal”, ou esperado e o que está naturalizado, é o fato de que a branquitude está destinada a ocupar este lugar e obviamente, o indivíduo que não se aproxima desse estereótipo acaba lutando para permanecer, mesmo que seja lembrado cotidianamente que não deveria estar ali. A estrutura acadêmica é branca, heteronormativa, eurocêntrica, cristã e elitizada. Então, geralmente a única (e possível) alternativa é se afastar das suas epistemologias, silenciar, ou simplesmente desistir.

Certa vez, na instituição onde trabalho, fui almoçar no setor de uma colega branca que exercia funções administrativas; conversávamos durante a refeição e em um determinado momento, uma outra colega mais antiga entrou no setor e perguntou: “*E essa aí? É estagiária nova?*” A amiga que me convidou ficou surpresa com a pergunta e constrangida com a reação da funcionária, imediatamente corrigiu: *não!!!*

Tereza é professora de Artes da instituição há quase dez anos, e está aqui no campus há mais de cinco anos, tu não lembras dela? - “Ahhhh...” - respondeu a pessoa, que seguiu seus afazeres. Detalhe: eu mesma já havia passado e interagido com essa pessoa várias vezes. As vezes ser invisibilizado é ter um rosto único, que ocupa apenas uma determinada posição, que no imaginário da branquitude, nunca é associado ao protagonismo. Enfim, mais um dia normal. Bhaba (2010) ainda afirma que:

É na emergência dos interstícios - a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença - que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [nationness], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam sujeitos nos `entre-lugares\ nos excedentes da soma das "partes" da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? (p.20)

Embora as três mulheres envolvidas na situação que citei, tenham formação universitária, acessado a sua vaga no serviço público, através de concurso, dividam e frequentem o mesmo espaço de trabalho, a percepção sobre como ocorre a ocupação deste espaço, quem pode ocupá-lo, e os privilégios que lhe acarretam determinada posição, são diferentes. Nem a condição de ser mulher em um espaço de protagonismo masculino (uma escola técnica e tecnológica, com cursos comumente ocupados pelo público masculino), gera essa sororidade. Desta forma, criamos nossas próprias estratégias de sobrevivência e (re)existência nesses espaços, enquanto a solução não chega. Eu por exemplo, costumo circular na instituição sem o crachá (mas mantenho no bolso, ou na bolsa), com a intenção de que as pessoas precisam compreender que não é (e não deve ser) incomum a minha presença em qualquer setor da instituição, já fui mal-recebida e mal atendida por colegas, que só mudaram o comportamento quando me identifiquei. Creio que seja um processo educativo, uma micropolítica que faz parte do meu cotidiano enquanto mulher negra. É justamente a falta de representatividade negra positiva, que faz com que criemos estratégias, e Bhaba (2010) questiona isso no trecho a seguir:

De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [empowerment] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (p.20)

E assim cada uma cria seus modos de existir em meio a uma sociedade racializada, como meu colega de docência André, que ao contrário de mim, faz questão de utilizar o crachá e me diz: ***“Tereza, sabes que quando as pessoas me veem, um homem negro, grande, retinto, de barba e todo tatuado, se eu não usar identificação, certamente vou ser confundido com um bandido, um traficante. Não tenho saúde pra isso! Uso sempre pra marcar bem minha posição.”***

5.2 As instituições de ensino estão de fato preparadas para receber em suas estruturas outros saberes, realidades e pessoas?

Certa vez, durante um seminário sobre relações raciais, no qual eu e um colega éramos professores, falávamos sobre racismo estrutural, da importância deste debate também para pessoas não negras, visto que os modos de reprodução do racismo ocorriam a partir delas. Eis que uma senhora, branca, afirmou veementemente, que jamais havia cometido racismo, pois tinha crescido e ainda morava na “vila”, no meio de pessoas pretas, a maioria dos seus amigos eram pessoas pretas, e que achava um absurdo, dizer que talvez ela pudesse ter sido racista em algum momento de sua vida, ou fosse privilegiada. Quando expliquei toda a questão histórica, e que possuir vínculos afetivos com não a impedia de reproduzir o racismo estrutural presente em nossa sociedade, ela não aceitou os argumentos, levantou e saiu furiosa da sala. Comentou depois com uma colega, que se sentiu ofendida, que fui racista com ela (???), que não iria mais assistir ao restante do seminário.

Ué...?

Como são vistas outras epistemologias em instituições racializadas? Quais são os impactos que a negação destas epistemologias, podem trazer para o desempenho acadêmico de negros e negras?

Cida Bento (2002, p.28) afirma que evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, a pessoa branca tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Quando a aluna localiza geograficamente seu local de origem e da negritude como “vila”, ela naturaliza a presença de pessoas pretas em territórios que não são associados a regiões nobres, e determina que este é o espaço destinado a estas pessoas. Posteriormente, se

insurge de forma negativa, ao ter sua afirmativa questionada por dois professores negros, que embasaram teoricamente toda a discussão. E é neste momento que a cordialidade, e o respeito a intelectualidade destes profissionais deixa de existir. Sobre isso Moreira (2019) diz:

Como tem sido afirmado por vários estudiosos, a cordialidade brasileira opera como um dispositivo discursivo que pretende encobrir a natureza hierárquica das interações raciais entre negros e brancos nesta sociedade. A natureza assimétrica delas indica que esta suposta cordialidade permanece apenas quando as diferenças de status entre negros e brancos estão claramente mantidas. Quaisquer alterações a essa ordem, quaisquer conflitos provocam reações racistas imediatas. Mais do que isso, a estratégia do amigo negro ignora o aspecto aversivo e simbólico do racismo. Pessoas brancas podem conviver socialmente com negros, podem defender a igualdade formal entre as raças, podem até mesmo ser casadas com pessoas negras, mas isto não significa que elas não sejam racistas. (p. 142)

Ainda é difícil para algumas pessoas reconhecer que podemos ocupar qualquer lugar, principalmente quando se trata de protagonismos que quebram paradigmas, e ainda que nós, mulheres negras, tenhamos negado incessantemente as imagens de controle⁶⁴, as quais estamos associadas, elas persistem no imaginário popular, e seguem sendo reverberadas (Bueno, 2020, p.121). No Curso negritudes, minha orientadora que coordenava o projeto, fez questão que Adara (mestranda em Antropologia na UFPel nessa época) e eu, ficássemos a frente do curso fazendo as interações e coordenando as atividades. Em um ambiente onde seria abordada a temática racial, era uma estratégia importante ocuparmos este entrelugar (Bhaba, 2010), e falar embasando teoricamente, (e não em tom de denúncia) que o racismo não era algo distante da nossa realidade, uma fantasia, e principalmente que estávamos aptas a falar sobre isso e colocar o “dedo na ferida”. Foi um grande desafio pois éramos duas mulheres negras, a frente de quase duzentos alunos de diferentes localidades, debatendo uma temática sensível e chamando a responsabilidade um grupo majoritariamente branco. Rodrigues (2022), sobre essa questão traz a seguinte reflexão:

E essa questão da invisibilidade física de mulheres negras nas universidades, também se soma a outra igualmente importante, a da voz. Pois, com o perdão

⁶⁴ Bueno, Winnie. *Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins/Winnie Bueno*. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

do trocadilho, “quem não é visto, não é ouvido”, o que é corroborado por muitas intelectuais negras em seus escritos, ao elencarem os fatores da invisibilidade e da voz das mulheres negras, que comumente viram “objeto” de quem se fala e não agentes de mudança que falam. (p. 87)

Nesse sentido, Gomes (2005 p. 148) afirma que o entendimento conceitual sobre o que é racismo, discriminação racial e preconceito, poderia ajudar os/as educadores/as a compreenderem as especificidades do racismo brasileiro auxiliando a reconhecer práticas racistas e reduzir seus impactos, sendo assim, o objetivo do curso era contribuir para efetivação de ações antirracistas dentro e fora da escola. A estrutura contou com atividades assíncronas como vídeo palestras, textos, mapas conceituais e análise crítica de filmes e publicações das redes sociais relacionadas às temáticas raciais. Essa organização considerou o contexto atual da pandemia, em que as atividades acadêmicas e profissionais, permeiam a rotina familiar da maioria das pessoas, permitindo que realizassem suas atividades quando dispusessem de tempo. Nos oito encontros síncronos, realizados todas as sextas-feiras, além da discussão e avaliação das tarefas solicitadas, proporcionando a troca de saberes e experiências, contamos sempre com a interação de um/a convidado/a, com expertise na área. Tivemos colaboradores/as de localidades como Benim, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Haiti, que fizeram o aprofundamento da temática da aula da semana, respondendo as questões que surgissem via chat.

Os temas tratados nas atividades assíncronas foram: **Diáspora Africana; Os Primeiros Humanos; Pelotas enquanto Território Sagrado; Imigração Negra em Pelotas; Resistência Negra na educação; 10639 lugares para o negro estar - a escola é um deles!** e por fim **Narrativas do Passo dos Negros.**

Nas atividades síncronas foram abordados: **Microevolução humana: história populacional de Homo sapiens vista através de fósseis, genes e artefatos; Um relato sobre o Benin; Algumas considerações sobre a herança africana nas religiões de presença africana nas américas. Casos de Cuba, Haïti e o Brasil; A história do conceito de raça e a formação da branquitude; República do Haiti: Leituras cruzadas entre prática e políticas entre as classes; Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil e no encontro final: Extra! Extra! um negro foi/é encontrado morto em Pelotas-uma análise arqueológica dos jornais pelotenses do século XX e Racismo, Violência Simbólica e Inclusão: Um olhar sobre a (In)Visibilidade negra na sociedade.**

O curso totalizou 40h de atividades síncronas e assíncronas tendo mais de duzentos inscritos, cujo público alvo eram docentes da educação básica, mas devido à grande procura, abrimos a participação para o público geral. Na ficha de inscrição, foram solicitados dados relacionados ao conhecimento e/ou vivência de situações de racismo, que nortearam as abordagens pedagógicas destes encontros. Percebemos também, a participação de um percentual importante de pessoas brancas, fato que acabou por sinalizar a necessidade por parte dessas pessoas, em rever seus conceitos acerca das questões raciais. Foi um momento de diversos enfrentamentos, mas também de aprendizado e a tomada de consciência de que a nossa base educacional é muito frágil ainda nesse sentido, que precisamos cada vez mais proporcionar momentos de formação sobre políticas públicas e principalmente, discutir estratégias de enfrentamento ao racismo. Abaixo alguns relatos dos participantes do curso, sobre situações vividas/presenciadas de racismo:

MB 17:07

trabalhei numa escola de educação infantil que a mãe de um aluno loiro do olho azul, pediu a direção para não deixar ele sentado na mesma mesinha dos pretinhos...aff

Certa ocasião fui realizar uma supervisão em uma escola rural, e na sala estavam em grupos, e as duas crianças negras da sala estavam em dupla. Quando questioneei porque eram os únicos que não estavam nos grupos maiores, a professora disse que eles preferiam ficar só os dois! A intervenção dos professores é imperativa.

Sim, professor tem que agir nessa hora não tem como não! Primeiro pra saber porque os dois preferiam, se é verdade se os dois preferiam está em dupla porque número 1 é verdade, número 2 se é verdade, porque?

RP 17:37

Na minha sala de aula em um curso de Serviço Social, colegas comentaram que não concordam com as cotas. Consequentemente, os "futuros assistentes sociais", não concordam com a inclusão.

RP 17:10

Meu filho aos 4 anos foi vítima de racismo, um menino loiro o chamou de macaco por ter levado banana para o lanchinho, eu soube porque ele reagiu não querendo levar mais banana e explicou o que aconteceu...

Figura 54 - Relatos dos participantes do curso Negritudes.
Fonte: Acervo da autora.

Os relatos de MB⁶⁵, trazem duas problemáticas: o questionamento de uma mãe sobre o contato do seu filho com o colega negro, e o isolamento de um grupo de crianças negras. Considerando que a escola é o segundo espaço de socialização da criança, depois da família, cabe destacar a relevância do papel dos docentes também na desconstrução de preconceitos, não se restringindo apenas ao conteúdo. No caso do isolamento, seria importante investigar o argumento da professora, se é válido e se realmente é uma escolha dos estudantes, ficarem a parte da turma, principalmente porque são crianças. Portanto, em ambas as situações, é possível detectar uma conduta que naturaliza o racismo, mas que não faz parte da conduta das crianças, ou seja, tanto a mãe quanto a professora falham quando se manifestam com relação a convivência, sinalizando que há uma hierarquia étnica e cultural, reproduzindo um discurso hegemônico que vai na contramão, de uma educação para uma sociedade plural, na qual todos e todas, deveríamos conviver de forma harmoniosa e cordial. Nesse sentido, observa-se o momento em que o trabalho educativo deve compreender a qualificação de seus docentes, sendo extensivo também a família, pois essa conduta vinda de referências tão significativas como a mãe e a professora nesses casos, pode prejudicar sobremaneira, a compreensão de que essa atitude e tantas outras, que não podem ser naturalizadas no cotidiano dessa criança, prejudicando a sua convivência em sociedade e seu desenvolvimento.

RP⁶⁶ traz em seu relato duas situações onde como acadêmica do curso de Serviço Social, percebe uma recusa dos seus colegas a respeito da política de cotas raciais. Sua indignação se dá por perceber a primeiramente, um discurso de manutenção de privilégios, a meritocracia naturalizada pela branquitude somado a contradição de serem acadêmicos de uma área ligada as humanidades, ao social, o que demonstra uma conduta não condizente com esse perfil de profissional e uma falta de letramento racial crítico. O outro atravessamento se dá, quando relembra uma situação vivida por seu próprio filho, que foi chamado de macaco pelo colega de escola, fato que só foi revelado quando se recusou a levar banana para o lanche. O que deixa chocada a interlocutora, é percepção de que nem as crianças estão isentas das questões raciais. Ambos relatos trazem questões importantes que localizam a construção do racismo desde cedo, a partir da família e interações cotidianas, tanto

⁶⁵ Participante do curso Negritudes, 2020.

⁶⁶ Participante do curso Negritudes, 2020.

na conduta das crianças, quanto na da mãe, da professora e dos futuros assistentes sociais.

A legislação vigente é pontual no que diz respeito a inclusão da população negra e indígena em diferentes instâncias do ensino, e aponta as principais áreas do conhecimento que devem tratar desta temática. A lei 12.711/2012⁶⁷ diz respeito às políticas de inclusão da população negra no ensino superior, visando buscar assim o crescimento da representatividade nestes espaços e a pluralidade de saberes e de produção do conhecimento. As leis 10.639/03 e 11.645/08⁶⁸ tratam da inserção da história e cultura negra e indígena na educação básica com o objetivo de ressaltar as contribuições desses povos para a cultura e identidade brasileira. Os fragmentos a seguir trazer um trecho de cada uma dela segundo Planalto (2003;2008):

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional,

⁶⁷ Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita . Art. 2º (VETADO). Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (Redação dada pela Lei nº 13.409, de 2016)

resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Mesmo amparado pela legislação vigente, tivemos vários desafios no sentido de desconstruir e apontar o racismo dentro do contexto escolar. Enquanto professora e pesquisadora dessa temática, percebi que o grupo era majoritariamente interessado e comprometido, mas tivemos momentos em que algumas narrativas ligadas ao senso

comum, intensificaram o debate. Um exemplo, era o questionamento sobre a política de cotas raciais, e resistência às bancas de heteroidentificação, argumentando um fortalecimento do racismo, o que a partir de um debate qualificado pontuamos sua necessidade e importância. Questões ligadas às religiões de matriz africana, e o racismo religioso e o reconhecimento da importância da fé e das crenças do outro. A reflexão que faço aqui, é de que poderemos ofertar todo o tipo de formação, material, estratégias pedagógicas; poderemos convidar palestrantes altamente qualificados e referências em suas áreas, mas se a sociedade não estiver disposta a reconhecer o racismo que há, e se mobilizar para uma desconstrução, e assumir as suas responsabilidades dentro dessa estrutura racista e problemática presente em nosso país, nossos esforços serão completamente ineficazes. Percebe-se isso através da necessidade de uma legislação para tratar de todas essas questões. A luta antirracista não é uma pauta exclusiva das pessoas negras, mas de toda uma sociedade, e cabe destacar a urgência de que haja movimentos reais no sentido de mudar esse cenário. Alguns pequenos avanços estão surgindo como a modificação na legislação dos crimes de racismo e injúria racial, que foram equiparados, conforme o site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDS, 2023):

A Lei 14.532/2023, publicada em janeiro deste ano, equipara a injúria racial ao crime de racismo. Com isso, a pena tornou-se mais severa com reclusão de dois a cinco anos, além de multa, não cabe mais fiança e o crime é imprescritível.

Segundo a legislação, deve ser considerada como discriminatória qualquer atitude ou tratamento dado à pessoa ou a grupos minoritários que cause constrangimento, humilhação, vergonha, medo ou exposição indevida, e que usualmente não se dispensaria a outros grupos em razão da cor, etnia, religião ou procedência.

A pena será aumentada quando o crime for cometido por duas ou mais pessoas ou por funcionário público no exercício de suas funções, bem como quando ocorrer em contexto de descontração, diversão ou recreação.

Se o crime for cometido no contexto de atividades esportivas, religiosas, artísticas ou culturais, a Lei prevê, além da pena de reclusão, a proibição da pessoa frequentar, por três anos, locais destinados a práticas esportivas, artísticas ou culturais.

Essa modificação, provoca um movimento no sentido de punições mais severas aos crimes de racismo, que em sua maioria eram convertidos em injúria racial, o que não previa a reclusão. São modificações que provocam uma reflexão na sociedade como um todo, no sentido de rever posturas e buscar um letramento racial crítico,

aplicar sanções a empresas e órgãos públicos em casos de racismo, no sentido de tratar todos os cidadãos e cidadãs de maneira equânime. Deste modo, a luta de diversos coletivos começa a ganhar o devido respeito e visibilidade, embora haja muito a ser feito nesse sentido. O debate sobre as instituições de ensino é necessário e deve ser estimulado em todas as suas particularidades, e a temática racial é fundamental para que realmente, como intitulo esse capítulo, não apenas a escola mas as instituições sejam para todas e todos. A provocação que faço aqui já nos direcionando para o capítulo a seguir é: onde estão as **mulheres negras** nesse contexto? Qualquer coisa no cenário acadêmico, que nos leve a lembrar da inserção de alguma delas como colaboradora da limpeza, da portaria ou da secretaria, nos diz que estamos falhando nesse sentido...

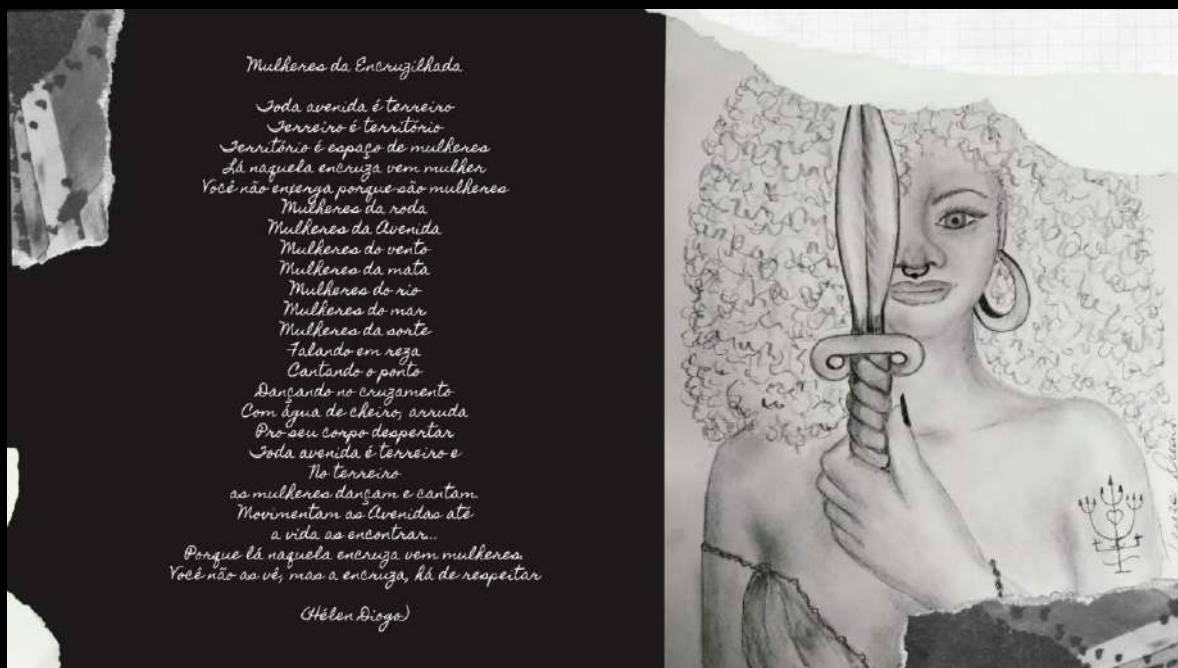


Capítulo 6- A Invisibilidade da mulher negra no contexto acadêmico- Uma construção social



68

⁶⁸ <https://br.pinterest.com/pin/217369119500537482/>



É engraçado que a gente passa anos desenvolvendo uma teoria, lendo, estudando, mas só tem certeza que não está delirando, quando vai a campo e as suas interlocutoras praticamente te contam, tudo que um dia tu já viveste. Neste último capítulo, faço o debate considerando todas as problemáticas contidas no texto da tese, fundamentando teoricamente a construção de um cenário que exclui pessoas negras de vários espaços na sociedade, e em especial os espaços acadêmicos e de tomada de decisão. Considerando que a educação é uma via para a ascensão social e melhores postos de trabalho, entende-se que negar ou dificultar a chegada e permanência nestes espaços é o mecanismo que joga este grupo, no subemprego, na pobreza, comprometendo todo o seu desenvolvimento de forma equânime. Nesse sentido, há um engendramento construído através de um somatório de ações institucionalizadas e chanceladas pelo imaginário de uma sociedade embranquecida, (e que luta para se manter assim), que ainda se beneficia de uma estrutura pautada em uma herança escravocrata, que jogou a população negra nas periferias, e continuou explorando e invisibilizando estes corpos.



Figura 55 - Hipersexualização da mulher da negra.
Fonte: Instagram(2021)⁶⁹

Obviamente existem resistências que tensionam este cenário, e evidentes conflitos. No entanto, tal construção é retroalimentada cotidianamente pelo nosso modelo de sociedade, que ainda é pautado em ideais eurocêntricos, influenciada pela mídia, pelo capitalismo, complementando com o discurso propagado nas redes sociais que mantém as associações de pessoas negras a estereótipos negativos, que se refletem no mercado de trabalho, políticas públicas, de saúde, distribuição de renda, segurança, e outras esferas da sociedade. A teoria que se desenvolve ao longo da tese e que resulta neste último capítulo é a de que diversos agentes de forma consciente e inconsciente trabalham para manutenção de privilégios de um determinado grupo, alimentando a crença de uma hierarquia racial, e de não

⁶⁹ https://www.instagram.com/p/BwZTIZgHXxm/?utm_source=ig_web_copy_link (Acesso em 14/12/2021)

pertencimento de pessoas negras a diversos segmentos da sociedade. A fala da interlocutora a seguir, aborda a falta de representatividade, e os desafios de ser um corpo fora de lugar (Kilomba, 2019):

“Ser mulher Na universidade é uma tarefa muito grande e difícil porque não só por ser uma mulher, mas ser uma mulher preta eu acho que o racismo tá sempre implantado né gente do poder que a gente tem do lugar que a gente tá acho que perpetua muitas coisas eu acho que na minha por experiência própria a gente vê que não tem muitas referências dentro da sala de aula que a gente consegue contar nos dedos quantas pessoas a gente tem iguais a nós(...)” (Paula, 2022)⁷⁰

A falta de representatividade, para nós é um fator que deixa essa caminhada mais solitária, e nos agarramos as poucas referências que tivemos na vida, no meu caso, tenho certeza que foram os meus professores e professoras negras. Em 2010, prestei concurso para professor efetivo para a área de Arte no IFSUL, campus CAVG sendo aprovada em primeiro lugar, me desligando da carreira no município. Era uma outra fase, de mudanças, uma outra trajetória a ser construída, um novo local para explorar, vivenciar, aprender. Logo em seguida, sendo uma das poucas profissionais negras daquele campus, fui convidada para fazer parte do NEABI daquela instituição, e estar neste lugar foi um dos meus maiores desafios. Mesmo sendo reconhecida como uma representatividade negra, não foi o suficiente para que alguns posicionamentos e rotinas fossem modificados. Nesse sentido, Ribeiro (2019, p.52) fala da necessidade de se romper com a estratégia do “negro único”: ou seja, não basta ter uma pessoa negra para considerar que determinado espaço de poder foi “dedetizado contra o racismo”. Não foi fácil tentar sensibilizar as pessoas e demonstrar a importância de se abordar e valorizar a contribuição de todas as culturas e etnias dentro daquele ambiente. Lamentavelmente, vivemos em uma sociedade em que os estereótipos estão definidos, padronizados na qual nem o povo negro e tampouco os povos indígenas fazem parte de fato deste imaginário. Mesmo assim lutei, me mantive firme para desenvolver um bom trabalho. Muitos colegas demonstravam empatia pela causa, mas não se envolviam nas atividades, enquanto outros mesmo diante de todas as suas demandas, ajudavam como podiam. Foram anos difíceis, com uma enorme sobrecarga de responsabilidades, em casa e no trabalho muita tensão e ansiedade. Uma rotina que envolvia cuidar um filho adolescente, um casamento que se arrastava,

⁷⁰ Interlocutora participante do vídeo etnográfico.

jornada tripla completada com um mestrado em Design fora da cidade, para o qual não consegui licença, ou seja, uma logística que me deixava exausta. bell hooks (1995), ressalta que a socialização sexista inicial que ensina as negras e na verdade a maioria das mulheres, que o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis, tornando difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial, mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade. Diante desse turbilhão de obrigações, surge no campus um curso superior na área de Design, que foi sendo construído em uma das coordenadorias na qual eu trabalhava, mas para a minha surpresa (ou não), mesmo concluindo o mestrado na área, jamais fui convidada a participar de uma reunião ou opinar sobre qualquer aspecto. A dedicação e o empenho empregado nas diversas áreas de minha vida, infelizmente não vinham sendo reconhecidos como eu esperava... Sobre estas aflições Carneiro (2003, p.01), diz:

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: "Exige-se boa aparência". (p. 01- 02)

Começo a perceber com maior evidência os efeitos do racismo estrutural e institucional que começam a surgir: minha participação nas decisões e dinâmicas foram sendo reduzidas, até chegar em uma carga horária que sequer me permitiu progredir na carreira; recebi demandas de outras áreas, tudo que os demais colegas não quisessem fazer. Quando questionei e me neguei a realizar tarefas que não faziam parte das minhas atribuições, pois sabia que havia profissionais destinados àquelas atividades que não queriam trabalhar, fui criticada e ganhei alguns desafetos. Segundo Kilomba (2019, p.77):

O racismo é velado em um nível estrutural pois pessoas *negras* e *People of color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus *sujeitos brancos*, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isso é chamado de *racismo estrutural*.

Como o termo “instituição” implica, o racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc. O racismo institucional opera de tal forma que coloca os *sujeitos brancos* em clara vantagem em relação a outros grupos racializados (p.77)

A situação foi ficando insustentável, meu corpo foi adoecendo, o brilho dos olhos foi apagando... O meu ambiente de trabalho, se transformou em uma prisão de onde sair estava cada vez mais difícil, era doloroso, desesperador. Talvez as pessoas achem que foi algo normal e que qualquer pessoa poderia passar por isso... É provável que sim. E se eu dissesse que este cenário talvez fosse diferente, se eu não fosse uma mulher negra? Quando ocupamos espaços onde não somos esperados, tolerados, ah...as coisas mudam de figura... inevitavelmente, os discursos eram permeados por falas carregadas pela sutileza do racismo cotidiano como: **“Vejam a nossa nova aquisição”** (essa era forma que me apresentavam em uma das coordenadorias), **“tu és muito querida, faz isso por nós.”** **“Quem sabe tu quebras esse galho para nós só por enquanto?”** (Para aceitar demandas que não eram minhas e que ninguém queria resolver) **“Nós queremos muito ajudar, mas...”** **“Compreendemos a situação, mas...”** (quando falava que me sentia desvalorizada e subaproveitada em meu potencial, esse era o retorno) e por fim quando adotei uma postura mais assertiva, quando a situação ficou insustentável e pedi remoção, recebi a seguinte resposta: **“se tu continuar assim, as coisas vão ficar difíceis pra ti, e aí mesmo que tu não troca de campus”** **“vou indeferir todos os teus pedidos”**. E então falei: **“vamos ver quem cansa primeiro, dez pedidos tu vais indeferir, farei vinte, até conseguir”**. Cida Bento (2002) relata em sua pesquisa a sutileza presente em cada situação discriminatória vivida por interlocutores/as negras nas relações de trabalho, como forma de exclusão e manutenção do pacto narcísico da branquitude:

Assim, nos raros casos em que um negro conquistava mobilidade real na empresa, seus colegas brancos se sentiam incomodados e mais intensa e visível se tornava a discriminação. Entrevistadas se referiram ao surgimento de “armadilhas”, ou seja, estratégias montadas com o intuito de induzi-las a erros, de forma a poder exibi-los como confirmação/prova do estereótipo da inferioridade. Em posição de mando ou de autoridade, as trabalhadoras negras afirmaram ser desconsideradas e desprestigiadas por clientes, desrespeitadas por subordinados e usuários; além disso, enfrentavam com frequência uma insistente desconfiança das pessoas que compunham o seu círculo profissional. (p.19)

Foram quatro longos anos, creio que os piores que passei, me culpava e achava que estava sendo ingrata com a vida, visto que tinha o trabalho que muitos almejam, e mesmo assim não estava feliz. Era uma tortura frequentar aquele ambiente, fui me isolando e me afastando das pessoas, me sentia mal, e completamente desamparada. Pedia aos meus Orixás justiça, que me ajudassem a sair daquele lugar, e ao mesmo tempo, pedia misericórdia se estivesse errada. Segundo Kilomba (2019) o racismo cotidiano refere-se:

A todo vocabulário, discurso, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como “*Outra/o*” - a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido- mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Toda a vez que sou colocada como “*outra*” – seja a “*outra*” indesejada, a “*outra*” intrusa, a “*outra*” perigosa, a “*outra*” violenta, a “*outra*” passional, seja a “*outra*” suja, a “*outra*” excitada, a “*outra*” selvagem, a “*outra*” natural, a “*outra*” desejável ou a “*outra*” exótica -, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “*Outra/o*” da branquitude, não o *eu* – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (p.78)

Percebi que por mais que tivesse qualificação e profissionalismo, não era reconhecida no meu ambiente de trabalho como igual, a sensação era de total fracasso. Sobre isso, Carneiro (2011) diz:

Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação.”

Só depois de muito tempo tive consciência da violência simbólica que sofri, do assédio moral e dos episódios de racismo velado. Lembro que uma vez uma colega me mostrou como as mesas de desenho deveriam “ser limpas” depois do uso da sala, pois quando os meus alunos usavam “não sabiam cuidar do ambiente”, então não custava nada pegar um “produtinho” no armário e limpar tudo. Lembro que nesse dia, ao ir embora, não contive o choro. Tentei relatar a situação ao meu superior e ele entendeu que “Eu não estava disposta a colaborar e conservar meu espaço de trabalho” que a colega tinha razão, e eu que não queria ajudar a cuidar do patrimônio da escola. Teve uma reação que foi extremamente dura, inflexível, fiquei em choque. Silenciei.

Neste sentido, bell hooks (1995) afirma que o sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na

consciência cultural coletiva, a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros, ou seja, não há alteridade ou o reconhecimento da humanidade do outro. A situação que relatei, é apenas uma dentro de tantas que o nosso inconsciente vai guardando, em uma gaveta aleatória que um dia se abre e com toda a potência violenta dessas ações despeja tudo, transborda e faz chorar, faz a gente sofrer e se perguntar: por quê?

Desanimei por um longo período, e então em 2012, logo após a minha aprovação na seleção de mestrado, tive a oportunidade de trabalhar como professora do curso de Design de Moda da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), e alguns meses depois fui nomeada coordenadora do curso: um novo desafio, depois de muitas decepções, uma oportunidade de reconhecimento do meu trabalho e uma nova motivação para seguir. A solidão continuava, mas não me abalava com isso, pois graças as ações afirmativas, alguns (poucos é verdade) estudantes negros/as surgiram para fazer parte desse trecho de minha história.

Era impossível não perceber o brilho no olhar, e a cumplicidade de cada um que me via no papel de docente universitária; então entendi que todas as minhas conquistas não eram só minhas, mas um legado que significava muito para todos e todas que tive contato. Sempre fiz questão de dizer de onde vim e como cheguei até ali, vibrava e vibro até hoje por cada vitória de todos/as estudantes que passaram por mim, mas no que tange a população negra em especial, me tocam na alma, pois sofreram a mesma solidão, dificuldades e preconceitos que eu, e persistiram. A ausência, a falta de representatividade do nosso povo, no ambiente escolar e posteriormente, nas instâncias de gestão, no ambiente universitário sempre foi uma inquietação, desde quando era aluna e depois sendo docente, e sobre este aspecto Ribeiro (2019) afirma que:

“Se a população negra é maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio. (p.32)

“e teve professora que me disse diante de todos os meus colegas que era sempre uma afronta para ela, eu na sala de aula; então sempre quando eu ia apresentar o meu trabalho eu também era uma carta marcada né: entrou em cena é dança afro, vai dançar afro, é macumba (...)”

“(...)por diversos momentos pessoas se retiravam quando eu ia me apresentar né... de colegas que se trancavam no banheiro durante todo com toda a minha apresentação, né para não precisar fazer parte daquela... daquele momento e o que mais me surpreendeu é, era ver os professores e compactuando com isso, né porque talvez por uma falta de entendimento de

realmente não saber como lidar com a situação, outros viam o que tava acontecendo né, cruzavam os braços e seguiam como se nada fosse(..)”(Ana, 2022)⁷¹

Vivemos em uma sociedade defende a harmonia racial e que não existe racismo, no entanto se realmente fôssemos um país democrático, onde todas as pessoas desfrutam de todos os direitos com igualdade, então, a academia deveria ser um dos maiores reflexos disso, não precisaríamos inclusive de leis como a 10.639/03 e 11.645/08. No entanto, a realidade nos mostra o contrário, quando precisamos adotar políticas de reparação para que aos poucos tenhamos equilíbrio e igualdade de oportunidade para todos. É necessário refletir sobre a reprodução de modelos específicos que nos dizem todos os dias, principalmente através da mídia, quem deve circular com tranquilidade nestes lugares, quem sempre pertenceu àquele espaço e que, sabemos não corresponde ao perfil da mulher negra ou do homem negro, como afirma a interlocutora a seguir:

(...) é uma caminhada dura é solitária e exige de mim Toda energia e toda a exposição que eu tenho se não fosse pela minha família pelos amigos e parentes que me incentivaram sempre a buscar isso a estar estudando provavelmente eu também já teria ido buscar um trabalho ou fazer uma outra coisa que fosse um tanto quanto mais prática já que esse pensamento intelectual sempre foi reservado para outro tipo de corpo, não esse corpo Preto, esse corpo que está sempre associado ao que é braço, o que é matéria.” (Aline, 2022)⁷²

6.1 “Somos os sonhos mais ousados dos nossos ancestrais”- Proposições...

O título dessa seção, surge dos ecos de uma reflexão durante um diálogo com minha amiga, Deise, onde chegamos a conclusão que era injusto achar que nós, ao longo de nossa existência, fizemos pouco. Realmente, a vida ainda tem nos apresentado alguns desafios, mas ponderamos que certamente, estamos construindo uma história diferente da que nossos ancestrais viveram, e chegamos onde jamais eles sonhariam. Talvez numa reflexão utópica, ainda no cativeiro pensassem que no futuro, voltaríamos a ser reis e rainhas; e creio que estamos em busca disso. A frase

⁷¹ Interlocutora participante do vídeo etnográfico.

⁷² Interlocutora participante do vídeo etnográfico.

em questão, é replicada por várias pensadoras negras, e parafraseada de Harriet Ann Jacobs (1861), é carregada de esperança.

Até aqui, descrevi um cenário complexo e difícil, onde denuncio junto com as minhas interlocutoras, diferentes formas de violência, acordos e mecanismos de exclusão aos quais nós mulheres negras estamos expostas, nossas lutas, dores e enfrentamentos. Não nos calamos, simplesmente pelo direito de existir, e ter oportunidades para viver em paz, com dignidade. O entrelugar, nos coloca em contextos onde não somos esperadas, desafia o que está posto, ele é o reflexo das mudanças que as nossas linhagens vêm fazendo nesse projeto, desde a vinda dos nossos ancestrais. O projeto (Velho, 2003) que queremos é outro, diferente do que é ofertado para a população negra do nosso país: é da coletividade, do respeito, da humanidade que queremos, onde a educação é o caminho para ampliar esse campo de possibilidades para todos e todas.

No ano de 2022, depois do auge da pandemia (COVID-19) e da flexibilização das medidas de isolamento, finalmente consegui fazer o meu campo presencial e encaminhar a escrita, logo após a qualificação. No entanto, percebi que algumas inquietações ainda seguiam rondando: tinha muito material, muita pesquisa, mas ficava angustiada na maneira que poderia materializar tudo isso, de maneira que contemplasse tudo o que precisava dizer? Como conseguir através da escrita, alcançar algo que traduzisse a realidade que estava nas entrelinhas, além do discurso dos meus interlocutores e interlocutoras virtuais? E principalmente, algo que provocasse um debate sobre essa temática, e servisse como elemento pedagógico para nortear discussões futuras? Nesse momento de indecisão, que coincidia com o início de um ano letivo na universidade, decidi me matricular na disciplina de Antropologia e Imagem, mesmo já tendo créditos suficientes para concluir o doutorado. E reunindo os dados coletados a partir da pesquisa, desenvolvi um vídeo etnográfico de doze minutos intitulado: "Airi: Do tumbeiro a academia"⁷³. O nome "Airi" em lorubá quer dizer invisível, e a escolha do título relaciona-se com as tensões desencadeadas pela nossa circulação e permanência enquanto mulheres negras, ignoradas, silenciadas e invisibilizadas em cenários diversos: social, econômico, profissional e intelectual. Produzindo esse material, tive contato com algumas mulheres negras, que possuíam ou possuíram alguma ligação com o cenário

⁷⁰ Disponível em: <https://youtu.be/dzOu-SFqhdY>

acadêmico, suas dores e lutas, e que se propuseram a compartilhar suas histórias. O documentário busca problematizar essa "Presença Invisibilizada" de mulheres negras nas universidades e institutos federais, como reflexo de uma construção social oriunda do pós-abolição em nossa sociedade. Retrata ainda a luta por reconhecimento, igualdade e respeito em espaços embranquecidos. Como somos vistas? Representadas? E como vêm sendo esta luta? O material foi elaborado como um subsídio para intervenções pedagógicas e formações continuadas, destinado a acadêmicos/as, docentes formados/as e em formação, estudantes e público em geral. Todas e todos que se interessem pelas questões relacionadas à temática étnico-racial. A realidade abordada trata do cenário de Pelotas e região, mas entende-se que essa problemática atinge todo o país, devido a todo o histórico relacionado a escravização, e um pós-abolição sem um projeto de inclusão da população negra, que impacta em suas vidas e desenvolvimento até a atualidade.

Fica evidente nesse material, a necessidade de se fazer a reflexão sobre a hostilidade e insalubridade do ambiente acadêmico, para nós mulheres negras, e como somos desvalorizadas, silenciadas e subestimadas. A dor aparece em cada relato, mas também na poesia, na voz, nas imagens, na insegurança de quem reviveu todas as suas amarguras para colaborar com esse trabalho, como a interlocutora a seguir:

"Eu lembro que quando eu entrei na universidade de dança eu me deparei com muitas pessoas que não eram semelhantes a mim e nem tampouco estavam disponíveis para mim;"

"(...) e eu acho que a gente incomoda muito né na universidade a gente incomoda as pessoas porque para eles, para as pessoas que estão lá que estão acostumadas com um outro um outro público né, ter um corpo negro ali naquele lugar...se torna parece que uma competição diária, mas quando eu cheguei eu vi algumas outras pessoas negras ali, eu disse não... acho que talvez aqui vai ser mais confortável para mim, e nunca foi né."(Ana, 2022)⁷⁴

O racismo, nos deixa tão sensibilizadas, tão fragilizadas, que chegamos a duvidar dessas violências, que estamos sendo suscetíveis demais e por vezes, até nos sentimos incapazes de sermos dignas de frequentar esse espaço. É um preço alto, que nem todas estão dispostas a pagar, é sofrido, mas ao mesmo tempo, vencer esses processos nos prova, e para tantos outros, que é possível. Aline, outra interlocutora, fala da percepção desses desafios:

⁷⁴ Interlocutora participante do vídeo etnográfico.

“Entrei na universidade já consciente da minha luta e da minha experiência quanto mulher negra e isso foi o que me deu força para permanecer até hoje mas durante a minha trajetória eu tive que dar adeus a muitos colegas meus porque eles não conseguiam se sentir confortáveis nesse espaço e para mim é muito duro perceber que enquanto eu levanto e defendo o discurso de que a gente precisa ocupar a universidade, a realidade é que ela ainda não consegue nos inserir de fato e é por isso que tantas pessoas desistem tantas pessoas trancam o curso e vão trabalhar e vão buscar outra forma né de se manter nessa sociedade(...)”(Aline, 2022)⁷⁵

Durante a escrita desse texto, o material audiovisual que produzi foi selecionado durante a minha escrita para dois eventos⁷⁶, um nacional e outro internacional, e exibido durante a Semana da Consciência Negra da cidade de Pelotas-RS, realizada na biblioteca pública pelotense. A constatação de que tudo isso, não faz parte apenas da minha percepção do mundo e das minhas subjetividades, me acalenta o coração e me une a essas mulheres incríveis que colaboraram comigo, na construção dessa etnografia coletiva.

Na fala dessa interlocutora, a angústia de não ser aceita, da negação de seu corpo pelo coletivo:

“então eu lembro de uma de uma ocasião assim que eu falei com o professor né que eu não queria mais ser vista como a “menina do afro”, que eu queria continuar fazendo a minha dança, a minha arte, mas eu queria tirar o afro do meu corpo naquele momento para ser vista como um aluno como qualquer outro, que eu já não seria simplesmente por ser um corpo negro né dentro de uma academia, mas que eu queria me parecer mais como os outros corpos mesmo que aquilo não fosse eu gostava (...)” (Ana, 2022)

⁷⁵ Interlocutora participante do vídeo etnográfico.

⁷⁶ <https://labomevisualidades.wixsite.com/xivisualidades> e <https://asaee-antropologia.org/wp-content/uploads/2023/06/PROGRAMA-MUESTRA-AUDIOVISUAL-1.pdf>



Penso que depois de traçar essa linha nem sempre contínua, da qual minha vida faz parte, atravessada por todos e todas esses interlocutores e interlocutoras, era o momento certo para produzir e apresentar esse trabalho, expor nossas almas e entranhas machucadas pelo racismo. Ao trazer o desconforto da realidade estampada em cada situação, em cada relato até aqui, provocando reflexões, explorando a potência de cada fala, chamo cada um e cada uma a assumir a sua parcela de responsabilidade, sobre a problemática racial, que relutamos tanto em abordar.

Utilizei grande parte do material que fui produzindo em vários momentos, ao longo dessa escrita, mas uma das últimas experiências em particular, fez todo o sentido e me soou como o fechamento de um ciclo.

Depois de quase quatro anos, retorno ao IFSUL, em 2023, para fazer uma abordagem sobre a temática racial, em uma turma do ensino médio, coincidentemente, a mesma tive contato em 2019 na qual uma das minhas interlocutoras mais importantes, que contribuiu com o início dessa pesquisa, fazia parte.

A proposta, tinha para além de tratar temáticas do campo do design ressaltar o compromisso de que aqueles jovens, quase formados deveriam ter na luta antirracista, na carreira e na vida. Falei da minha autoetnografia, trajetória acadêmica, como egressa da instituição e do meu trabalho no doutorado, ficando responsável, como uma "mentora", prestando consultoria para que desenvolvessem um projeto de design

de um produto e/ou serviço onde a abordagem tivesse caráter antirracista. Fizemos dois encontros, nos dias 29/03/2023 e 05/04/2023 onde debatemos a temática, sugeri material e tirei algumas dúvidas, falei da legislação e de situações cotidianas de racismo estrutural, recreativo e institucional. Observando esse grupo, composto por 25 estudantes entre 17 e 20 anos, sendo apenas um negro, e dois pardos (embora tenha tido a impressão que um deles se compreende como pessoa branca), percebi que minha interlocutora, não acompanhava mais a turma, havia desistido logo após o desfecho do episódio de racismo que sofreu.

Mas por que voltar agora, era tão importante para mim? Nesse retorno, no primeiro encontro, quando olhei para o menino negro, depois de apresentar o tema, ele, que permanecia de cabeça baixa, levantou os olhos disse, quase em um sussurro para mim: **“que assunto difícil professora...”** e respondi: **“Sim, mas nós podemos falar disso, com propriedade né?”**. Ele respondeu: **“Verdade”**, e suspirou. Esse curto diálogo, surpreendentemente, lhe trouxe o acolhimento necessário para que até a sua linguagem corporal mudasse: ajeitou as costas, ergueu a cabeça e os olhos brilharam. O brilho nos olhos de alguém que, finalmente, se sentiu representado, pois alguém que entendia a sua dor, alguém igual, estava ali.



Figura 56 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 57 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista. Fonte: Acervo da autora.



Figura 58 - Trabalho desenvolvido com os alunos do IFSul- Criação de cartaz proposta antirracista. Fonte: Acervo da Autora.

Esse caso que presenciei com a turma em questão, foi um dos meus gatilhos mais fortes, talvez, por me identificar com a interlocutora (Peirano, 1995), pela vontade de fazer mudanças através da educação no meu espaço de trabalho, ou simplesmente pelo senso de justiça. Eu precisava ver se essa semente plantada lá em 2019, tinha germinado, se consegui sinalizar que para nós negros e negras, havia outras possibilidades e que a instituição precisava que esse projeto coletivo (Velho, 2003) contemplasse também esse grupo de pessoas. A própria preocupação da inserção da temática racial nessa disciplina, dialoga com os movimentos que foram feitos nestes

últimos anos: as palestras, oficinas e debates que fizemos na instituição, a implementação da política de cotas e as bancas de heteroidentificação, que conseguimos formalizar em 2019. Durante a apresentação, meus olhos se cruzaram várias vezes com os da menina branca autora do delito, mas não sei explicar se vi mudanças ali...talvez medo, constrangimento... aquele constrangimento de quem foi pego. Ela seguiu, e em breve estará comemorando a sua formatura, e minha interlocutora, sucumbiu, foi embora. Sobre os/as colegas que ficaram, ainda paira essa névoa de tensão, a lembrança de um momento do qual, muitos ainda se envergonham. Como sou uma pessoa otimista, tenho esperança de que irão melhorar, afinal a nossa luta trata disso, de transformação, de assumir os danos do racismo, reconhecer sua existência e se mobilizar para mudar, por um mundo melhor, mais respeito, humanidade, por si e pelo outro.

E assim seguimos, trabalhando todos os dias para a desconstrução desse e tantos cenários racializados, tendo plena consciência de alguns movimentos não são fáceis. A pergunta de pesquisa, trata de como construir uma intelectualidade negra, no modelo de sociedade que temos, e principalmente em uma cidade como Pelotas. Sabemos que a mudança desse status de presença invisibilizada e a busca pela nossa visibilidade, passa pela educação, pelas referências que temos, e que são propagadas por diferentes meios. Ao longo dessa trajetória, era o que eu pensava: como contribuir? Quais mecanismos, estratégias, formações? Modificar a dinâmica da minha própria sala de aula, a minha prática docente, é o suficiente?

E então, decidi aceitar um desafio: retornar ao trabalho um pouco antes da defesa da tese, e fazer parte da equipe do Departamento de Ações Inclusivas do IFSUL (DEPEI), e ir trabalhar na Reitoria.

Entendi que a contribuição que poderia fazer a partir desses quatro anos de pesquisa, (e uma vida), era me tornar visível, e que esse trabalho seria mais efetivo, se me propusesse a deixar em segundo plano a sala de aula, e ocupar mais esse entrelugar, tornando o meu projeto individual, coletivo. Deste modo, minha primeira missão era elaborar um curso com a temática da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), para atender primeiramente, os servidores e servidoras dos quatorze campus do IFSUL.

Concordei, mas argumentei que assumiria essa tarefa, se essa capacitação fosse um item ofertado para todos os servidores, ingressantes ou não, de diferentes

instâncias, integrando fazer um “Pacote de ações”, para a prevenção de assédios e violências na instituição. Rodrigues (2022, p.145) aponta que:

Pois, não é mais aceitável que em pleno século XXI, com todas as formas de pesquisa e acesso à informação, profissionais da educação ainda aleguem desconhecimento ou falta de fontes para trabalhar as questões da negritude em sala de aula. (p.145)

Nesse sentido, trazendo a máxima de que a educação transforma e liberta, e que enquanto instituição de educação, devemos ter o compromisso de começar por nós, e organizar a nossa própria casa. Cabe a necessidade de repensar esse IFSUL, de maneira que esteja em consonância com o contexto no qual está inserido, pois segundo Velho (2003):

Os projetos, assim como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização a fragmentação da sociedade moderna introduzem, novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos, (p.48).

Conforme o descrito no projeto do curso EREER, o objetivo geral é capacitar os servidores e servidoras (Docentes e Técnicos/as Administrativos/as) do IFSUL, e a formação visa preencher lacunas referentes ao conhecimento sobre a temática étnico-racial, no sentido de rever as estruturas curriculares (formação docente, material didático, organização didática), além de promover espaços para reflexão e discussão. Nesse sentido, destaca a importância do reconhecimento das contribuições da população negra e indígena para a sociedade brasileira, na cultura e diversas áreas do conhecimento.

Alerta para a urgência de reflexão sobre os impactos negativos do racismo e suas diversas manifestações, e a necessidade de se pensar as práticas pedagógicas, dentro de uma perspectiva antirracista.

Quanto aos objetivos específicos:

- **Promover a análise histórica das contribuições da cultura Negra na construção da sociedade brasileira, fazendo uma análise crítica dos reflexos da escravização e pós abolição no contexto atual;**

- **Qualificar as práticas de todos os servidores e servidoras do IFSUL, promovendo o letramento racial crítico, dialogando conjuntamente sobre instrumentos e estratégias para a promoção de uma educação antirracista.**
- **Assegurar intercâmbio entre os Câmpus do IFSUL, outros IFes, Grupos e Núcleos da cidade de Pelotas-RS e de outras localidades;**
- **Viabilizar futuramente encontros, seminários, palestras, oficinas, cursos, viagens, dentre outras possíveis práticas pedagógicas;**
- **Oportunizar que os estudantes se sintam contemplados em sua história e cultura em um ambiente formal de educação.**

O início do curso está previsto para primeiro semestre de 2024, e as disciplinas ofertadas, tratam de diversas nuances do racismo em diferentes contextos. Para ministrá-las, a prioridade foi dada para pesquisadores e pesquisadoras negros/as preferencialmente, da rede IF (Docentes e Técnicos/as administrativos/as), e de instituições parceiras. Esse movimento tem por objetivo de dar visibilidade as pesquisas desenvolvidas por esses/as intelectuais negros/as e a troca de experiências entre os campus e instituições.

Aborda também, com relação a EREER, as suas possibilidades de aplicação em todas as áreas do conhecimento, atendendo o cumprimento da legislação, vigente, instrumentalizando os/as docentes e a comunidade acadêmica, no sentido de uma convivência onde todos e todas sintam-se representados/as e acolhidos/as.

A intenção é que nesta primeira oferta, em 2024, o curso seja realizado na modalidade à distância, desenvolvido pela Plataforma MUNDI⁷⁷, em formato

⁷⁷ Mundi é uma plataforma de cursos online do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL) para cursos em formato MOOC. Disponível em: <https://mundi.ifsul.edu.br/portal/sobre.php> (acesso julho 2023). É uma iniciativa da Reitoria do IFSUL, desenvolvida pela Coordenadoria de Produção de Tecnologias Educacionais (CPTE) e pelo Departamento de Educação a Distância e Novas Tecnologias (DETE) do IFSUL, visando levar o conhecimento à toda comunidade, acadêmica e externa, de forma totalmente gratuita, com cursos 100% online, permitindo a flexibilidade para estudar onde e quando quiser. Os cursos disponibilizados na Mundi são de autoria de servidores de diversas áreas do IFSUL, Instituição reconhecida por diversos indicadores pela qualidade de ensino técnico e superior oferecido na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

MOOC⁷⁸, encerrando com a realização de um Seminário presencial ou presencialidade mediada pela tecnologia (WEB) sobre o tema: “Qual é o meu papel na luta antirracista”, com uma carga horária de 10h/aula, totalizando 190h/aula de Curso.

A estrutura curricular, conta com 12 (doze) disciplinas teóricas e um Seminário presencial. Cada disciplina é disponibilizada quinzenalmente, e contém uma proposta de trabalho com questionamentos sobre o tema estudado e/ou estudos de caso. A composição das disciplinas ocorrerá da seguinte forma: serão disponibilizadas, videoaulas de 30 a 45 minutos para cada temática (divididas em 2 ou 3 vídeos), e sua respectiva atividade de avaliação. Será disponibilizado também, material complementar referente a cada tema (textos, músicas, vídeos complementares), totalizando 15h/aula. Compreendendo a importância da temática, e da necessidade de que o conhecimento seja acessível para a toda a população, posteriormente, o curso será oferecido de forma totalmente remota, de forma gratuita, sendo disponibilizado para a sociedade civil.

A seguir temos o quadro de disciplinas a serem ofertadas e sua respectiva carga horária:

Disciplinas	CH
• Introdução à ERE- Apresentação do curso e da temática	10h/aula
• A construção do racismo no Brasil: racismo científico e mito da democracia racial	15h/aula
• Povos originários: gênese, genocídio e resistência	15h/aula
• Genocídio da população negra: uma construção social	15h/aula
• Racismo e branquitude	15h/aula
• Racismo e suas sutilezas: Racismo Institucional e o mercado de trabalho	15h/aula
• Racismo recreativo na cultura brasileira: liberdade de expressão versus injúria racial	15h/aula
• Racismo religioso: diversidade religiosa afro-brasileira e indígena	15h/aula

⁷⁸ MOOC é a sigla para Massive Open Online Courses, que em português significa "cursos online abertos e massivos". Como o termo indica, esses cursos são disponibilizados na web para um grande número de pessoas e, por isso, são considerados massivos. Disponível: <https://mundi.IFSUL.edu.br/portal/sobre.php> (acesso julho 2023).

• A mulheres negras no contexto acadêmico	15h/aula
• 10. Interseccionalidade, marcadores sociais e ensino	15h/aula
• 11. Ações afirmativas: política de cotas, autodeclaração e heteroidentificação	15h/aula
• 12. Construindo uma educação antirracista- relatos de experiências	15h/aula
Fórum: Qual é meu papel na luta antirracista?(Troca de experiências)	15h/aula
	190h

A partir da compreensão de que posicionar-se na luta antirracista é um compromisso que todas as pessoas (negros/as e não negros/as) devem assumir, para que se tenha uma sociedade mais justa e plural de forma efetiva, seguem sugestões de como podem ser esta contribuição:

- Estimular a criação de política de ação afirmativa na empresa onde trabalha, problematizando a ausência de pessoas negras;
- Que profissionais da gestão educacional pública e privada visem e se movimentem no sentido de promover formação para professores e técnicos administrativos, de forma obrigatória, onde sejam disponibilizados cursos de letramento racial;
- Buscar e divulgar agências de fomento que ofereçam bolsas de trabalho para estudantes das universidades e Institutos Federais;
- Direcionar cargos de gestão em suas empresas para pessoas negras qualificadas para tal fim;
- Que as empresas divulguem seus produtos ou serviços com a presença de pessoas negras, como consumidores/as e usuários/as em potencial;
- Promover o diálogo com os familiares, especialmente, pais e filhos sobre racismo e os danos produzidos pelos mesmos na sociedade;
- Explorar e sugerir temas de pesquisa que envolvam a temática racial, como por exemplo: como se efetiva política de permanência nos Institutos Federais e Universidades públicas.

Apontando essas iniciativas e outras possibilidades que potencialmente possam surgir, podemos perceber que apesar dos diversos mecanismos de exclusão da população negra, existem outros caminhos possíveis para que se façam novos movimentos, no sentido de desconstruir essa sociedade racializada que temos, e recusar esse projeto que vem sendo ofertado para nós há 135 anos, e criar um novo, construindo outras subjetividades.

É necessário olhar para o passado e decidir que vamos buscar outras maneiras de honrar os nossos ancestrais, e que vamos resgatar o brilho e a realeza que nos foi retirado. Passei por esse processo, assim como algumas pessoas da minha família, que só conseguiram romper esse ciclo tardiamente. Por mais que seja complicado e sofrido, é importante compreender que um “projeto coletivo” segundo Velho (2003, p.41), não é vivido homogeneamente, pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de status, trajetórias e no caso de uma família, de gênero e geração. O que precisamos, é de mais exemplos de quem rompeu o ciclo e que deu certo, e não de que seguir em frente é difícil, afinal, disso já sabemos.

O que precisamos na verdade , que a partir da educação, e seus movimentos proporcionem, instiguem, provoquem a nossa metamorfose (Velho, p. 29)⁷⁹, não no sentido do apagamento e do silenciamento, para que haja a nossa aceitação, o nosso pertencimento nessa sociedade, mas sim, que possamos também fazer parte desse campo de possibilidades, que se apresenta restrito, pelos motivos já expostos até aqui, para que assim, mais à frente, as nossas escritas, memórias e relatos se modifiquem e passem do campo da denúncia, para o campo da vitória, do crescimento e da ascensão.

⁷⁹ Sem dúvida, a noção de metamorfose deve ser usada com o devido cuidado, pois os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsito entre domínios e experiências mais diferenciadas, mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos.

Considerações Finais

Começo com uma frase que marcou profundamente: “Não estou aqui porque é fácil, estou aqui porque eu gosto...porque é preciso”. Lembrando das minhas interlocutoras e dos desafios que tanto compreendo e já tive que enfrentar (e sigo tentando...). Estar na universidade, e se manter nela, vai além do êxito em um processo seletivo, da política de cotas, frequentar as aulas e sim um somatório de fatores externos e internos que permeiam essa experiência. Afinal como ter concentração diante de diversos problemas que envolvem a nossa sobrevivência com dignidade e dos nossos? Como pensar e elaborar uma reflexão, construir uma teoria, quando não sabemos se no dia seguinte a energia elétrica será cortada, ou se o que temos na geladeira é o suficiente para preparar a próxima refeição? Se ainda teremos um teto, quando o aluguel vencido tira o sono, fundamental para restaurar o nosso corpo cansado e a nossa mente, onde tudo isso reverbera?

Na sala de aula, a presença deslocada e evidenciada pelo estranhamento do nosso corpo, nossa estética e o olhar perdido no mar de tantas preocupações e que tenta focar no texto rebuscado e cheio de referências que não fazem sentido, que está há milênios de distância da realidade vivida? Muitos dirão que é vitimismo, que somos fortes, guerreiras, que devemos honrar quem sofreu por nós, porém definitivamente, não é isso. É uma luta interna para se manter firme, forte, positiva; separar a dor da mente, da dor do corpo cansado e vencer a enxaqueca, a dor na cervical, o enjoo, o choro fácil o excesso/falta de apetite. Não somos uma coisa só, somos um bloco compacto de afetos, percepções e sensações que tenta entrar em um espaço cada vez mais apertado; algumas de nós sucumbem...desistem e se enganam tentando crer, no que sempre nos foi dito: aqui não é o seu lugar.

Mas é sim.

Mesmo que nos custe a saúde, a vida, noites de sono, relacionamentos, é sim.

Temos que permanecer, e vamos permanecer porque é preciso, não porque é fácil e porque temos força e capacidade. Principalmente porque essa intelectualidade negra, que tanto é negada, silenciada, essa presença que é invisibilizada, esse entrelugar é nosso. E esse entrelugar, que é provisório, é só um movimento político e ancestral até o equilíbrio ocorrer, e é nessa ideia (utópica talvez), que estamos investindo. Estudando, lendo, escrevendo, denunciando, sangrando e sofrendo...nos apoiando, nos escutando, e principalmente acreditando.

Foi doloroso escrever, foram vários momentos de silêncio, de choro, de bloqueio, mas nesse processo entendi a escrita como cura. Não apenas a minha, mas também em certa medida a possibilidade de quem escreveu comigo, encarar suas dores. Para mim, pensar que a partir disso posso ajudar alguém, me alivia mesmo precisando abrir as entranhas e expor-me para me permitir ocupar um lugar de fragilidade em alguns momentos. Nossa saudosa bell hooks (2010) 82 já afirmava que a escravização e o cativo nos ensinaram, que uma das estratégias de sobrevivência era ocultar sentimentos, ser resiliente e obviamente pagamos um preço alto por isso até hoje. Minhas interlocutoras me ajudaram a perceber que não estava sozinha, cada uma de maneira muito particular, foi fundamental para cada momento dessa pesquisa, e sou imensamente grata por isso.

Ao longo desse período de escrita, vi e vivi vários momentos significativos, me conectei com pessoas e situações que jamais imaginaria, venci alguns desafios e nunca estive tão forte e ligada a minha espiritualidade, minha fé me provou, aliás Exu me provou que atravessaremos o oceano novamente, falando da importância da nossa luta e do nosso povo; que vamos celebrar a vida e o amor dos nossos ancestrais nas charqueadas e que nunca podemos nos desconectar da nossa essência. Que temos o direito de prosperar e ocupar qualquer espaço, que temos que estar sempre prontos para uma boa batalha. Com essa pesquisa, o desenho retornou a minha vida, e através dele e de minha escrita cheguei onde sequer um dia pensaria.

Bueno (2020, p.45) afirma que os processos de inferiorização aos quais as mulheres negras são submetidas estão conectados com as estratégias manipuladas pelas elites dominantes para manter essas mulheres excluídas do mercado de trabalho, da educação formal e do exercício da cidadania e nesse sentido, o texto traz a construção acerca de um pensamento que ao longo do curso foi se amadurecendo. A partir do contato com as disciplinas, o referencial teórico, a pesquisa de campo e o cenário da pandemia, avalia-se um contexto maior que alimenta os mecanismos de construção deste apagamento sistemático de pessoas negras. Não é só sobre currículo, mas sobre todo um projeto que precisa ser modificado, um projeto de vida que será alimentado a partir da educação, e todos que se envolvem com ela. Ao construir essa tese, busco nas minhas memórias, interlocutores e materialidade, um fio condutor, com o objetivo de traçar uma linha que vai do cotidiano das relações interpessoais e mídia, até o contexto acadêmico, confirmando através da pesquisa, que não é mais possível negar na sociedade, posturas e ações que ainda perpetuam

o racismo e a desigualdade numa sociedade que ainda se justifica com a bandeira do mito da democracia racial. Por outro lado, mostra para além de uma denúncia escancarada, provada e teorizada, que as possibilidades de mudança, existem. Hoje histórias de luta e resistência sem romantizar o sofrimento, para amanhã, demonstrar que esse combate é justo, é válido, potente e que, em algum momento teremos que parar, mas só vamos conseguir juntos e juntas.

A intenção aqui, através desse texto, é mostrar que os objetivos citados traçam uma linha embasada em fatos, relatos e aporte teórico que nos levam a compreensão de que o racismo é uma realidade inegável, porém, precisamos enfrenta-lo, e principalmente assumir a nossa responsabilidade enquanto pessoas que vivem em uma sociedade organizada por uma hierarquia racial, onde a violência contra a população negra é naturalizada. Reconhecer que as mulheres negras, em qualquer contexto, mas principalmente no acadêmico revivem e passam por opressões que refletem um imaginário do cotidiano, que as objetifica e desumaniza, que não as veem como potência intelectual. Que não podemos mais ignorar as ausências, e sim problematizar, questionar, principalmente no que diz respeito aos espaços de poder e relevância. São movimentos importantes, mas necessários pois estaremos assumindo e reconhecendo qual é o lugar que nossa sociedade coloca, naturaliza e associa a população negra, e sabemos bem, que essa construção está ligada a manutenção de um ideal hegemônico de privilégios da branquitude. E por fim, aponto a importância das mudanças nesse cenário através da educação no seu sentido mais amplo, dentro e fora da escola, da representatividade em todas as instâncias, de romper com que está posto para a negritude, das diferentes histórias e narrativas serem consideradas nessa busca por uma sociedade justa, plural e que realmente seja o reflexo real do nosso país, onde todas as pessoas são respeitadas e acolhidas em toda a sua beleza, humanidade e potencial cultural.

E, diante de tudo que já foi exposto até aqui, neste momento, já me dirigindo para o final dessa escrita (por hora), pergunto para todos e todas, negros/as e não negros/as: Como está sendo a sua contribuição para a luta antirracista?

Referências

"**meme**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/meme> [consultado em 04-02-2020].

AIRI : do tumbeiro a academia(vídeo etnográfico). Disponível em: <<https://youtu.be/dzOu-SFqhdY> > (Acesso janeiro de 2023)

ALFONSO, Louise; PEREIRA, Francisco Neto; RIETH, Flávia. **Pelotas-RS pelas suas margens: a patrimonialização como expressão das múltiplas formas de habitar a cidade**. In: Barbarói, Santa Cruz do Sul, Edição Especial n.54, p., jul./dez. 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luís de. **Racismo Estrutural**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. 264p.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Marc Augé tradução de Maria Lúcia Pereira - Campinas , SP: Papirus: 1994. (Coleção Travessia do Século)

BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público** / Maria Aparecida Silva Bento. – São Paulo: s.n., 2002. – 169p. Tese (doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins**/Winnie Bueno. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

BULFINCH , Thomas. **O mito de Narciso**. In: O livro de ouro da mitologia - histórias de deuses e heróis. Editora Agir, Rio de Janeiro, 2014.

CARDOSO, Lourenço. **A Branquitude Acrítica Revisitada e as Críticas**. In: Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil/Tânia Mara Pedroso Müller, Lourenço Cardoso. -1ºed- Curitiba, Apris, 2017.335p.

CARDOSO, Lourenço. **Branco Objeto: O movimento negro situando a branquitude** - R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011 . Disponível em:< <file:///C:/Users/win10/Downloads/18706-Texto%20do%20artigo-77898-1-10-20110711.pdf> >acesso 29 de julho 2021.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115710>>. Acesso em 28/07/2021.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA

Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. --São Paulo: Pólen livros, 2019. 296p.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003 . Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420030003000008&lng=en&nrm=iso>.

DAVIS, Viola. **Em busca de mim**. Brasil, Best Seller, 2022.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. <https://dicionario.priberam.org/meme> [consultado em 13-09-2021].

ELLIS, C., Adams, TE, & Bochner, AP (2015). **Autoetnografia: uma visão geral**. Astrolábio , (14), 249–273. <https://doi.org/10.55441/1668.7515.n14.11626>

Entrevista no programa Pretitudes: O que é pacto narcísico da branquitude? Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9081632/>> exibição em 07/12/2020. (Acesso em 29/07/2021)

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

FERRAZ, Claudia Ferreira. **A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line**. In: Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019

GIORDANO Gonçalves Brito, R., & Wilson Rodrigues de Melo, J. (2021). **R@cismo.com: discurso do ódio nas redes sociais**. *Revista Esmat*, 12(20), 50-63. <https://doi.org/10.34060/reesmat.v12i20.382>

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: Ressignificando e politizando a raça. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GONZALEZ, Lélia- **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro Latino Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Org. Flávia Rios, Márcia Lima. -1ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. **El concepto de «racismo» en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser?** Tabula Rasa, núm. 16, enero-junio, 2012, pp. 79-102

HALL, Stuart. **Identidad cultural y diáspora/ El espectáculo del “Otro”**. In: **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Popayán; Lima;

Bogotá; Quito: Enviñon editores; Instituto de Estudios Peruanos; Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. -4ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019. <https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> (acesso 25/11/2021)

hooks, bell. Vivendo de amor. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> (acesso Março, 2023).

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012;

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014. 200p

JOSSO, Marie-Christine. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. O método (auto)biográfico e a formação. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KILOMBA, Grada. - **Memórias da Plantação-Episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. - 1. ed.-Rio de Janeiro Cobogó, 2019.248p.:

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social** | Bruno Latour.· Salvador: Ed ufba, 2012; Bauru. São Paulo: Edusc. 2012. 400 p.

Lei 14.532/2023, DE 11 de JANEIRO DE 2023. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm> (Acesso maio de 2023).

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>(Acesso maio de 2023)

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alter%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. >> (Acesso Maio de 2023)

LEMOS, Rosemar Gomes. **Ubuntu: As transformações através das ações afirmativas** - Pelotas, Ed. da UFPel, 2019.148 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana**. In: RBCS Vol. 17 nº 49 junho/2002. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>

MAGNI, Cláudia Turra; HERZOG, Vivian; BENEMANN, Nicole Weber; BARRETO, Eric; RODRIGUES, Guilherme. **DESENHAR PARA QUÊ? Experimentações antropológicas em pesquisa e ensino**. In: *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 6, p. 136- 165, jan. / jun. 2018.

MORAES, Sumaya Mattar. **Memória e Reflexão: A Biografia como Metodologia de Investigação e Instrumento de (Auto) Formação de Professores de Arte**.

Disponível em:

<http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf> acesso em setembro de 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.232p(Feminismos Plurais/Coordenação Djamila Ribeiro).

MUNANGA, K. **Negritude - Usos e sentidos**. 1a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 93p.

MUNANGA, k. **Por que ensinar a história da África e do negro no brasil de hoje?** *Revista do instituto de estudos brasileiros*, v. 1, p. 15-239, 2016.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004. v. 1. 254p.

MUNANGA, Kabengele. **Nosso racismo é um crime perfeito – Entrevista**. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/> . Acesso em: julho de 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. (1914-2011). **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ªed. – São Paulo: Perspectivas 2016.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Série Antropologia. Brasília, 1992: http://naui.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. **Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual**. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 21, jan./jun. 2020, p. 196-212.

RAMOS, Shana Monte Pereira. **Estrutura Urbana Histórica: A importância dos primeiros caminhos e sua permanência na estrutura urbana de Pelotas, RS**. Dissertação de Mestrado, PPGeo FURG, 2013. Orientadora: Iray Carone

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.112 p. (Feminismos Plurais/Coordenação Djamila Ribeiro).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª edição- São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1a edição- São Paulo: Companhia das letras, 2018.

RODRIGUES, Elida Regina Nobre. **Professoras Negras e suas autorias: Um estudo sobre a produção acadêmica de doutoras negras atuantes em universidades públicas do sul do Rio Grande do Sul/** Elida Regina Nobre Rodrigues.-2022. 170p. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS. Orientadora: Prof.^a Dra. Edla Eggert.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana /** Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2012. 160 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

SEGATA, Jean. **A Pandemia e o Digital**. In: Revista Todavia, Porto Alegre, v. 7, n.I, ed. 8, p. 7-15, dez/2020

SILVA, Gleicy Mailly da. **Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras**. In: Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 173-201, maio/ago. 2019.

SILVA, J. da; EUCLIDES, M. S. **Autoetnografia feminista negra dialogada: referência de epistemologias possíveis**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 175–186, 2023. DOI: 10.5433/1679-0383.2022v43n2p175. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/48160>. Acesso em: 28 out. 2023.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. P. 36-46

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

<https://mundi.ifsul.edu.br/portal/sobre.php> (acesso julho 2023).

<https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/> (acesso em 13/10/2021).

<https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/> (acesso em 13/10/2021)

<https://canaltech.com.br/empresa/facebook/> (acesso em 13/09/2021)

<https://amplificadigital.com.br/blog/qual-o-perfil-dos-usuarios-em-cada-rede-social-no-brasil/>> (acesso em 13/09/2021)

<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/11/24/policia-abre-inquerito-para-apurar-foto-de-menina-negra-encoberta-em-propaganda-de-escola.ghtml> (acesso 13/10/2021)

<https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/>> (acesso em 13/09/2021)

<https://www.brasil247.com/midia/apos-ser-cancelada-e-acusada-de-racismo-bombril-retira-krespinha-do-mercado> (acesso em 26/10/2020)

http://esmat.tjto.jus.br/publicacoes/index.php/revista_esmat/article/view/382 (acesso 01/12/2021)

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/estudante-gravida-vitima-de-enxurrada-de-ofensas-racistas-em-grupo-de-universitarios-17824462.html> (Acesso em 26/10/2021)

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/estudante-gravida-vitima-de-enxurrada-de-ofensas-racistas-em-grupo-de-universitarios-17824462.html>

https://www.instagram.com/p/CRTzS-5pNwg/?utm_source=ig_web_copy_link (acesso em 14/10/2021)

<https://fpabramo.org.br/2010/09/08/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito-entrevista-com-kabengele-munanga/> acesso: em 22/07/2021.

<https://www.jb.com.br/pais/2020/11/1026637-homem-negro-morre-apos-ser-espancado-por-segurancas-do-carrefour-em-porto-alegre.html> (acesso dezembro 2021)

https://www.instagram.com/p/CSYJKyurpbq/?utm_source=ig_web_copy_link (acesso 14/12/2021)

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36488&Itemid=432 (acesso em 14/09/2021).

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf (acesso 14/09/2021).

<https://ponte.org/carrefour-extra-koch-e-ricoy-3-homens-negros-mortos-e-2-torturados-desde-2019/> (acesso em 14/09/2021).

<https://ponte.org/carrefour-extra-koch-e-ricoy-3-homens-negros-mortos-e-2-torturados-desde-2019/> (acesso em 14/09/2021)

<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/em-vespera-do-dia-da-consciencia-negra-homem-negro-e-assassinado-em-porto-alegre-rS1> (acesso em 14/09/2021)

<https://br.pinterest.com/pin/813673857651803408/> (acesso 16/09/2021)

https://www.instagram.com/uber_br/

<https://br.pinterest.com/pin/217369119500537482/> (Acesso, 2021)

https://pt.memedroid.com/memes/detail/1889523?refGallery=userUploads&page=1&username=Ender_Guy&goComments=1 (acesso em setembro 2019)

https://aminoapps.com/c/memes-hu3-br/page/blog/piadas-de-nego/zJeM_avcxuBPzVoPkvILqd0RBxBogna4GE (acesso em setembro de 2019)

<http://caveiranerd.blogspot.com/2015/03/memes-nego.html> (acesso em setembro de 2019)

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/globeleza-nayara-justino-entra-em-depressao-apos-o-carnaval-diz-jornal> (acesso 25/11/2021)

<https://www.geledes.org.br/apos-comentarios-racistas-de-que-nayara-justino-seria-muito-preta-globo-troca-globeleza-por-uma-mais-clara/#ixzz3fUbeZz47> (Acesso julho 2021)

<https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> (acesso 25/11/2021)

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/08/candidata-a-reitora-da-ufpel-e-alvo-de-ataques-racistas-em-reuniao-virtual-cke4cmdw002a013g780u2jhx.html> (Acesso em julho de 2021)

<https://www.diariopopular.com.br/geral/homem-e-detido-por-racismo-no-drive-thru-da-vacinacao-162474/> (Acesso em julho de 2021)

<https://fenadoce.com.br/a-feira/> (Acesso maio 2023)

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=357966197573358&set=corte-da-14%C2%AA-fenadoce-2006rainha-francine-soares-dias-centroprincesas-amanda-kro> (acesso junho 2023)

<https://pelotas.com.br/noticia/vice-prefeito-participa-da-escolha-da-nova-corte-da-fenadoce#:~:text=Conhe%C3%A7%C3%A7%C3%A3o%20as%20escolhidas,Bittencourt%20repre%20entando%20a%20Goldee%20Colch%C3%B5es>. (Acesso junho de 2023)

<https://www.instagram.com/p/CtAPIPcAPE1/?igshid=MTc4MmM1Yml2Ng%3D%3D> (acesso junho de 2023)

<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/do-pilar-ao-pelourinho/> (acesso 25/11/2021)

<https://www.letras.mus.br/dorival-caymmi/1622447/> (acesso 25/11/2021)

<https://wp.ufpel.edu.br/cid/pagina-exemplo/>

https://www.instagram.com/p/CSuTVJzLW09/?utm_source=ig_web_copy_link
(acesso em 14/10/2021)

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/globeleza-nayara-justino-entra-em-depressao-apos-o-carnaval-diz-jornal> (acesso 25/11/2021)

<https://revistamonet.globo.com/Series/noticia/2021/02/divulgadas-primeiras-imagens-de-serie-com-atriz-negra-interpretando-ana-bolena.html> > (acesso em 09/12/2021)

<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/27028/ana-bolena-negra-em-nome-da-diversidade-estao-querendo-deformar-a-historia> (Acesso em 10/12/2021)

<https://comentarios.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/27028/ana-bolena-negra-em-nome-da-diversidade-estao-querendo-deformar-a-historia> > (Acesso em 10/12/2021).

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/foto-dorothy-counts-racismo.phtml>

https://www.instagram.com/p/CW0QKA-usr8/?utm_source=ig_web_copy_link> (acesso em 07/12/2021)

https://www.instagram.com/p/BwZTIZgHXxm/?utm_source=ig_web_copy_link (Acesso em 14/12/2021)

<https://labomevisualidades.wixsite.com/xivisualidades> (Acesso novembro 2022)

<https://asaee-antropologia.org/wp-content/uploads/2023/06/PROGRAMA-MUESTRA-AUDIOVISUAL-1.pdf> (Acesso abril de 2023)

<https://economia.uol.com.br/listas/propagandas-acusadas-de-racismo.htm> (Acesso junho de 2023)

<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/tv/globo-e-processada-por-uso-de-boneco-com-cabelo-afro-como-esponja-no-bbb-cn67mbksdhk2ffvetk3kf20rc/> (Acesso junho de 2023)

<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/apos-acusacoes-de-racismo-bombril-retira-esponja-krespinha-de-site/> (Acesso junho de 2023)

<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/mulher-e-midia/bombril-e-acusada-de-racismo-por-campanha-com-empregada-domestica-negra/> (Acesso abril de 2022)

https://www.facebook.com/profile/100063661056687/search/?q=Charge%20JA&locale=pt_BR (Acesso junho de 2023)

<https://delas.iq.com.br/2021-10-20/racismo-camara-de-vereadores-porto-alegre-laura-sito.html> (Acesso setembro de 2022)

<https://noticiapreta.com.br/idosa-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-analogo-a-escravidao-no-rio/> (Acesso Maio de 2022)

<https://noticiapreta.com.br/voce-que-e-dessa-cor-tem-que-fazer-comigo-motorista-de-aplicativo-e-presos-por-racismo-e-tentativa-de-estupro/> (Acesso dezembro de 2020)

<https://www.politize.com.br/cultura-do-cancelamento/> (Acesso Setembro de 2021)

<https://www.geledes.org.br/universidade-que-investiga-blackface-em-gincana-ja-teve-alunos-com-fantasia-ligadas-a-grupo-extremista/> (Acesso junho 2022)

<https://www.facebook.com/search/top?q=blackface%20>

<https://www.facebook.com/profile/100000225512765/search/?q=Blackface>

<https://www.facebook.com/diariodamanhapelotas/posts/1510225658995480/>

<http://professorjoaquimdias.blogspot.com/2019/02/padre-ozy-fogaca-reportagem-nacional-em.html>

<https://ecult.com.br/topo/castelo-simoes-lobes-sera-tombado-pelo-estado>

https://www.facebook.com/profile.php?id=100063472963718&locale=pt_BR

<https://diariodamanhapelotas.com.br/site/predio-da-antiga-estacao-ferrea-sera-inaugurado-hoje/>

<http://pelotas.ifsul.edu.br/noticias/definida-programacao-de-aniversario-do-campus-pelotas>

https://www.facebook.com/people/EEEEF-Nossa-Senhora-Aparecida/100054242510525/?paipv=0&eav=AfYYbsWr5u26_ZkKYbrwSsfFizdCP7y_sjTO_jWUcSYNr5tuyQrF4B3zKPVm9sn_kA6Q&_rdr

<https://www.facebook.com/mocidadedo.simoes/photos>

<https://www.facebook.com/BafoDoSimoes>

<https://diariodamanhapelotas.com.br/site/solucao-para-passagem-do-trem-pelo-bairro-simoes-lobes-e-discutida-na-prefeitura/>

<https://gazeta-rs.com.br/2018-ano-de-bara-o-senhor-dos-caminhos-comandante-supremo-da-linha-de-exu-e-pombas-giras/>

<https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/>

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/estudante-gravida-vitima-de-enxurrada-de-ofensas-racistas-em-grupo-de-universitarios-17824462.html> (Acesso em 26/10/2021)

Apêndices

Apêndice A – Descrição e referência das imagens da entrada de cada capítulo

Introdução

Chaves- Representam o início de tudo, é o símbolo do orixá Bará, dono dos caminhos, nas religiões de matriz africana.

Disponível em: <https://gazeta-rs.com.br/2018-ano-de-bara-o-senhor-dos-caminhos-comandante-supremo-da-linha-de-exu-e-pombas-giras/> (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 1

Card com frase racista dita a um homem negro, com sua filha branca, durante abordagem policial. Disponível em: <https://ponte.org/policial-negro-presos-e-agredidos-conta-que-ja-era-perseguido-antes-de-entrar-na-corporacao/> (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 2

Anúncio de venda de escravos do século XIX, em São Paulo-SP. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/> (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 3

A Redenção de Cam, 1895 (Modesto Brocos)- Obra consagrada por tratar de questões raciais e populares no século XIX. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam> (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 4

Tia Nastácia e Dona Benta, personagens criadas pelo escritor Monteiro Lobato. Jacira Sampaio interpretou a Tia Nastácia entre 1977 e 1986. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Nast%C3%A1cia (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 5

Ruby Nell Bridges Hall é uma importante ativista norte-americana que luta contra a segregação racial. Aos seis anos de idade a menina se tornou a primeira criança afro-

americana a se matricular em uma escola para brancos em Nova Orleans. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ruby_bridges/> (acesso, agosto de 2023)

Capítulo 6

Antonieta de Barros, foi a primeira mulher negra eleita no Brasil e que, além de vários feitos, instituiu o Dia do Professor, a Lei Nº 145, de 12 de outubro de 1948. E a data viria a se oficializar no Brasil todo, 15 anos depois, pelo então Presidente da República João Goulart, precisamente em 1963.

Disponível em: < <https://brasil123.com.br/antonieta-de-barros-a-primeira-brasileira-negra-a-vencer-uma-eleicao/>> (acesso, agosto de 2023)

Cena do filme “Estrelas além do tempo”. Disponível em: <https://www.pretaenerd.com.br/2017/01/estrelasalemdotempo.html> (acesso julho,2022)

Apêndice B – Álbum Sonoro

Sugere-se visualizar o álbum sonoro no formato paisagem (horizontal), para uma melhor experiência visual:



UFPA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-graduação em Antropologia

Tese de Doutorado

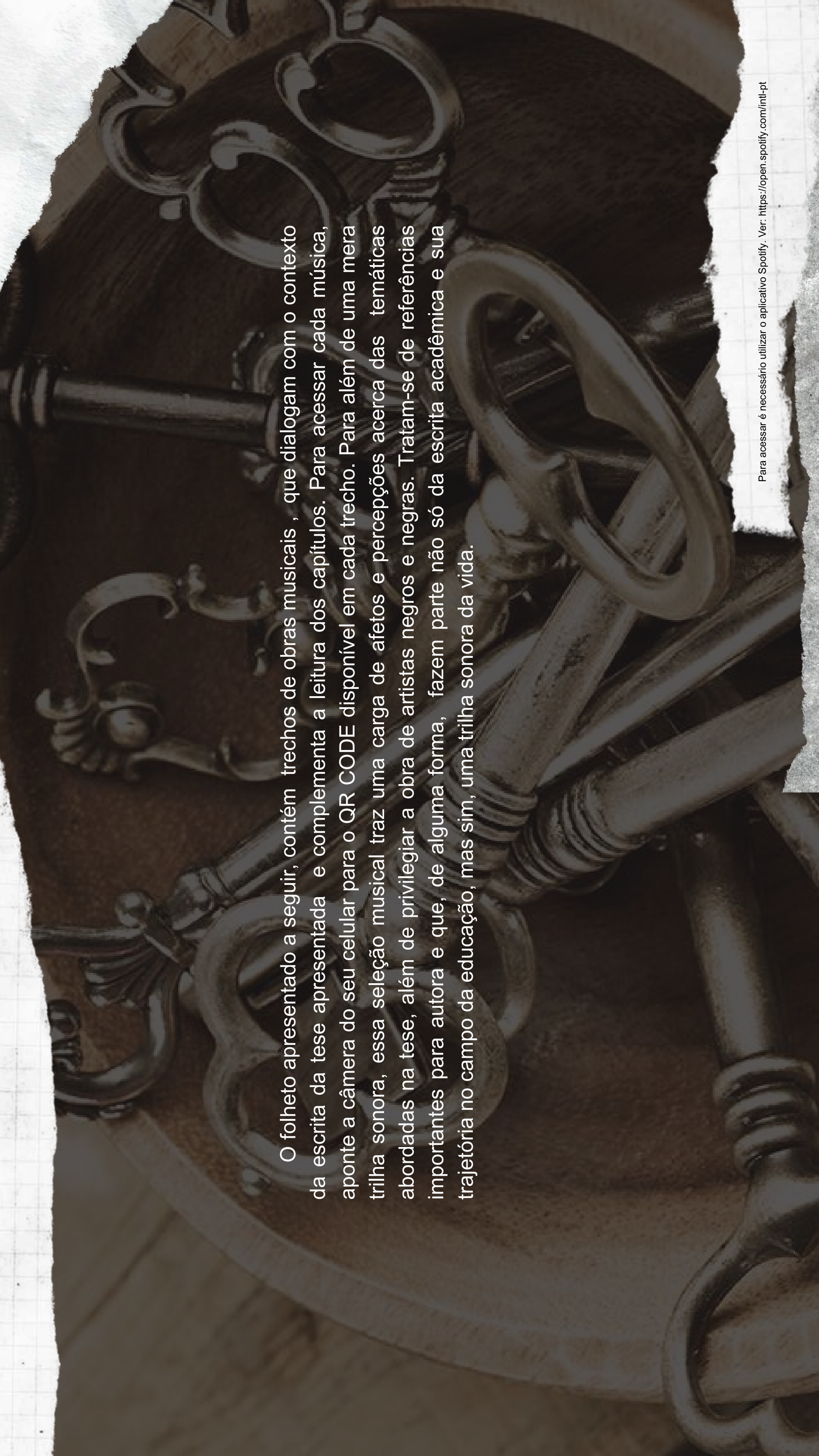


Mestrado | Doutorado

Educação como estratégia de subversão de presenças (in)visibilizadas: uma etnografia do entrelugar como (re)existência da negritude. Album Sonoro

Tereza Cristina Barbosa Duarte

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Louise Prado Alfonso



O folheto apresentado a seguir, contém trechos de obras musicais , que dialogam com o contexto da escrita da tese apresentada e complementa a leitura dos capítulos. Para acessar cada música, aponte a câmera do seu celular para o QR CODE disponível em cada trecho. Para além de uma mera trilha sonora, essa seleção musical traz uma carga de afetos e percepções acerca das temáticas abordadas na tese, além de privilegiar a obra de artistas negros e negras. Tratam-se de referências importantes para autora e que, de alguma forma, fazem parte não só da escrita acadêmica e sua trajetória no campo da educação, mas sim, uma trilha sonora da vida.

Bará

Légba kayo kayo (Legba recolhe a alegria)

Légba kayo kayo (Legba recolhe a alegria)

Légba siré Ògún (Legba divirta-se com Ogum)

Légba siré Ògún (Legba divirta-se com Ogum)

Légba’ siré siré
(Legba venha divertir-se)

Èsù lánà dí burúkú (Exu fecha o caminho para o mal)

Àbàdò dì burúkú (Eterno bloqueador do mal)

Àbàdò òbe nfara (Eterna faca que usa o corpo)

Mojúbà Èsù! (Reverencio ao Exu)

Bàrà !

Lóde Èsù! (Exu de fora)

Bàrà!

Lanà Èsù! (Exu do caminho)

Bàrà!

Èsù Olóde! (Dono da rua, Exu)

Èsù, Èsù Obara lánà (Dono do caminho, rei do corpo, Exu)



Frisete Andança Negritude Jr.)

"Mãe... tô com saudade... e canto pra você na esperança,
de que um dia a gente vai se encontrar...

Andar é viver... conhecer pra crer, olá
Alegria é um ser... divina luz pra você
E ao chegar... no destino a procurar
Ser a companheira... sempre contigo a lutar

Olá.....olá, olá, olá

Olá, olá, oláolá, olá

Olá.....olá, olá, olá

Olá, olá, olá.....olá, olá

E assim, de repente

Num piscar de olhos, contentes

Ví minha companheira.....padecer devagar

Se amar é sofrer

Eu não quero mais amar

Outra companheira.....igual àquela não há

Não há.....não há, não há, não há

Não há, não há, não há.....não há, não há

Não há.....não há, não há, não há

Não há, não há, não há.....não há, não há"





Eu



Reverend
a familia

Retirantes (Vida de Negro)

Dorival Caymmi
*fragmento

Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê

Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Eu quero morrer de noite, na tocaia me matar
Eu quero morrer de açoite se tu, negra, me deixar

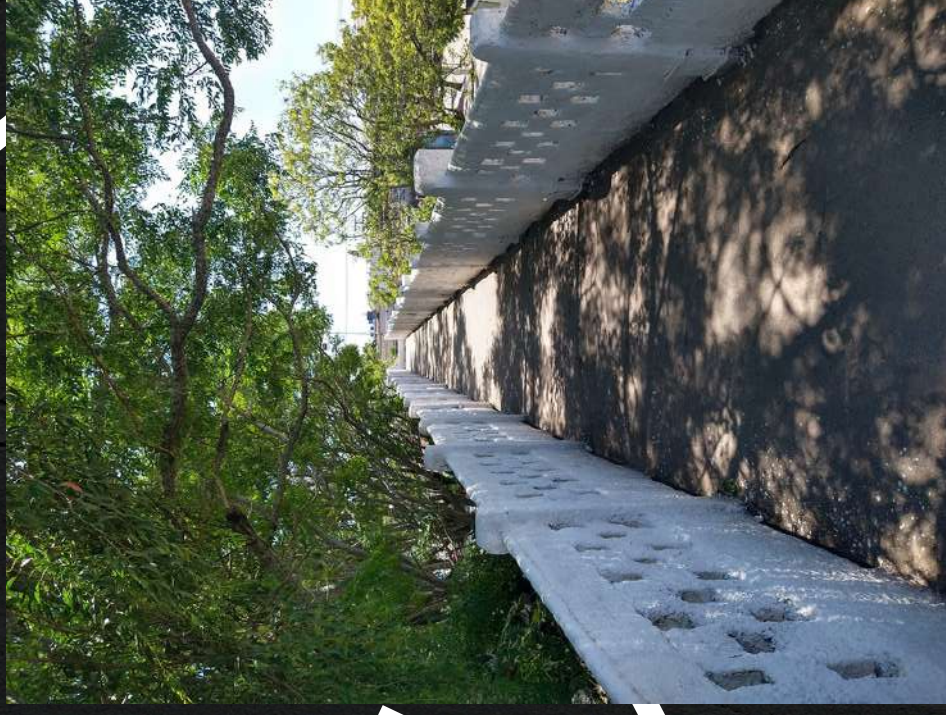
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Meu amor, eu vou-me embora, nessa terra vou morrer
Um dia não vou mais ver, nunca mais eu vou te ver

Vida de negro é difícil, é difícil como o quê
Vida de negro é difícil, é difícil como o quê

Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê
Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê



Sobre ser "do Limões..."



Salve

Zudizilla
(Fragmento)

“(...) Conta pro meu filho caso eu falhe
Conta caso eu falhe

Yay, salve gotuzzo, Barro Duro, Simões Lopes

Santa Terezinha, FBK, Dunas, Castilho
Areal, Pestano, Navegantes, Porto e as Doca

Fátima, Lindóia, BGV e a Farroupilha

Minha treta é com o sistema então não mosco

Tem que ter separado um pro advogado e um pra polícia

Minha treta é com o sistema então não mosco

Na Guabiroba aprendi que toda a quebrada é minha família
(...)

Me promete que vai contar pro meu filho

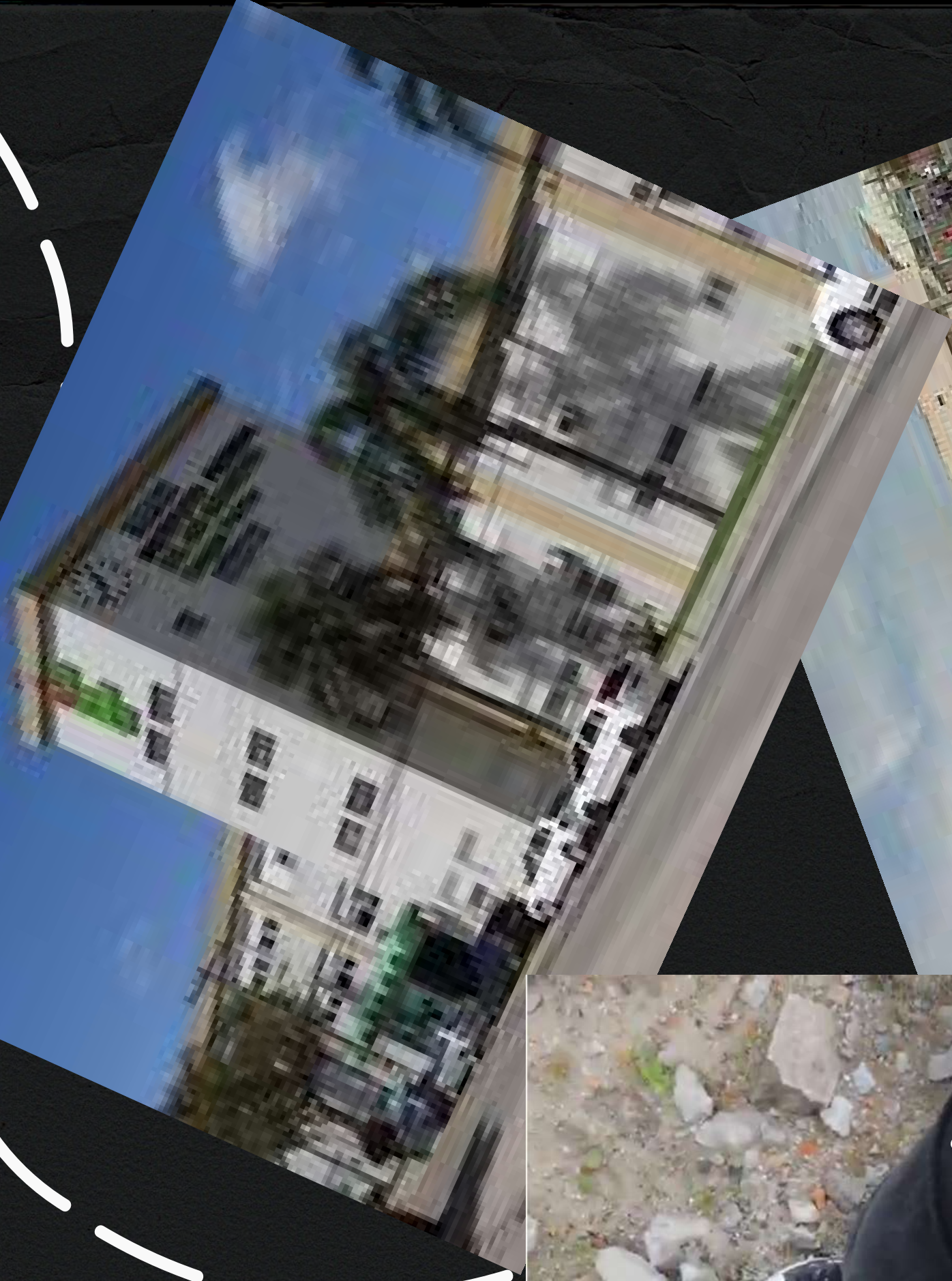
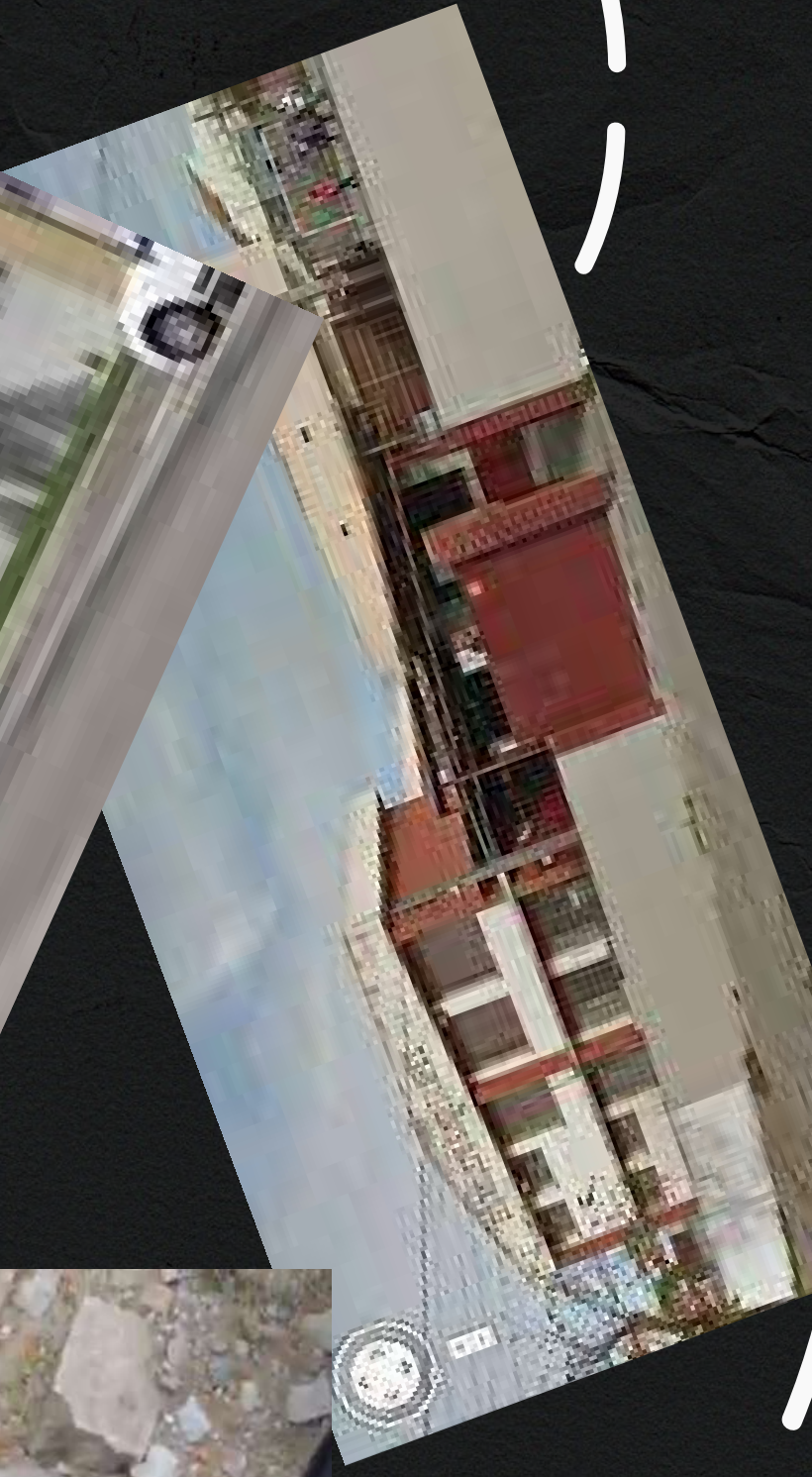
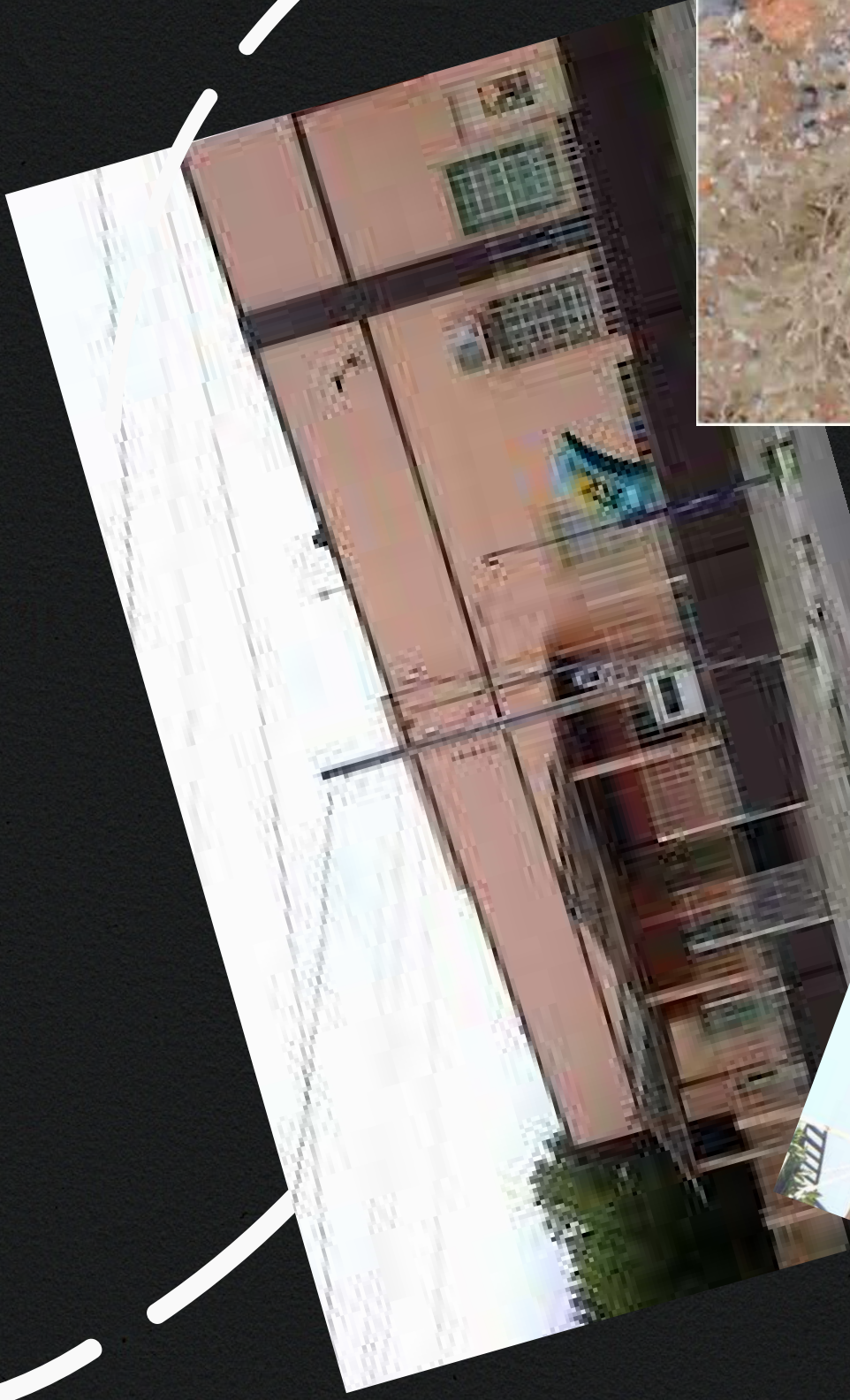
Que virei lenda na esquina

De uma cidade onde ninguém nos vê

Me promete, me promete, me promete, me promete(...)



soluções "dosimões..."



"Piuí, piuí é o apito do trem

Levanta, Limões!!! É hora de trabalhar!!!

A ferrovia, a produção vai (sic) carregando

É divisa, é progresso exportando

Do castelo ôôô, o bairro Limões se expandiu,

viva o esporte da massa

Ali o Xavante surgiu"



Sobre ser "do Simões..."



Identidade

Leei Brandão

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono

Sai desse compromisso

Não vai no de serviço

Se o social tem dono, não vai

Quem cede a vez não quer vitória

Somos herança da memória

Temos a cor da noite

Filhos de todo açoite

Fato real de nossa história

Se preto de alma branca pra você

É o exemplo da dignidade

Não nos ajuda, só nos faz sofrer

Nem resgata nossa identidade

Se preto de alma branca pra você

É o exemplo da dignidade

Não nos ajuda, só nos faz sofrer

Nem resgata nossa identidade



Sobre ser "do Limãoe..."



O meu castelo tem um quarto só
E amianto pra colir minha cabeça
Meu guarda roupa é feito de uma só gaveta
E mora lá, o passarinho verde da esperança

Quem tenta incessantemente alcança
No balanço das andanças aprendi sobreviver
Quem tenta incessantemente alcança
No balanço das andanças aprendi sobreviver

Vida dolorida pra lá de sofrida
Pra encher a barriga é preciso suar
Banho de caneco, partiu pro boteco
Pagode e cerveja pra anestésiar

Valei-me poderoso Deus, olhai esse polbre aprendiz
Não tenho dinheiro, nem carro maneiro
Meu samba me basta e me deixa feliz

Valei-me poderoso Deus, olhai esse polbre aprendiz
Não tenho dinheiro, nem carro maneiro
Meu samba me basta e me deixa feliz



Castelo de Um Quarto Só

(Renato da Rocinha)

*fragmento

Estereótipo

(Rashid) *fragmento

Querem mandar no que eu visto, querem julgar quem eu sou
Querem anular o que eu conquisto e que eu fique só com o que sobrou
Pode procurar nos registros, meu, o que fazem com a nossa cor
E se você é mais um tipo eu, resista onde quer quer for

Porque

Somos todos alvos, somos todos alvos aqui!
Somos todos alvos, somos todos alvos aqui!
Somos todos alvos, somos todos alvos aqui!
Somos todos alvos, somos todos alvos aqui!

Um dos 5 moleques no carro no Rio, podia ser eu
Ou o Douglas que se foi no Jardim Brasil, podia ser eu
Outro inocente morto a noite e ninguém viu, podia ser eu
E em nenhum desses casos cê nada sentiu, só se fosse eu!
Faz tempo que a rua não é fábula, vim tipo rábula
Pelos meus com discurso pra encalular

Conteúdo! Boy, senta o rabo lá
E me escuta, cansei do estábulo, não vou te adular
Com essa stábilô em mãos escrevi coisas que me levaram a

congalular

Na facul que você curte cabular
Falamos de chances, mas aviso

Não existe igualdade pra quem tem que correr atrás de quase 400
anos de prejuízo



Atravessei o céu e o mar
Mesmo só tendo pouco
Mesmo só entre vários

Mesmo só crendo em meus próprios meios
Meus planos próprios que me mantinham à parte
Porém, rota de confronto, eu me encontro
Não com o corre dos outros

Eu colidi com meu próprio sonho
Me desfaço em pedaços e monto meu
Reinado eu construo em escombros
Intranspassável, intransponível, impetuoso igual um
dono

Sem espaço pra ego inflado ao redor do meu trono
Nem espaço pra espírito opaco, sou igual ao meu povo



"TELA EM BRANCO"

Zudizilla, Monique Britto e Ali Jamal(Fragmento)

C. Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera a minha visão
Foi tanto sim que agora digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Quero saber sobre o que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não dê limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não(.)



Dona de Mim
(Lga Fragmento)

Levanta e Anda (part. Rael da Rima)

(Emicida)

*fragmento

Ç..) Quem costuma vir de onde eu sou
As vezes não tem motivos pra seguir!
Então levanta e anda, vai, levanta e anda

Vai, levanta e anda

Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
Coisas que te faz prosseguir!

Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda

Irmão, você não percebeu
Que você é o único representante
Do seu sonho na face da terra
De isso não fizer você correr, chapa
Eu não sei o que vai

Eu sei (aei!), cansa
Quem morre ao fim do mês
Nossa grana ou nossa esperança
Delírio é, equilíbrio

Entre nosso martírio e nossa fé
Foi foda contar migalha nos escuro
Lona preta esticadas, enxada no ombro
E nada vim, nada enfim

Recria sozinho

Com a alma cheia de mágoa e as panela vazia
Sonho imundo, só água na geladeira
E eu querendo salvar o mundo



*"O que fizemos aos senhores
Além de nascer com essa cor?"*

*E de sorrir lindamente diante
De nossa amiga dor?"*

A Cena

(Rashid)

*fragmento



Gratidão!

terezacduarte@gmail.com
terezaantropologia@gmail.com

Acesse a playlist completa aqui

